

GIANCARLO BAZARELE MACHADO BRUNO

A CONDUTA E O ESTILO DE ENSINO/TREINO DOS
TREINADORES: A QUADRA COMO UM ESTUDO DE CASOS

Florianópolis, SC
2006.

A CONDUTA E O ESTILO DE ENSINO/TREINO DOS TREINADORES: A QUADRA COMO UM ESTUDO DE CASOS

por

Giancarlo Bazarele Machado Bruno

Dissertação apresentada ao
Programa de Mestrado em Educação Física
da Universidade Federal de Santa Catarina,
na sub área da Prática Pedagógica, como requisito
parcial à obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Fevereiro, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A dissertação: **A CONDUTA E O ESTILO DE ENSINO/TREINO DOS
TREINADORES: A QUADRA COMO UM ESTUDO DE
CASOS**

Elaborada por: **GIANCARLO BAZARELE MACHADO BRUNO**

e aprovada, por todos os membros a Banca Examinadora, foi aceita pelo Curso de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA
**Área de concentração: Teoria e Prática Pedagógica em
Educação Física**

Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento
Coordenador do Mestrado em Educação Física

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Viktor Shigunov (orientador)

Prof. Dr. Flávio Medeiros Pereira

Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento

MENSAGEM

DAS UTOPIAS

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos se não fora
A mágica presença das estrelas!

Mario Quintana - Espelho Mágico

HOMENAGEM

À Maria minha namorada, pela cumplicidade e amor.
À minha família, minha mãe Evani, minhas irmãs
Giordana, Giuliana e ao meu afilhado Bruno.
Obrigado mãe por ter me criado para o “mundo”.

DEDICATÓRIA

In memoriam

À Darci Bruno, meu pai, saudades daquele
que como sonhador me ensinou a sonhar.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento - termo que define ato de agradecer, de reconhecer colaborações recebidas - ato que dá a dimensão da construção social do conhecimento que ultrapassa a solidão das elaborações individuais. Nomear todas as pessoas que colaboraram direta ou indiretamente para a construção dessa pesquisa não é tarefa nem breve, nem possível. Assim, restringe-se o campo de agradecimentos às pessoas cuja colaboração foi fundamental neste processo.

A CAPES pelo apoio a realização dessa investigação.

À Fundação Municipal de Esportes de Blumenau e aos treinadores da categoria masculina de esportes de quadra da cidade de Blumenau, por oportunizarem a realização dessa investigação.

Ao meu orientador Professor Viktor Shigunov, pelo envolvimento com a realização dessa investigação e aos membros participantes da banca professores: Flávio Medeiros Pereira, Juarez Vieira do Nascimento, Saray Giovana Santos e Adroaldo César Gaya; pelas contribuições e orientações durante todo o desenvolvimento dessa dissertação.

Aos alunos do Curso de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina pelo coleguismo e incentivo.

Ao Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina e aos Professores do Programa de Mestrado em Educação Física.

Agradeço a minha nova família em Florianópolis, Manoel e Preta, e ao seu filho Manrique que com seu sorriso colaborava para tornar os dias mais lindos.

À família Donegá, pelo tratamento “filial e irmanal” recebido durante minha coleta de dados, minha eterna gratidão.

E enfim, a todos que auxiliaram direta e indiretamente nesse trabalho.

RESUMO

A CONDUTA E O ESTILO DE ENSINO/TREINO DOS TREINADORES: A QUADRA COMO UM ESTUDO DE CASOS.

Autor: Giancarlo Bazarele Machado Bruno

Orientador: Viktor Shigunov

Este estudo foi realizado durante a fase pré-competitiva dos 45° Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC). Teve como objetivo investigar a conduta e estilo de ensino/treino de treinadores dos esportes de quadra da cidade de Blumenau que disputariam os JASC. O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa multicase de caráter descritivo exploratório. Foi realizada uma entrevista semi-estruturada, com quatro treinadores, e aplicados questionários para detectar o auto-conceito sobre conduta e estilo de ensino/treino das equipes masculinas de esportes de quadra (handebol, basquetebol, voleibol e futsal). Além disso, ocorreu a observação sistemática do ambiente das sessões de treino com gravação de voz e a filmagem de uma sessão de padrão de treino. Os resultados obtidos com a investigação foram relacionados à formação acadêmica, à experiência e à concepção de ensino; dos treinadores participantes, três possuem graduação e um é provisionado; os motivos da escolha pela carreira de treinador foram através do envolvimento como atletas da área; todos os treinadores exerceram a profissão antes de formados; os trabalhos mais relevantes citados foram os títulos alcançados e os atletas revelados; o planejamento segundo os treinadores depende do tempo disponível e da qualidade dos atletas; para controlar o treino usam em sua maioria o “*feeling*” pessoal; e também apresentam diferentes concepções de ensino. A conduta dos treinadores nos treinos mostra que reagem reforçando a realização correta; frente aos erros e fracassos usam mais o *feedback* de orientação técnica; para as condutas inadequadas mantiveram o autocontrole. Já, nos aspectos das dimensões da produtividade e da humanista destacaram-se: características fortes das duas dimensões e preocupação tanto com o resultado quanto com a formação de indivíduos com valores éticos e humanos. Na linguagem não verbal todos usaram gestos de apoio e a forma de uso desta linguagem foi instintiva. Evidenciaram-se os códigos não verbais específicos de cada esporte. Pela complexidade do treino algumas atitudes foram emergentes, entre elas a observação silenciosa, a atitude mais usada, a posição do treinador durante o treino foi a mesma da competição, e ainda o uso de palavras-chave, para facilitar a instrução, além da autonomia dos atletas para iniciar o treino. Pode-se dizer que os treinadores observados, apesar das suas idiossincrasias, seguiram com sucesso os ditames da teorização do treinamento.

Palavras-chave: treinadores, estilo de ensino/treino, conduta, esportes de quadra.

ABSTRACT

THE CONDUCT AND THE STYLE OF TEACHING/TRAINING OF COACH: THE COURT AS A STUDY OF CASES.

Author: Giancarlo Bazarele Machado Bruno

Advisor: Viktor Shigunov

This study was accomplished during the pré-competitive phase of the 45° Open Games of Santa Catarina (OESC). It had as objective investigate the conduct and style of teaching/training of the court sports in the city of Blumenau that would dispute OESC. The present study is characterized as a research multicases of exploratory descriptive character. A semi-structured interview was accomplished, with four trainers, and applied questionnaires to detect the auto-concept about conduct and style of teaching/training of the masculine teams of court sports (handball, basketball, volleyball and futsal). Besides, it happened the systematic observation of the atmosphere of the training sessions with voice recording and the filming of a session of training pattern. The results obtained with the investigation they were related to the academic formation, to the experience and to the teaching conception; of the participant trainers, three possess graduation and one is not graduated; the reasons of the choice for trainer's career were through the involvement as athletes of the area; all the trainers exercised the profession before having formed; the mentioned most important works were the reached titles and the revealed athletes; the planning according to the trainers depends on the available time and of the athletes' quality; to control the training they use in your majority the "personal feeling"; and they also present different teaching conceptions. The trainers' conduct in the trainings display that they react reinforcing the correct accomplishment; front to the mistakes and failures use more the feedback of technical orientation; for the inadequate conducts they maintained the selfcontrol. However, in the aspects of the dimensions of the productivity and of the humanist they stood out: characteristics forts of the two dimensions and concern so much with the result as with the individual's formation with ethical and human values. In the language non verbal all used support gestures and the form of use of this language was instinctive. They were evidenced in the codes non verbal specific of each sport. For the complexity of the training some attitudes were emergent, among them the silent observation, the attitude more used, the trainer's position during the training went to the same of the competition, and still the key word use, to facilitate the instruction, besides the athlete's autonomy to begin training. It can be said that the observed trainers, in spite of yours idiosyncrasies, they proceeded with success the precept of the teorization of the training.

Key words: coaches, teaching/training style, conduct, court sports.

ÍNDICE

	Página
LISTA DE ANEXOS	ix
LISTA DE FIGURAS	
x	
LISTA DE QUADROS	xi
I. O PROBLEMA	1
Introdução	
Objetivo geral	
Justificativa do estudo	
II. REVISÃO DE LITERATURA	5
Os esportes na Teoria dos Jogos Esportivos de Oposição e Cooperação	
Caracterizando o ser treinador	
Conduta e estilo de ensino/treino: considerações iniciais	
III. METODOLOGIA	36
Caracterização do estudo	
Amostra	
Instrumentos	
Procedimentos	
IV. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	45
Formação acadêmica, experiência profissional e concepção de ensino	
A conduta reativa dos treinadores	
Aspectos sobre a dimensão da produtividade	
Aspectos sobre a dimensão humanista	
A linguagem não verbal: revelando condutas	
Atitudes emergentes	
V. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	78
Evidências do estudo	
Recomendações	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85
ANEXOS	94

LISTA DE ANEXOS

Anexo	Página
Anexo I - Modelo da carta de apresentação encaminhada ao Secretário de Esportes do Município envolvido e documento de ciência e parecer da instituição	95
Anexo II - Modelo de termo de consentimento livre e esclarecido encaminhado aos participantes do estudo e declaração de cumprimento do termo pelo pesquisadores	98
Anexo III - Modelo do roteiro da entrevista realizada com os treinadores responsáveis pelas equipes de esportes de quadra	101
Anexo IV - Roteiro de entrevista sobre formação, experiência como jogador, experiência profissional e concepção de ensino	103
Anexo V - Questionário da avaliação da conduta	106
Anexo VI - Questionário de avaliação do estilo de ensino/treino nas dimensões da produtividade e humanista	108
Anexo VII - Grelha de observação da conduta e estilo de ensino/treino durante os treinos	111
Anexo VIII - Parecer do comitê de ética da UFSC	114

LISTA DE FIGURAS

Figura	Página
Figura 1 - Componente da aprendizagem nos JEOC	6
Figura 2 - Modelo de análise da relação pedagógica em esporte	9
Figura 3 - Sistema de pólos do treinamento	31
Figura 4 - Representação da triangulação de dados	37

LISTA DE QUADROS

Quadros	Página
Quadro I - Classificação dos JEOC em função de diferentes categorias	7
Quadro II - Modelos de treinador	16
Quadro III - Classificação dos treinadores quanto à experiência e tempo de formação	46
Quadro IV - Pontos fortes e fracos do curso de graduação dos treinadores	48
Quadro V - Área preferencial de atuação e motivo da escolha da profissão	50
Quadro VI - Respostas sobre a experiência enquanto atleta	51
Quadro VII - Pontos fortes e fracos do conhecimento sobre o esporte	53
Quadro VIII - Fonte de conhecimento e o peso relativo de cada fonte	54
Quadro IX - Qualidades e virtudes do treinador	59
Quadro X - Âmbitos de formação e componentes	60
Quadro XI - Condutas do treinador em situação de treino	62
Quadro XII - Ações não verbais durante o treino	73

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 O Problema e sua importância

Nos dias atuais, o processo de treino evoluiu buscando alternativas para melhorar o desempenho atlético e a performance das equipes esportivas. A tecnologia aparece buscando seu espaço no ambiente esportivo. Além da evolução tecnológica, os outros aspectos ligados ao treino também estão sofrendo mudanças, sejam nas metodologias, nas técnicas, nas táticas, nos estudos de biomecânica, entre outros. Os treinos são cada vez mais multidisciplinares, e também interdisciplinares. Grande parte dos treinadores utiliza-se de uma equipe de apoio composta por diversos profissionais (auxiliares, preparadores físicos, médicos, fisiologistas, nutricionistas, psicólogos).

Todo treinador consciente sabe que, além de ter uma equipe para dividir e especializar tarefas, a utilização de uma metodologia adequada e bem empregada, aliada a uma conduta positiva e um estilo de ensino/treino calcado em conceitos bem definidos pode ser o diferencial para a obtenção do sucesso no esporte.

A influência desses fatores nos resultados, a distribuição e organização pedagógica dessa preparação poderão diferenciar uma equipe comum de uma equipe realmente de alto nível.

Neste contexto do esporte de alto nível, os Jogos Esportivos de Oposição e Cooperação (JEOC) ocupam um lugar de destaque entre os esportes em geral, estando entre os mais praticados pela população em geral.

Para Greco (1995), a estrutura de rendimento dos JEOC está na ênfase em competição, valorizando as situações reais de jogo que são de uma forma geral reproduções de parte do jogo em si.

A função de treinador adquire um “status” na sociedade de acordo com a evolução desta enquanto ocupação/profissão.

O treinador se torna na maioria das vezes o modelo de conduta mais presente na formação dos atletas, exercendo grande influência nas ações desses. Para melhor explicitar estas relações Barbanti (1996) considerou que os treinadores, preparadores físicos, instrutores, monitores têm grande influência sobre as pessoas com quem trabalham através daquilo que dizem e fazem. Por isso eles são modelos. Devendo ter valores a defender, entusiasmar os outros, ser otimistas e motivar as pessoas, sem esquecer que cada uma delas deve ser respeitada na sua individualidade, contribuindo sempre para elas alcançarem o que desejam, tanto no esporte como na própria vida.

O interesse da comunidade científica pelo treinador, e pelo seu papel e pela sua função no treino de jovens, é relativamente recente, tomando-se como referencial a investigação sobre a intervenção do professor na escola. A intervenção do treinador no esporte de rendimento também tem sido objeto de alguns estudos mais recentes (Sarmiento, 2005; Mesquita, 2004; Afonso, 2001), merecendo ainda uma exploração ampla e profunda desse objeto de estudo.

Muitos estudos descrevem a figura do treinador encaminhando relações sobre sua prática (Araújo, 1994 e 1997; Marques, 2001; Rodrigues, 1997; Vasquez e Gayo, 2000). Em seu texto Marques (2001) reforça a atuação do treinador enquanto profissional do esporte e revela o seu papel real para além das questões específicas do treino.

Já Rodrigues (1997), em sua descrição da figura treinador, destaca os aspectos que orientam um treinador de sucesso. Vásquez e Gayo (2000) ainda ponderam que o treinador se efetiva como um gestor que deve envolver-se em atividades extra-treino mantendo o mesmo profissionalismo de dentro da quadra. O comportamento do treinador estabelece reações em todos que o cercam sejam eles os atletas ou outros envolvidos no processo de treino.

Autores como, Bento (2004a), Garganta (1998), Mesquita (2004), entre outros, consideram o esporte como instrumento de formação das gerações mais jovens.

Entender a conduta do treinador em situação de treino e seu estilo de ensino/treino dentro das dimensões humanista e da produtividade pode auxiliar no entendimento da magnitude do “ser” treinador, elemento primordial do processo esportivo. As suas reações, a sua formação, a sua filosofia implementada através da valorização do atleta e as ações durante o processo de treino instigam a

criação de novos e profundos estudos na área de Educação Física. Assim, o presente estudo pretende responder o seguinte problema: Qual a conduta e estilo de ensino/treino de treinadores dos esportes de quadra, da cidade de Blumenau, participantes dos Jogos Abertos de Santa Catarina?

1.2 Objetivo Geral

Analisar a conduta e estilo de ensino/treino de treinadores da categoria adulta naipe masculino de esporte de quadra da cidade de Blumenau, Santa Catarina.

1.2.1 Objetivos Específicos

Para o estudo estabeleceram-se os seguintes objetivos:

- Identificar as diferentes condutas dos treinadores de esportes de quadra da cidade de Blumenau;
- Detectar as características relacionadas ao estilo de ensino/treino nas dimensões humanista e produtividade;
- Verificar outros aspectos emergentes relacionados à conduta e ao estilo de ensino/treino;
- Avaliar as diferenças e semelhanças entre os treinadores de esportes de quadra da cidade de Blumenau;
- Interpretar a linguagem não verbal nos procedimentos do treinador.

1.3 Justificativa do Estudo

A importância do tema se configura na necessidade de entender como são desenvolvidas as atividades do treinador, tendo como intenção detectar sua conduta reativa e espontânea durante o processo de treino. Há também a necessidade de diagnosticar o estilo de ensino/treino relacionado a duas dimensões: da produtividade e da humanista. A relação entre estas duas dimensões pode denotar a preocupação do treinador enquanto formador, ou ainda a sua preocupação apenas com o resultado.

Considera-se que o treinador é uma pessoa equilibrada que reage de forma cordial às ações dos atletas, sempre preocupado com a sua segurança e seus sentimentos, mas isto não é perfeitamente claro quando se observa os mais diversos treinadores na sua atuação do dia-a-dia. Por vezes, durante o processo de treino, as atitudes do treinador são diferentes durante uma competição. Assim, quais as condutas de treinadores em situação de treino? Qual seu estilo de ensino/treino? O que se pode observar durante os treinos que não fica explícito em jogos?

Existia a expectativa de encontrar respostas para essas dúvidas mais emergentes, para tanto a forma como foi conduzido o estudo e sua metodologia possibilitou novas descobertas, tentando preencher algumas lacunas da figura do treinador.

É sabido que, além das relações com os atletas, os treinadores têm um forte auto-conceito, e esse foi um dos pontos explorados nessa pesquisa, possibilitando ao final das observações e da entrevista com o treinador demonstrar as relações dessa com as demais categorias de análise.

A figura do treinador dentro da área de Educação Física está posta de forma explícita e valorizada. Hoje pode visualizar-se a profissão de treinador de alto nível como uma das mais almejadas pelos profissionais em formação.

Dessa forma, o processo de formação de treinadores deve ser objeto de investigações futuras, assim como estudos com diferentes metodologias devem ser confrontadas com a figura do treinador.

Parece que um esporte de dimensões humanas foi um dos objetivos dos treinadores, principalmente quando falavam sobre a fase de formação. O treinador pode ser considerado modelo para o atleta, e os atletas, enquanto ídolos estimulam jovens a praticar diferentes modalidades. Assim agir com ética, propor valores humanos, solicitar respeito, entre outras características faz-se necessário em face de esta idolatria.

Acredita-se que esta investigação possa colaborar com a sedimentação da figura do treinador como sujeito de conduta exemplar e com o ensino baseado em valores concretos e humanos.

Assim, através do esporte de valores morais, e do treinador como figura expoente, demonstrar as condutas e estilos de ensino/treino condizentes a melhor formação dos atletas enquanto seres humanos.

CAPÍTULO II

REVISÃO DE LITERATURA

Esta revisão de literatura tem por objetivos: (a) fundamentar o problema, os objetivos, e as perguntas da pesquisa; (b) evitar a réplica não intencional de estudos já realizados; (c) familiarizar o pesquisador com o conhecimento atual da área objeto de estudo e com procedimentos metodológicos adotados em outras pesquisas; e (d) construir a moldura conceitual para a interpretação dos resultados da investigação.

Neste capítulo de revisão de literatura, serão abordados temas, considerados como pontos-chaves de ligação no estudo da conduta e estilo de ensino/treino em Treinadores, que são: Os esportes de quadra na teoria dos Jogos Esportivos de Oposição e Cooperação; Caracterizando o “Ser Treinador”; Conduta e Estilo de ensino/treino: considerações.

2.1 Os esportes de quadra na teoria dos Jogos Esportivos de Oposição e Cooperação

O Esporte tem se manifestado com destaque no cenário esportivo nacional, desde o final do século XIX com o futebol, e no decorrer do século XX, com outras modalidades como o Basquetebol, o Voleibol, o Futsal e o Handebol. (Balbino, 2005)

Os Jogos Esportivos de Oposição e Cooperação (JEOC) constituem na atualidade uma realidade sociocultural que ocupa lugar significativo nas sociedades contemporâneas, cuja importância educativa está relacionada ao desenvolvimento e a formação multilateral do ser humano. (Garganta, 2004)

Essa denominação de JEOC foi recentemente usada pelo professor português Júlio Garganta, tornando-se uma descrição mais ampla e condizente com a profundidade desses jogos. No entanto, não se descartou as afirmações

de autores importantes na evolução dos jogos, adaptando o termo para JEOC, termo que não será encontrado nos originais mas que vem a facilitar a leitura e a compreensão do texto.

O mesmo autor descreve que se pode considerar como JEOC de quadra: o Handebol, o Voleibol, o Futsal e o Basquetebol.

Os JEOC são para Teodorescu (1984) uma manifestação social organizada, específica na sua realização prática, com caráter lúdico e processual do exercício físico, no qual os indivíduos estão organizados coletivamente em duas equipes, numa relação de adversidade típica, não hostil.

Pretende-se, no caso dos JEOC, que o jogador nas etapas de formação esportiva adquira bases em quatro domínios que se pode observar na figura 1.

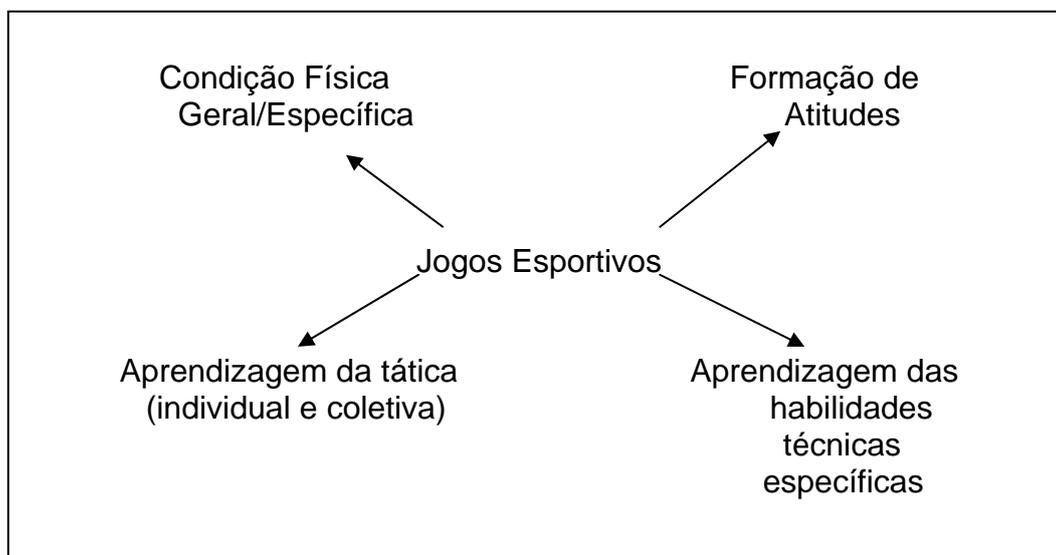


Figura 1 - Componentes de aprendizagem nos JEOC (Mesquita, 1997).

Os componentes da aprendizagem da figura 1 demonstram a recente preocupação com o aspecto da formação das atitudes. Além dos já conhecidos componentes físico, técnico e tático surge o aspecto formativo do indivíduo, assim os benefícios apregoados dos JEOC vão além da melhoria no aspecto físico ou coordenativo. As atitudes frente ao ambiente de jogo (“Fair Play”, respeito para com os adversários, ética, valores humanos desenvolvidos, entre outros) podem de certa forma ser extrapolados para o dia-a-dia do indivíduo. Assim, os JEOC devidamente ensinados deixam um legado para a vida toda.

Para melhor entender a dinâmica dos JEOC, Graça e Oliveira (1995) descrevem as diferentes categorias de referência, como descrito no quadro I.

O quadro I destaca a variedade dos esforços nos JEOC, além das características mais específicas de invasão (basquete, handebol e futsal) e de não invasão (voleibol).

Quadro I

Classificação dos JEOC em função de diferentes categorias (Graça e Oliveira, 1995).

CATEGORIAS	CLASSIFICAÇÃO
Fontes energéticas básicas	Aeróbico, anaeróbico, mistos.
Ocupação do espaço	De invasão, de não invasão.
Disputa de bola	De disputa direta, de disputa indireta.
Trajétórias predominantes e com variação	De troca de bola, de circulação de bola.

Garganta (1992) ressalta que entre os JEOC encontram-se algumas semelhanças. Quanto ao aspecto motor o Handebol, o Voleibol e o Basquetebol, são parecidos porque são jogados com as mãos, enquanto o Futsal é jogado com os pés. Quanto à dimensão da quadra e implementos, o Handebol e o Futsal utilizam as mesmas dimensões de quadra e a mesma baliza como implemento para a sua execução. Quanto à posse de bola no Basquete e Handebol é possível agarrar-se à bola. Quanto à natureza das relações de cooperação e de oposição, Basquetebol e Futsal podem ser incluídos no mesmo grupo. Ainda a possibilidade de contato e a existência de dois alvos agrupariam o Handebol, Basquetebol e Futsal.

Saad (2002) destaca que em um universo tão vasto como o dos JEOC, as pontes ou ligações mais viáveis parecem ser aquelas que podem estabelecer-se entre o Handebol, o Basquetebol, o Futebol e o Futsal.

Os indivíduos se reúnem em grupos para juntos alcançarem objetivos em comum, e os motivos dessa reunião em grupo podem ser: políticos, econômicos, sociais e de competitividade. (Rubio e Simões, 1998).

Afonso (2001) diz que diversos investigadores (treinadores, professores, cientistas, entre outros) têm se debruçado em estudos multidisciplinares, elevando os JEOC a uma categoria científica de estudo (processo evolutivo).

Além dos objetos comuns de estudo como tática e técnica, surgem outros do plano cultural e social.

Relacionado ao ambiente de treino/competição pode-se agrupar os quatro esportes de quadra estabelecendo novas pontes de ligação relacionada aos fatores exógenos. Assim formam esta categorização, o Handebol, Voleibol, Futsal e Basquetebol. Esportes que foram analisados nesse estudo.

Cabe salientar que as formas de prática dos JEOC coincidem com os do estudo de Pereira e Bruno (2002) onde as formas populares de prática ocorrem em espaço nem sempre de medida regulamentar adequada e em local coberto em virtude do clima.

2.2 Caracterizando o Ser Treinador

O quadro teórico de referência apóia-se no estudo de Rodrigues (1997), que procurou descrever e caracterizar o comportamento do treinador em situações de treino no voleibol. Nesse estudo foram observados 10 treinadores do sexo masculino da 1ª e 2ª divisões da Federação Portuguesa. E estas foram separadas em categorias para posterior análise.

Para Rodrigues (1997) o paradigma de Presságio-Processo-Produto tem sido o mais utilizado nas poucas investigações pedagógicas que incidem sobre o treino. O referido autor adaptou o modelo de análise de Pierón (1986) ao treino em Esporte, tendo os vários grupos de variáveis como é evidenciada na figura 2.

- De presságio;
- De processo;
- De contexto;
- De programa;
- De produto.

As variáveis relacionadas às características do treinador, como evidenciado na figura 2, são as de presságio, e que podem exercer influência sobre os treinos. Tais como: a formação inicial do treinador, a experiência

profissional acumulada no processo de treino; a formação continuada à qual vai sendo submetido decorrendo das necessidades do próprio treino; as características pessoais intrínsecas, como a motivação, a inteligência, a personalidade, valores e outros (Rodrigues, 1997).

As variáveis de processo dizem respeito aos comportamentos e interações susceptíveis de acontecerem no treino ou mesmo na competição (Rodrigues, 1997). No presente estudo foram avaliados os treinos detectando os principais comportamentos relacionados à conduta e estilo de ensino/treino do treinador, relacionado às dimensões humanista e da produtividade. As variáveis de contexto foram descritas apenas como forma de controle, para assim configurar o ambiente de treino.

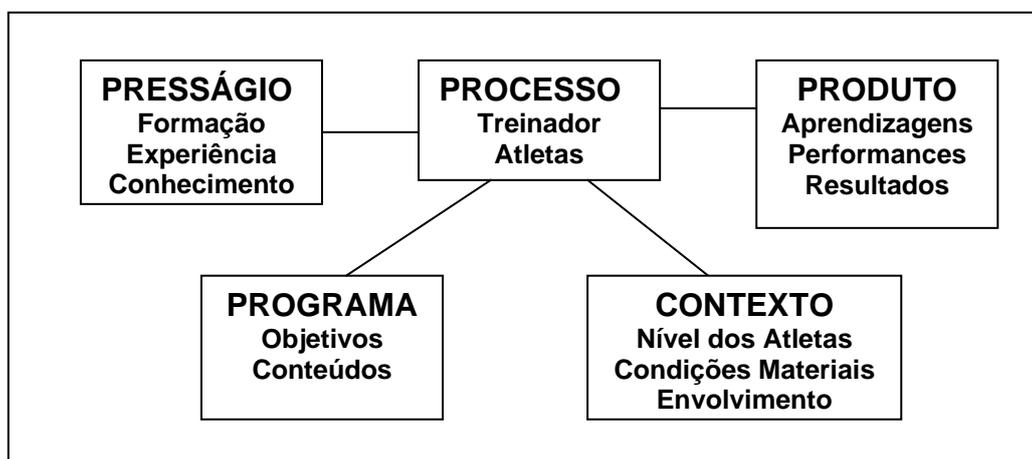


Figura 2 - Modelo de Análise da Relação Pedagógica em Esporte, Rodrigues (1997).

Sobre a profissão de treinador, Becker Jr. (2000) descreve como sendo uma das mais difíceis, em contrapartida das mais gratificantes. Atrelando esta gratificação à vitória (sucesso) que proporciona o crescimento individual e reconhecimento pelos pares, atletas e sociedade, podendo receber uma boa quantia para executar tal função. Esses são considerados os motivos que levam a escolha da profissão de treinador. Becker Jr. ainda escreveu que o treinador deve ter qualidades de um professor, tendo conhecimento sobre o que vai ensinar e habilidade para executar a tarefa.

No contexto da valorização da profissão de treinador, Shigunov (1998) relata que para exercer a função com competência, o profissional deve apresentar inúmeros pré-requisitos e aptidões que são inerentes à referida

profissão, como o conhecimento da modalidade, a motivação e a empatia em sua relação afetiva com os atletas.

Para Bizzochi (2000) o treinamento de uma equipe coletiva, se configura numa prática pedagógica. Deve-se exigir que o treinador apresente domínio de várias competências para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem, e para isso o mesmo deve fundamentar em uma base moral, sempre com responsabilidade pedagógica e com princípios de justiça. O mesmo autor considera que a direção de uma equipe não se limita à maneira de conduzi-la numa partida, já que ela ocupa todos os momentos, desde o início da temporada.

Bizzochi (2000) comenta que também é necessário que o treinador tenha consciência do quanto seu comportamento interfere nas atitudes de seus jogadores, mostrando coragem de implantar métodos que promovam não apenas uma melhor aprendizagem, mas também uma melhor formação moral.

Para Araújo (1997), “ser treinador” subentende um constante interesse pela inovação científica, pedagógica e cultural, e a recusa permanente de atitudes seguidas ou subservientes. Também diz que: “ser treinador” exige uma cultura geral e específica possibilitadora das necessárias intervenções críticas, com reflexos no desejado desenvolvimento do esporte nacional.

Para Araújo (1997), o esporte profissional exige aos treinadores uma atitude, expressa não só através de um enorme sentido das responsabilidades globais que nos pertencem, mas também no assumir-se, sem hesitações, que o que representa e produz em termo sócio esportivos, tem profundos reflexos sobre o desenvolvimento esportivo em geral.

Já Marques (2001) ressalta que o treinador esportivo é hoje mais do que um acompanhante de atletas. Apesar da palavra treinador apenas agora começar a integrar a nomenclatura das profissões, há uma clara evolução do esporte “divertimento” para o esporte “profissão”. O treinador de alta competição é diferente. Trata-se de uma atividade difícil. De um exercício de pressão diária. De um ofício instável, precário. Sendo no Brasil chamado genericamente de professor.

Ainda diz Marques (2001), que a preparação dos treinadores deve incluir sólida formação moral. Quem é chamado à responsabilidade pela sua ação ou atividade, quem se sente responsável por alguma coisa, deve também saber o que, e como tem de fazer, e que pode por isso ser responsabilizado. A

responsabilidade do treinador não deverá apenas orientar-se para o sucesso, mas principalmente ser caucionada por valores pedagógicos e morais, mesmo que o “treinador do ano” seja escolhido não por sua moral, mas pelo seu sucesso.

Barata (1997) destaca o treinador como modelo que deve ser seguido pelos atletas onde diversos são os componentes deste “modelo”, que passa desde a gestão do treino passando pela comunicação e linguagem até como conduzir o final de um treino. São condutas e ações que têm um reflexo direto na formação do indivíduo atleta, do ser “humano” atleta.

Para Bota e Colibaba-Evulet (2001) um treinador deve ter vocação para ser bem sucedido na profissão, vocação que pode ser definida como uma capacidade de incentivo, feitio de caráter, aptidões de educador, de psicólogo, de dirigente e organizado, além de habilidades intelectuais.

Mesquita (1997) registrou em seu livro sobre a Pedagogia do Treino, que a prática esportiva exerce um papel fundamental na formação do indivíduo, enquanto atleta e pessoa, na medida em que:

- Faz parte do processo educativo e formativo da criança, contribuindo para seu desenvolvimento integral (físico, social e emocional);
- Promove a vivência de situações que conduzem à aquisição de valores essenciais do “saber ser” (autodisciplina, autocontrole, perseverança, humildade...);
- Promove a vivência de situações que conduzem à aquisição de valores essenciais do “saber estar” (civismo, companheirismo, respeito mútuo, lealdade...);
- Permite o desenvolvimento das capacidades e habilidades motoras do indivíduo, inerentes ao “saber fazer” (aquisição de um vocabulário motor alargado...);
- Contribui para o equilíbrio do indivíduo ao permitir a diminuição do estresse diário, próprio ritmo de vida das sociedades contemporâneas.

Sobre o processo de formação do atleta, Mesquita (1997) diz que este pode ser influenciado por diferentes pessoas (dirigentes, árbitros, pais, mídia, entre outros.), mas é da responsabilidade direta do treinador, visto que a esse compete a orientação e preparação do processo de treino e da competição.

Ainda para Mesquita (1997), o treinador torna-se o principal responsável pela iniciação, orientação e especialização dos praticantes, contribuindo decisivamente para a qualidade da sua intervenção, a existência de uma atitude formativo-educativa correta face à prática esportiva.

Segundo Gomelski (1990), o treinador deve preocupar-se em ter a sua autoridade. A habilidade para conseguir que os jogadores se submetam a ela, é um traço muito importante de sua personalidade.

O treinador deve ter uma metodologia correta onde deve respeitar a faixa etária de seus atletas. E que segundo Lettnin (2001) deve respeitar o processo educativo de cada ser e estar conivente com a faixa etária envolvida, adequando-o a individualidade de cada um.

Já Mosston e Ashworth (1996), em um dos mais importantes trabalhos sobre metodologias de ensino em Educação Física, descrevem formas de trabalho ou estilos de ensino na qual o aluno é protagonista do processo e a principal meta é sua autonomia. No treinamento esportivo a busca por esta autonomia é ainda mais clara adaptando e desenvolvendo metodologias específicas para o esporte.

Os mesmos autores também afirmam que as áreas de Educação Física, Esportes e Dança oferecem grandes oportunidades para desenvolver a capacidade humana de diversidade, descobrimento, invenção e de ir mais além do conhecido, sendo o professor mediador e facilitador da construção do conhecimento do aluno. Isso exige que o professor esteja preparado para proporcionar aos alunos problemas e situações relevantes, aceitar e valorizar as idéias e as soluções encontradas pelos alunos.

Para Mesquita (2005), devem ser criadas situações que levem o atleta a descoberta de novas e variadas soluções para um mesmo problema, aumentando seu repertório de execução.

Segundo Schön (1987) o conhecimento passa por três pontos-chave, que são: o conhecimento na ação; a reflexão na ação e a reflexão sobre a ação. Dessa forma o conhecimento demonstrado pelo treinador na execução da ação é tácito e manifesta-se através da espontaneidade, naturalidade e autenticidade com que uma ação é bem realizada.

Para Alarcão (1996), os bons treinadores usam processos que dependem também do talento. Assim o “feeling pessoal” torna-se um elemento importante na formação de um treinador.

Bañuelos (1992), afirma que o processo de ensino deve ser sistemático passando pelo processo de avaliação, determinação de objetivos, seleção de métodos de ensino, seleção de meios a empregar e avaliação contínua final. Refletindo sobre as tarefas do treinador enquanto educador pode entender-se que esta forma de descrever o processo de ensino seria um modelo que será adotado na grande maioria das vezes pelo bom treinador.

Ainda de acordo com o mesmo autor, o ensino pode ser massificado ou individualizado sendo que a diversificação dos níveis de ensino estabelecendo diferentes parâmetros. Pensando dessa forma o treinador irá adaptar algumas das necessidades ao nível de seus atletas. Quando o treinador age de forma a individualizar o processo de ensino, o atleta tem o papel de seguir uma seqüência predeterminada dos exercícios e a progressão do aprendizado acontece de forma individual. A solução conjunta dos problemas irá atuar da melhor forma sobre o ritmo de progressão grupal.

Segundo Gomes (1999), ao expor os princípios para a orientação exata da atividade do treinador esportivo, comumente menciona-se, em primeiro lugar, *princípios pedagógicos gerais, com os didáticos incluídos*. E estes se configuram na esfera da pedagogia geral, que une os conhecimentos aplicados referentes às regras do ensino e da educação. Em outras palavras, são conhecidos pela denominação dos *princípios da consciência e da atividade, da intuitividade e da acessibilidade, do caráter sistemático*.

Anfilo (2003) destaca que os treinadores vitoriosos se diferenciam dos demais por apresentarem outras aptidões e capacidades inerentes ao cargo, como a intuição, a criação, a direção autoritária, a capacidade de decisão rápida e o espírito de sacrifício. Além disso, para manter-se competente, o treinador deve estudar e aprender permanentemente, principalmente neste momento de virada de milênio, com a evolução tecnológica, onde as informações são mais rápidas que nossa capacidade de atualização.

Para Anfilo (2003), a avaliação sobre o processo de treinamento deve ter por objetivo principal, explicar a organização e seleção de conteúdos a serem ministrados. Assim, além do conteúdo ministrado, o mesmo deve se preocupar

com sua conduta com relação a todos os jogadores do grupo, aos pais, torcedores e adversários.

A formação de treinadores no Brasil pode ser considerada ainda pouco organizada, sendo que apenas a Confederação Brasileira de Voleibol exige algum curso de formação para que os treinadores estejam credenciados a disputar competições oficiais dessa confederação. No Handebol existem os encontros de treinadores e docentes de handebol estimulados pela CBHb. No futebol foi veiculado recentemente na mídia televisiva a elaboração de um curso de ensino a distância feito em convênio com a UNOPAR do Paraná.

Apesar dessas iniciativas, existe a necessidade de políticas públicas federais para regulamentar estas ações sobre a formação de treinadores, devendo o Ministério em conjunto com as confederações desenvolver algo no sentido de hierarquizar este processo de formação.

De acordo com Rushall (1983), a formação de treinadores cresce a cada ano. Países como Austrália e Canadá, apenas para citar como exemplo, têm se preocupado em produzir treinadores capacitados. Na capacitação do Canadá, o treino enfatizou os mais diversos aspectos, desde o técnico até questões relacionadas à Psicologia, tendo definidos níveis de classificação. Os treinadores de diferentes esportes recebem linhas gerais de instrução independente de sua modalidade, e separam-se apenas na parte técnico-tática, descartando assim as peculiaridades de cada modalidade. Um dos pontos ressaltados pelo autor é que um maior número de pesquisas sobre as diferenças e similaridades dos esportes pode auxiliar na elaboração de trabalhos mais direcionados para a modalidade específica.

Damásio e Serpa (2000, p.41) dizem que:

Como consequência dessa relação de proximidade, o treinador tem sido reconhecido, tanto pelo senso comum como pela investigação, como pessoa central nas relações dos atletas. O treinador assume um papel mais preponderante na regulação dos comportamentos e atitudes do praticante do que qualquer outro indivíduo no domínio do Esporte.

Assim, enfatizam a relação treinador atleta e sua proximidade, bem como a regulação dos comportamentos e atitudes.

Já Rodrigues (1997) enfatiza que a diversidade de modelos de treino varia de acordo com a categoria do treinador, sendo que sempre se deve levar em consideração seu conhecimento, sua experiência vivida e sua relação com os atletas. Tais fatores influenciam diretamente os resultados do trabalho pedagógico.

Para Carravetta (2002), o treinador é o especialista mais próximo dos atletas, exerce influência no comportamento dos mesmos, por vezes é treinador, educador, conselheiro, estrategista e líder. E que devido às suas características pessoais, experiências e formação profissional os treinadores apresentam diferentes manifestações de comportamento. Alguns são pontuais, disciplinadores, autoritários ou exigentes; outros são organizados, valorizam os aspectos pedagógicos e metodológicos, respeitam as regras morais e éticas. Por outro lado existem outros extremamente liberais, são exclusivistas, intuitivos, são vaidosos, não aceitam opiniões, o vencer está acima dos preceitos éticos.

Para Bota e Colibaba-Evulet (2001), o treinador deve acima de tudo, preocupar-se constantemente com o seu aperfeiçoamento e sua qualificação profissional, através do cultivo de uma nova mentalidade de vida, com competência científica, pedagógica e pessoal.

Ainda para os mesmos autores, os treinadores podem ser classificados por diversos modelos pedagógicos, dentro de uma filosofia e conduta didática. Esses modelos são definidos de forma sucinta em cinco categorias de treinadores, descritas no quadro II.

Ao analisar-se as categorias propostas com maior atenção, pode-se ver que um treinador pode enquadrar-se em mais de uma categoria ou até não ser classificado por nenhuma destas, entretanto, o modelo serve como auxiliar na classificação dos modelos pedagógicos do treinador.

Esses modelos podem de certa forma parecer estereótipos de treinador, mas o importante é entender que, identificar-se com apenas um dos modelos demonstra a limitação enquanto treinador. Acrescentou-se o modelo de treinadores vencedores baseado principalmente em indícios da literatura quanto aos treinadores de sucesso e o modelo de competência. (Afonso, 2001; Cunha, 2000; Rodrigues, 1997).

Quadro II

Modelos de treinador. (Bota e Colibaba-Evulet, 2001).

Modelo de Treinador	Definição
Empiristas	São os treinadores adeptos da antiga mentalidade e da conduta didática assentada no princípio “vendo e fazendo”
Rotineiros	Baseiam-se apenas nos conhecimentos com que deixaram os bancos de estudo da escola de treinadores
Inocentes	Não sabem o que se passa à sua volta, aceitando tudo.
Adeptos da quantidade	Seguem o princípio fundamental do “corra ou morra”
Esportistas	São praticantes que, chegando ao fim da sua carreira esportiva, trocam o equipamento de jogador pelo de treinador, evidenciando a mesma formação.
Vencedores	São os treinadores preocupados, metódicos, atualizados, exigentes e competentes.

Entretanto, Fernández et al (2003), salientam que para educar e moldar os esportistas se requer que o treinador tenha desenvolvidas qualidades morais e que deseje desenvolvê-las em seus alunos. Ele deve ser um modelo a ser seguido.

Entre os pré-requisitos necessários ao treinador, a ética e a responsabilidade profissional constituem nos fatores fundamentais para o profissional alcançar destaque profissional e ser um vencedor. (Meinberg, 2002; Bizzochi, 2000).

Para Ravé (2002), existem quatro variáveis que afetam a qualquer modelo de treinador: atitude durante o treino (personalidade); formação do treinador, processo de planificação; valorização profissional.

Na questão, *Atitude durante o treino (personalidade)*, pode-se destacar: a) Permissivo: deixam seus jogadores fazer sem conduzir nem guiar o processo de formação deixando que sejam os jogadores que controlem o treino; b) Autoritário: aqueles que tratam de impor seu critério, a qualquer preço, sendo excessivamente diretivo durante o processo de treino e durante o jogo; c)

Democrático: sem perder a referência de quem é o condutor do grupo, provoca e admite opiniões e contribuições que possam oferecer outras equipes, jogadores auxiliares, entre outros. (Ravé, 2002)

Estas são as mais marcantes, contudo, nem sempre se resume a apenas um modelo, podendo alternar as atitudes em um mesmo treinador. As categorias de Ravé assemelham-se as de Cratty (1984) que descreve três grandes estereótipos de comportamento relativos aos treinadores:

a) No comportamento autoritário, o líder define as etapas da atividade e as técnicas à seguir isoladamente, define o tempo, sem as esclarecer, indica as diretrizes do trabalho que é rígido e específico;

b) No comportamento democrático, caracteriza-se pela ampla discussão e decisão coletiva, e é o líder que propõe as tarefas;

c) No “*laissez-faire*”, o grupo tem toda a liberdade, e raramente o líder fornece indicações, adotando uma atitude mais de espectador do que atuante. (“*laissez-faire*” tem sentido de deixar-fazer)

Já na questão da *Formação do treinador*, pode-se evidenciar:

a) Academicista- treinadores que tiveram sua formação em diferentes federações e escolas de treinadores;

b) Autodidata- treinadores que são formados em si mesmos;

c) Jogador adaptado- ex-jogadores que para continuar neste mundo se colocam no papel de treinador.

Seguidamente, se conhecem casos de treinadores campeões que fizeram carreira como atleta das mais diversas modalidades, para citar os casos de Luis Felipe Scolari – futebol (Ostermann, 2002), José Roberto Guimarães, Bernardo Rezende (Bernardinho) e Jorge Schimidt - voleibol (Bandeira, 2002).

Na questão do *Processo de planificação*, pode-se evidenciar os seguintes tipos:

a) Planificador flexível - toda planificação tem que ser flexível já que existem muitos fatores que são modificáveis (lesões, resultados, estado de ânimo, entre outros); b) Planificador rígido- aquele que não modifica nenhum detalhe de sua planificação, não flexível; c) Improvisador- treinadores que não preparam o trabalho de desenvolvimento, e uma vez que chegam à quadra pensam no que fazer.

O processo de planificação torna-se um fator importante na identificação de um estilo de ensino/treino, pois, ser flexível pode ser considerado ouvir a opinião do atleta tendo assim uma visão mais “humana” do treino; se for rígido pode ser considerado mais intrinsecamente ligado ao resultado; e o improvisador pode ter nuances dos dois modelos, ficando esta dependente de sua atuação durante a sessão de treino.

Na questão da *Valorização profissional*, pode-se conceber os seguintes tipos: a) Profissionais- que se encontram perfeitamente identificados com a atividade de treinar, sem que isto implique no salário recebido e que esse lhes permita dedicação exclusiva; b) Não profissionais- aqueles que não têm uma alta identificação por treinar, sem que isto implique no salário que recebem. c) Pseudo profissionais- treinadores que recebem remuneração com baixa valorização profissional ou aqueles treinadores amadores com alta valorização profissional.

As questões sobre valorização profissional fazem parte da realidade dos Esportes de quadra. A importância de ser um profissional identificado com a atividade torna-se latente, mas devemos ter noção da realidade do esporte no Brasil como um todo, onde são poucos profissionais que têm a devida valorização profissional.

Estes modelos de Ravé (2002) servem para corroborar com a idéia central do estudo que dentro dos instrumentos utilizados para avaliar os treinadores abordara questões sobre atitude durante o treino, formação do treinador, processo de planificação e a valorização profissional. A classificação dos treinadores quanto aos quesitos propostos por Ravé, possibilitará uma melhor análise do conteúdo das entrevistas e observações.

Para Dantas (1996, p.18) o treinador tem a função de coordenar o trabalho dos demais componentes da comissão técnica. Por isso a grande importância na figura do treinador que ele ainda define como: “*responsável pelo treino técnico e tático*”.

Segundo Becker Jr. (2000), um bom treinador deve ser uma pessoa com as qualidades de um professor.

Para Cunha et al. (2000) o bom treinador de futebol teve como características mais votadas: Ser pessoa responsável, honesta, amiga dos atletas, muito trabalhadora, habilitada, altruísta e estudioso.

Segundo Pereira (1988, p.98) citando Di Stéfano:

“a importância do treinador para o resultado final do trabalho já foi quantificada em 10%. Mas o treinador de futebol é considerado como responsável direto pela aplicação tática durante as competições, ou mesmo pelo comportamento de jogadores em campo”.

Em alguns esportes como o Futebol de campo o treinador pode ser trocado após uma derrota, pois é considerado o principal responsável pelos resultados. Nos esportes de quadra os treinadores têm um tempo maior de permanência sendo que a aposta do clube ou organização é na formação anterior do treinador e em seu projeto.

Samulski (1995), citado por Santos (1997), escreve que um bom treinador deve ter a capacidade de planejar, organizar e controlar bem o treino, especialmente estabelecer bem as tarefas técnicas e táticas e as exigências psicossociais durante o treino e a competição. Essas capacidades são inerentes à função de treinador e cada uma delas tem certo grau de importância

Para Frester (2002), as qualidades de um bom treinador segundo os atletas são em ordem de percentual: Capacidade emocional (calma, confiança, entre outros); competência técnica; comportamento/otimização da situação; motivação; conhecimento pessoal sobre comportamento/estresse; capacidade de diálogo.

E segundo os treinadores, as qualidades de um bom treinador são em ordem de percentual: Competência técnica; pessoa de confiança/modelo; motivador; disciplina/conseqüência; capacidade de direção; e capacidades pedagógica e psicológica.

Serpa (2002) em seu texto sobre Greg Louganis, considerado o maior saltador para a água da história deste esporte, destacou a trajetória deste atleta e a sua relação com os diversos treinadores, onde estes tiveram um papel determinante nas várias fases de sua carreira, de acordo com a descrição de cada um. Apesar de uma experiência frustrante com o primeiro treinador que era antipático, teve no segundo treinador, que o acompanhou dos 10 aos 14 anos, seu verdadeiro iniciador, este dava importância ao gosto pela atividade e um profundo envolvimento com a tarefa. Já seu terceiro treinador foi descrito por Louganis como exigente e disciplinador, que tinha uma abordagem do processo

esportivo buscando, sobretudo o resultado, esta busca gerava elevada ansiedade e emoções negativas.

As atitudes do treinador durante o processo de formação do atleta é fruto das escolhas feitas anteriormente e que refletem, em parte, a sua formação. O treinador sendo como um espelho para seu atleta e devendo errar o mínimo possível nestas escolhas, pois estas influenciarão de forma contínua a formação de diversas gerações caso estes atletas escolham no futuro a carreira de treinador.

2.3 Conduta e Estilo de ensino/treino: considerações iniciais

Esclarecer as atitudes do treinador pode contribuir para uma interpretação mais eficaz dos comportamentos e decisões junto aos atletas, quer em treino quer em competição. (Rodrigues, 1997).

O desenvolvimento da investigação sobre treinadores de categorias de formação feito por Smoll et al (1983) detectou que o trabalho dos treinadores deveria enfatizar uma abordagem mais positiva (reforçadora) verbal ou não verbal, de forma clara e objetiva, fortalecendo os comportamentos adequados dos atletas, apoiando-o frente a seus fracassos e utilizando ou não a correção; também deveria recompensar seus atletas imediatamente após a apresentação de um comportamento adequado, encorajar o atleta após um erro, e manter a ordem através do estabelecimento de metas claras, usando recompensas por objetivos alcançados. Assim, a ação do treinador passaria por uma valorização do desenvolvimento das habilidades e das relações entre os atletas, não enfatizando apenas a vitória.

O trabalho de Malavasi (2003) baseou-se em situações presentes no trabalho de Smoll et al (1983), que aplicou um vídeo instrucional que foi testado e validado por especialistas da área de Educação Física e de Psicologia, onde as cenas selecionadas como válidas por esses foram as que continham as seguintes situações propostas: segurança (atleta se machuca), conversa dos reservas no banco durante o jogo, briga durante o jogo, situação de vitória e por fim, situação de derrota. Nessas cenas existiam opções sobre qual reação a ser tomada pelo

treinador, sendo que a resposta dos avaliadores coincidiu com a resposta pré-selecionada pelos pesquisadores.

Ainda sobre este estudo, pode-se referir que as reações dos treinadores em situação de jogo/treino podem acontecer dentro de um quadro esperado. A grelha criada através do questionário de avaliação de conduta do treinador adaptado de Smoll e Smith (1984) por Becker Jr. (2000) serve para pré-determinar reações de conduta de treinadores, servindo como instrumento de observação codificado (para a elaboração deste estudo).

Black e Weiss (1992) citados por Malavasi (2003) examinaram a relação entre comportamentos percebidos do treinador, motivação e nível de habilidade percebida de nadadores que participavam de competições. Participaram da pesquisa 312 nadadores com idades entre 15 e 18 anos. Para avaliar o comportamento do treinador e o seu próprio, os atletas usaram auto-registro. Os resultados obtidos sugerem que, de forma geral, treinadores que foram percebidos como dando mais informações após desempenhos desejáveis e encorajamento mais freqüentes, combinado com informações após desempenhos indesejáveis, estavam associados com atletas que se percebiam com níveis mais altos de sucesso, competência, diversão e preferência por atividades desafiadoras. Esses resultados indicam, portanto, que a auto-percepção dos atletas e motivação estão significativamente relacionadas à quantidade e qualidade de *feedback* que eles recebiam do treinador para desempenhos com sucesso ou erros.

Ainda, segundo Malavasi (2003) apesar das pesquisas apontarem os benefícios de uma interação positiva é comum ouvir atletas ou ex-atletas queixando-se do comportamento de seus treinadores. São necessárias pesquisas sobre a avaliação dessas interações para melhor entender os processos que envolvem esta interação.

Em outro estudo Smith et al (1983) desenvolveram um programa de treino experimental visando melhorar a relação treinador-atleta. Trinta e um treinadores participaram desse treinamento e foram divididos em dois grupos. Dezoito foram designados para o grupo experimental, ou seja, recebia o treinamento e 13 para o grupo controle. O treinamento foi realizado com palestras e a utilização de uma apostila, onde eram enfatizados os comportamentos pertinentes, o tipo e a importância do *feedback* adequado. Os resultados obtidos apontaram que os

treinadores do grupo experimental transmitiram instruções mais claras, positivas e reforçadoras, e tiveram um melhor relacionamento com os atletas.

Sherman e Hassan (1986), citado por Rodrigues (1997), analisaram 102 treinadores de diversas modalidades (basebol-24; futebol-66; tênis- 12), tendo como objetivo descrever o comportamento dos treinadores dos diferentes esportes e, ainda, identificar as diferenças entre treinadores, com base na experiência e no sucesso. O sistema utilizado foi o “Coaching Behavior Assessment System” CBAS.(Smith et al, 1977).

Monteiro et al (2004) realizaram um estudo sobre as condutas do treinador de basquetebol infantil em competição, utilizando o *Sistema de Evaluación de las Conductas del Entrenador* de sigla S.O.C.E, sistema que toma como base o *Coaching Behavior Assessment System* (C.B.A.S.) de Smith et al (1977). Nesse sistema, foram acrescentadas categorias que não havia no outro estudo. Sendo que as categorias deste sistema em ordem de utilização (maior a menor) são: instrução técnica geral, não reforço, ignora erro, comunicação geral, ânimo geral, reforço positivo, ânimo após erro, instrução técnica punitiva, outras condutas espontâneas e manter o controle. Esse estudo estabelece categorias similares ao que se desenvolverá no presente estudo.

Maia e Fonseca (2004) observaram o comportamento dos treinadores em competição utilizando o *Coaching Behavior Assessment System* (C.B.A.S.) de Smith et al (1977), ligeiramente modificado, comparando treinadores escolares e de alto nível de Portugal. A quantidade de informações e interação foi maior nos treinadores escolares, mas não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o modo como os dois grupos de treinadores comunicavam com seus atletas e equipes durante os jogos observados.

Uma investigação examinando o comportamento dos treinadores criou um estilo instrucional, para treinadores, tendo impacto nos indivíduos (atletas). Verificou-se que o comportamento dos treinadores pode elevar a auto-estima de atletas revelando um tipo de influência positiva. Dar *feedback* no momento certo revela uma alta eficácia nesta relação com a auto-estima. (Smoll et al, 1983)

Para Anfilo (2003), o treinador deve utilizar principalmente estímulos positivos (elogios, intervenções e correções do treinador) junto aos atletas, evitando os negativos, que devem ser utilizados somente para provocar a inibição de determinados tipos de comportamentos. É, através dos estímulos positivos que

o treinador pode desenvolver uma metodologia específica para suas intervenções junto a seus atletas, pois os mesmos favorecem e reforçam a motivação dos jogadores, dando como resultado uma identificação e uma aceleração do aperfeiçoamento e da eficiência de cada jogador.

Segundo Oliveira et al (2004), deve-se sempre recordar e colocar em prática alguns pontos que são: os treinadores são professores; os treinadores têm como tal necessidade de utilizar um estilo positivo de intervenção no treino; este estilo baseia-se em elogios e encorajamentos no sentido de favorecer o comportamento desejado e de motivar os jogadores a realizá-lo; elogiar tanto o esforço para alcançar um objetivo, como o bom resultado em si; ao dar indicações técnicas para corrigir um erro, deve-se ao começar por realçar algo que tenha sido bem executado.

Já para Santos e Shigunov (2001), a direção das manifestações é uma importante maneira de causar impacto, chamar atenção e até mudar o rumo da atuação dos atletas. A direção das manifestações pode ser ao indivíduo, a um determinado grupo, ou à equipe toda. Deve-se destacar que cada uma dessas direções de uma manifestação de afetividade positiva ou negativa possui diversas conotações para a pessoa atleta. O treinador deve conhecer muito bem seus atletas para poder apresentar a sua contribuição no processo do treino e na competição. Além disso, as manifestações podem ocorrer em vários momentos, tanto no treino como na competição e assim o treinador deve possuir a sensibilidade em utilizar as manifestações adequadas para momentos adequados, fazendo sobressair principalmente às qualidades e potencialidades dos seus atletas, tanto nos treinos como nas competições.

Rosado (1998) afirma que é necessário compreender e encarar o clima na sala de aula e no treino como determinado por diversas variáveis, entre as quais sobressai a afetividade e, em particular, a percepção do ambiente afetivo existente. Esta percepção representa um fator que pode afetar o processo de ensino-aprendizagem, influenciando variáveis como a motivação, o ambiente humano e relacional, a estrutura e coesão dos grupos, a gestão de conflitos e emoções, o empenamento e a participação, o desenvolvimento pessoal e social. O mesmo autor ainda relata que o ambiente afetivo positivo determina uma condição subjetiva de implicação qualitativa nas atividades com diversos tipos de reflexos e de manifestações comportamentais: um aumento de motivação, do

interesse, da atenção, da capacidade de trabalho, da qualidade das relações humanas que se estabelecem, entre outros.

Saad e Rezer (2005) detectaram em seus estudos que o envolvimento ou conduta dos treinadores e jogadores, a análise efetuada pode ser considerada bastante rudimentar para abordar as relações interpessoais ou os papéis sociais, restringindo-se apenas aos comportamentos ou condutas assumidas, tanto pelo treinador quanto pelos jogadores, nas diferentes atividades. O comportamento mais freqüente dos treinadores foi de tomar praticamente todas as decisões (centrado no treinador) e de supervisionar, orientar e estimular (*feedback*) o desenvolvimento das atividades.

Ainda para os mesmos autores a conduta de *feedback* do treinador, embora seja aquela que apresentou maior distribuição entre as diferentes condições de realização das tarefas, destacou-se apenas nas tarefas de fundamento individual e combinação de fundamentos.

Segundo Ravé (2002), a análise de conduta docente no treino tem muitos objetivos gerais, dos quais vale citar:

- Descrever o que realmente ocorre no treino. Essa descrição nos permite conhecer as características desse treino observado e analisado;
- Diagnosticar e valorizar as competências ou capacidades do treinador. Com esse diagnóstico e avaliação se pode ajudar o treinador em formação ou o treinador ativo para que possa melhorar ou modificar suas condutas como treinador e possa ser mais eficaz em seu conteúdo de ensino;
 - Favorecer uma atitude crítica e reflexiva de melhora profissional;
 - Auxiliar o treinador a otimizar os resultados de treino visando à competição. Quanto mais dados tiver sobre as condutas que surgem no treino maior à informação que se terá para avaliar a eficácia do treino realizado. Promove-se uma motivação profissional intrínseca;
- Convencer da importância do trabalho em equipe e da análise posterior, favorecer um tipo de trabalho colaborativo. Reflexão em grupo entre treinador e diferentes membros da equipe técnica.

Para Delgado (2001) citado por Ravé (2002), uma observação de conduta de um treinador é válida, quando se fixa nestas quatro características que darão confiabilidade ao método, e que são:

1. A especificação das conclusões e o conteúdo das observações. Deve corresponder a etapa de decisão do que observar;

2. A elaboração de um guia de observação. A determinação de categorias ou categorizações. Escolhem-se as variáveis a observar, seleciona-se a técnica de observação, dispõe-se do instrumento, e realiza-se um estudo piloto para validá-lo;

3. A preparação do treino do observador. Para que a informação recolhida tenha um mínimo de confiabilidade;

4. O conhecimento dos tipos de interações possíveis entre observador-observado. Ver as possíveis interferências em um sentido ou em outro observado-observador.

Simões et al (1989), colocam o treinador como figura chave no treino de equipas e o seu papel afeta a formação moral e técnica do atleta. Pode-se considerar assim, a dimensão humanista que se daria pela formação moral do indivíduo e a dimensão da produtividade que se daria na formação técnica do atleta.

Simões et al (1989), em seu estudo detiveram-se em analisar as percepções dos atletas sobre a “performance” de conduta pessoal e profissional do seu treinador, sendo a dimensão de postura profissional a que obteve melhores resultados relacionada à conduta do treinador, assim, os quesitos relação social e execução de tarefas seriam menos impactantes do que a postura, reforçando a ideia de treinador como modelo.

Vidal (1991) acredita que o jogador nunca deve ser criticado pelo erro, mas pela postura em quadra. A seguir ele comenta que ainda hoje vê treinadores arrasarem moralmente no banco jogadores que acabam de ser retirados porque não estavam se apresentando bem no jogo. A postura frente aos erros e acertos dos atletas pode alterar a formação do atleta podendo esse se tornar omissivo em situações de decisão por não ter a confiança do treinador.

Cooke (2003) cita a opinião de um treinador de ténis e sua reação frente à perda de motivação e ameaça de abandono por parte de seus atletas, procurando cortar o mal pela raiz, usando reforços positivos. A utilização de estratégias de valorização do atleta é amplamente utilizada quando se detecta a possibilidade de abandono.

Assim, muitos dos problemas que afligem o sistema esportivo direcionam-se para os treinadores de Futebol e para seu papel decisivo na organização, condução e orientação do processo esportivo, o que denota um sentido de responsabilidade extrema por parte deste. (Cunha et al, 2000),

Torna-se importante traçar a aquisição de competências. Interessa ajudar o praticante a desenvolver níveis positivos de percepção acerca da sua competência. Passando pela criação de oportunidades de todos terem espaço de intervenção, onde não apenas a competência motora é equacionada, assumindo especial relevo a litrúcea esportiva e o entusiasmo pela prática esportiva, enquanto atitudes a desenvolver. (Mesquita, 2004)

Quanto ao *feedback*, Richkeimer e Rodrigues (2003) nos estudos referentes aos treinadores de Handebol, observou-se que o objetivo foi em ordem de utilização: prescritivo, avaliativo positivo, descritivo, avaliativo negativo e interrogativo. Sendo que destes apenas o primeiro foi realmente significativo estatisticamente entre os grupos (professores e não professores).

Leça Veiga et al (1999) encontraram como resultado de seu estudo que os *feedback* mais importantes para os alunos são de correção, de reforço positivo, de apoio, de informação. E que estes sejam feitos de maneira verbal. O *feedback* considerado menos importante foi o de apresentar a prática de um aluno para interromper a aula e mostrar a turma.

Siedentop (1998) citado por Fotia (2003), diz que a informação deve ter funções de correção, reforço e motivação:

- a) Informações positivas gerais: Bom passe, boa idéia, muito Bem;
- b) Informações positivas não verbais: Aplaudir, sorriso, piscada de olho, entre outros;
- c) Informações positivas específicas: Bom passe, conseguiu superioridade numérica, ótimo, movimento do braço perfeito;
- d) Informações de correção: Deves frear o movimento antes de bater, solta mais a mão no final do movimento;
- e) Informações específicas do que executou: Muito melhor, o bloqueio ajudou a defesa, bem, observando o sacador obtiveram-se pistas para receber o saque.

Para Shigunov e Pereira (1994), o *feedback* deve ser utilizado pelo professor como instrumento de conscientização e motivação do aluno/atleta no

processo de assimilação da informação. Ainda, para esses autores, o elogio por parte do professor, constitui-se em uma das manifestações positivas que mais influenciam na modificação de comportamentos dos educandos/atletas, incentivando a manifestação de comportamentos que o professor/treinador considere apropriados.

Brown (1999) destaca alguns aspectos importantes sobre a função do treinador, afirma que ele deve ser firme e que o treinador deve ser positivo. Esses aspectos demonstram a relação de comunicação e conduta para com os atletas.

Sendo o treinador um modelo para seus atletas, ele deve promover, sempre, a autonomia de conduta por parte deles. Quanto mais claro for a definição das regras por parte do funcionamento com atleta/equipe, mais condições cria-se para que o atleta as respeite e, conseqüentemente, perceba o espaço de autonomia comportamental que lhe é conferido. Deve, o treinador, incentivar os comportamentos apropriados, valorizando claramente as repercussões positivas que o atleta obtém ao perseguir modelos de conduta positivos. Os comportamentos inapropriados devem ser mostrados pelo treinador, assim como, suas repercussões negativas e as repercussões de tais comportamentos na sua formação. (Mesquita, 1997)

Para estreitar essa relação não só com o grupo de atletas, mas também com todos seus colaboradores, alguns aspectos são fundamentais para que o treinador consiga atingir seus objetivos. Becker Jr.(2000) cita o conhecimento, a comunicação verbal e não verbal, a escuta ativa, aptidão comunicativa ao atleta, disciplina e seu estilo de liderança como qualidades do treinador.

A liderança é para alguns estudiosos (Chelladurai, 1990; Serpa, 1995; Winterstein e Venditti Jr., 2005; Weinberg e Gould, 2001; Singer, 1986; Samulski, 1992) uma linha autônoma dentro da pesquisa da Psicologia do esporte. Este modelo de liderança serve como base para detectar as características que o treinador possui relacionada às suas condutas, e criando algumas classificações para essas condutas.

Uma dessas formas de avaliar e medir os comportamentos de liderança, incluindo as preferências dos atletas por comportamentos específicos, as percepções dos atletas dos comportamentos dos seus técnicos e as percepções dos técnicos de seu próprio comportamento, foi criada por Chelledurai e Saleh

(1980). Essa escala foi denominada de *Leadership Scale for Sports - LLS* (Escala de liderança para os esportes) e tinha as seguintes categorias.

1. *Conduta Educativa*: Conduta do treinador dirigida a melhorar a execução dos desportistas por meio da insistência e facilitação do treinamento exigente e duro, instruindo-lhes nas técnicas e táticas do esporte, clareando as relações entre os componentes da equipe, estruturando e combinando as relações dos mesmos.
2. *Conduta Democrática*: Conduta do treinador que concede grande participação dos desportistas nas decisões concernentes às metas do grupo, os métodos práticos, as práticas e as estratégias de jogo.
3. *Conduta Autocrática*: Conduta do treinador que inclui independência nas tomadas de decisões e enfatiza a autoridade pessoal.
4. *Conduta de Apoio Social*: Conduta do treinador caracterizada por uma preocupação individual pelos desportistas, pelo seu bem estar, por um ambiente positivo para o grupo e pelas relações afetuosas com os componentes do mesmo.
5. *Conduta de Feedback Positivo*: Conduta do treinador que inclui a aplicação de reforços a um desportista como um reconhecimento e recompensa por uma boa atuação.

A respeito da capacidade comunicativa do treinador Mesquita (1997) diz que numa perspectiva mais genérica essa capacidade passa pela facilidade que ele se revela em se relacionar com os outros. E também, de saber trabalhar em equipe nas diferentes situações, bem como na capacidade de motivar os outros (dirigentes árbitros, atleta, mídia, pais, entre outros) para participarem nos projetos esportivos que preconiza.

Já Lee (1993) escreveu em seu livro que bons treinadores são usualmente bons comunicadores, e a comunicação é o maior ingrediente para promover e manter relacionamentos. A forma como os treinadores dirigem o relacionamento com seus atletas tem importante influência no divertimento esportivo dos mesmos, sua participação continuada e como percebem a si mesmos.

Para Weinberg e Gould (2001), a comunicação ocorre de duas formas básicas: interpessoalmente e intrapessoalmente. A maior parte das tentativas de

comunicação se dá de forma interpessoal. A pessoa que gera a mensagem pretende atingir um objetivo determinado com sua comunicação, visando gerar uma resposta determinada que possa ser verbal ou corporal. A mensagem recebida pela pessoa pode ser interpretada de maneira correta ou incorreta, além disso, pode ser recebida por pessoas que não deveriam prestar atenção na mensagem.

A comunicação não verbal pode ser dividida em dois grupos, (Mesquita 1997)

1. Aquilo que se refere ao corpo e ao movimento e representa unidades expressivas: a face, o olhar, os gestos, as ações, as posturas e a para-linguagem.
2. Aquilo que é relativo ao produto das ações humanas e formas de expressão: a moda, os objetos do cotidiano e da arte, a própria organização dos espaços.

Muitas vezes utiliza-se a linguagem não verbal para se comunicar, reconhecendo informações às vezes apenas em um olhar. A comunicação ocorrendo dessa maneira é de suma importância para o esporte, pois muitas vezes existe a necessidade de passar instruções sem que a outra equipe entenda a mensagem, estabelecendo assim, códigos de comunicação interpessoal específicos.

Torna-se necessário que os treinadores esportivos saibam manipular a comunicação verbal e principalmente a não verbal. Mesquita (1997) ainda descreve que as habilidades associadas ao conhecimento da comunicação não verbal fazem parte do desenvolvimento da competência social e profissional do indivíduo. Um professor/treinador que não goste daquilo que faz geraria um não desenvolvimento do gosto pela atividade por parte do atleta. Os atletas perceberão quaisquer mudanças nos gestos, expressão do rosto, tom de voz, entre outros E essas mudanças podem vir a ser assimiladas por eles de forma a melhorar ou atrapalhar a performance. A atenção despendida com cada atleta levará a um controle maior do ambiente de treino, sendo assim, devesse dar apoio e ter atitudes positivas para com todos os atletas de maneira uniforme, evitando que se tenha problemas com a diferenciação entre eles.

Messmer (2000) destaca que o discurso do esporte deve ter linguagem própria do esporte, deve também ser o esporte (demonstração de regras) e por fim, deve ser o ensinamento do esporte de forma objetiva, com intenções,

conteúdo e forma de ensino. A utilização de códigos para estabelecer a comunicação é um evento que comumente ocorre no esporte, devendo estabelecer uma linguagem que gere apenas um tipo de interpretação por parte do atleta e assim, tornar fácil o aprendizado e a interpretação da informação.

Quanto as estratégias para melhorar o ato de treinar, Prata e Resende (2003) colocam sobre o como deve ocorrer a comunicação entre treinador e atleta: a) saber falar de forma apropriada e pausada; b) escutar realizando gestos para que o atleta saiba que o está escutando; c) dar *feedback*, imediatamente ao ocorrido, ser positivo (começar com o que está sendo bem feito); d) ser específico (explicar os modos de melhorar); e) ser realista (estar seguro de que o atleta é capaz de atingir os objetivos), assegurar-se de que o atleta compreende (fazer perguntas ou pedir-lhe para fazer uma demonstração rápida).

No trabalho de Liukkonen et al (1993), citado por Rodrigues (1997), foi realizada a análise do comportamento do treinador segundo duas dimensões, a humanista e a da produtividade, gerando quatro tipos de treinadores: “ideal”, “autoritário”, “novato”, “incompetente”. Esse estudo obteve como resultado uma forte correlação entre variáveis humanismo e produtividade, explicada pelos seguintes fatores: adequação a idade dos atletas; *feedback* positivo; entusiasmo; participação dos atletas.

Segundo Fernández et al (2003), o êxito de um esportista no campo competitivo está condicionado em grande parte, ao estilo de ensino/treino de direção que aplica o treinador, sendo este processo influenciado por múltiplos fatores. Entre os citados está o nível de atualização e a formação do treinador.

Nesse sentido, Weinberg e Gould (2001) relatam que as pesquisas revelaram que vários fatores pessoais e circunstanciais afetam o comportamento do líder no esporte e na atividade física. Esses antecedentes incluem particularidades como idade, maturidade, sexo, nacionalidade e tipo de esporte. As conseqüências do comportamento podem ser vistas em termos da satisfação, do desempenho, e da coesão do grupo. Por exemplo, a satisfação dos atletas é alta quando há uma relação direta entre seu estilo de treino preferido e o estilo do treino real do treinador.

Em seu estudo sobre a combinação vitoriosa entre sucesso e esforço, Smoll e Smith (2003) relatam a filosofia do desenvolvimento-orientado para a vitória, treinadores impulsionam o foco sobre o esforço atlético e divertimento

baseado que o sucesso é mensurado por estatística e pontos. Em outras palavras, os atletas são encorajados para enfatizar “faça o seu melhor”, consiga o melhor, tenha felicidade, é você contar com você, em oposição à orientação vencer a qualquer custo. Sendo assim, o mais importante da produção do treinador não são os recordes de vitórias-derrotas, e sim a qualidade da experiência proporcionada aos atletas.

Deve-se encontrar um equilíbrio entre as dimensões educativa, recreativa e competitiva. Criar um ambiente de prática adequado para a progressão na formação esportiva e humana.

As observações de Lima (2000, p.46) vem corroborar neste sentido ao afirmar:

Enquanto esta filosofia seletiva de veneração dos campeões, difícil será que o esporte na Escola seja educativo e formativo, que a formação esportiva da juventude promova o aparecimento do “homem esportivo”, que tenha consciência de suas responsabilidades social e cultural sempre que assume a prática do esporte como um meio da própria valorização e como ato público respeitado pela consciência social.

Debove (2001), em sua proposta para formação de treinadores, tenta definir quais são as competências do treinador, partindo de uma análise baseada na teoria do sistema, da função do treinamento de três pólos: tipo de esporte, o contexto do treinamento e o contexto da prática de alto nível. (figura 3)

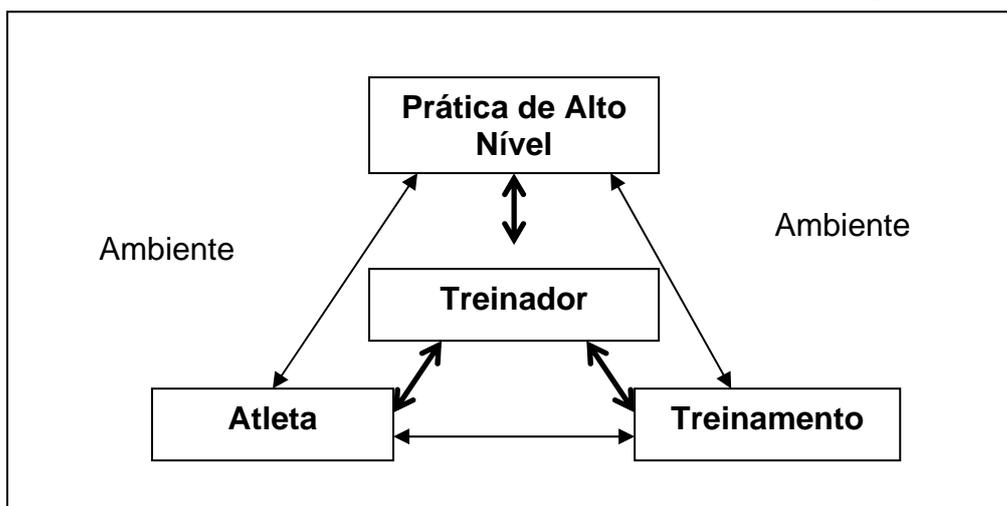


Figura 3 - Sistema de pólos do treinamento, Debove (2001).

Para Santos e Shigunov (2001) o profissional deve utilizar conhecimentos construídos de forma racional, sistemática e contínua, assim como os construa, mediante ao “feeling” adquirido com a prática, com objetivos que devem transcender a mera aquisição de medalhas e “status”, mas também, respeitar o ser humano com quem trabalha, para que quando, esse não produzir, enquanto atleta, possa continuar utilizando o mesmo tipo de modalidade esportiva para melhorar seu nível de qualidade de vida.

Abordando as competências do treinador no que se refere à confecção do projeto esportivo Vázquez e Gayo (2000) descrevem quatro aspectos substanciais:

- a) Transmissão de valores e normas de conduta;
- b) Determinação da filosofia/atitude de jogo para a equipe;
- c) Determinação do perfil de jogador requerido para seu desenvolvimento;
- d) Determinação dos objetivos esportivos.

Sobre a transmissão de valores e normas de conduta Vázquez e Gayo (2000) afirmam que esta é a primeira das competências do treinador em relação a sua face de projeto esportivo, e esta deve atender a critérios de responsabilidade e dignidade profissional.

Os valores suscitam uma formação do caráter e da conduta futura do atleta, sendo moldados durante toda a carreira e sendo colocada constantemente à prova.

A forma de desenvolver o trabalho do treinador é um tema que gera certo debate e polêmica, que Vázquez e Gayo (2000) citam ser assunto do treinador mais inovador ao mais clássico. Os procedimentos de treino estão mudando bastante nos últimos tempos. As contribuições são diversas para a otimização dos processos de treino do jogador e da equipe.

Medalha (2000), em seu ensaio sobre a filosofia do treinador, salienta que todo o ser humano tem sua própria filosofia de vida e esta é decorrente da formação, da experiência de vida, do ambiente cultural em que vive e/ou foi criado, dos valores próprios extraídos de sua personalidade. E ainda, os treinadores quando no exercício de sua função, ou seja, treinando e dirigindo equipes compostas de seres humanos, estão sujeitos a manifestar reações e condutas das mais diversas.

Luis (1988) propõe a seguinte descrição de traços positivos da personalidade dos treinadores os quais se destacam alguns:

- a) Aspiram fortemente ao êxito com uma necessidade evidente de estar no topo;
- b) São muito ordenados e organizados; preferem prever interessar-se pelo que possa vir a acontecer;
- c) São pessoas calorosas e gostam dos contatos humanos;
- d) Tem um nível de consciência bem desenvolvida e apreciam muito os valores reconhecidos na nossa sociedade.

Esses traços evidenciam o caráter da produtividade na aspiração ao êxito e organização. Já quanto ao caráter humanista, gostar de contatos humanos e apreciar os valores (morais) expressam esta relação.

Hotz (2002) fala que a importância da “disponibilidade” à performance são mais capaz de influenciar positivamente seu estado. O melhor desenvolvimento do potencial de performance não se dá ou presta às disposições e sem os ajustes específicos inerentes à competição do momento. Ou seja, devem ocorrer ajustes específicos para que se alcance a performance em determinado esporte, e a competição irá requerer diferentes tipos de reação dependente do momento, atendendo às necessidades.

Prata (1997) destaca as expectativas sobre a função de treinador, uma visão tenha um cunho humanista forte, e que apontam para:

- a) Papel de educador e mentor;
- b) Pessoa que fornece os parâmetros para o comportamento da equipe/atleta;
- c) Responsabilidade no desenvolvimento do atleta como uma pessoa global.

Prata e Resende (2003) ponderam que ser treinador é, obrigatoriamente, ser um pensador, um crítico e um filósofo, no sentido mais criativo da filosofia, quer como indagação racional sobre o mundo (a “nossa” vida e o “nosso” esporte) e o homem (o “eu” e os “outros”), com propósito de encontrar a sua explicação última (os nossos porquês – problemas, relações ou ralações, sucessos ou insucessos, entre outros). A filosofia do treinador passa por esta tentativa de descoberta, de um estabelecimento de linhas de orientação para a ação do treinador e o respectivo comportamento.

Existem exemplos de perda de credibilidade do treinador, os dois mais comuns segundo Prata e Resende (2003) são: O treinador desiste ou abandona o(s) seu(s) atleta(s), ou que reage ostensivamente de forma negativa no comportamento nas linguagens verbal e corporal, perante um ou piores resultados, desencorajando os seus atletas, a sua motivação e o seu próprio trabalho; o outro é o chamado na literatura anglo-saxônica, “treinador do bom tempo”, ou seja, aquele que desaparece quando os resultados são maus, e dá atenção e apoio quando estes são bons. O que os atletas percebem é que o treinador não se interessa por eles, apenas pelo seu bom rendimento ou resultados.

Prata e Rezende (2003, p.11) ainda fazem a seguinte ponderação:

“O treinador deverá ter, como um pai, a preocupação de educar para a autonomia, sabendo encaminhar os jovens no sentido de se auto-treinarem, de se auto-disciplinarem na sua vida pessoal, e de se servirem da plenitude da cidadania”

Meinberg (2002) escreveu que junto aos fatores externos (instituição de trabalho, pressão externa), você pode também encontrar um fator interno, que concerne em ver o treinador como pessoa, a maneira dele ver esta personalidade e esta identidade, suas emoções, conhecimentos, mentalidade, a maneira como percebe o mundo a sua volta e como ele é.

Montiel (1997) diz que se observa o futebol, o esporte mais “profissional” dos esportes em Portugal, encontrar-se-á que a generalidade dos treinadores, jogadores e dirigentes são sensíveis à importância de aspectos humanos que vão para além do mero cumprimento das atividades físicas e táticas do treino.

E Montiel (1997, p.12) acrescenta:

“As variáveis humanas no esporte gozam de tanta importância que não podem ser esquecidas. Aliás, nunca foram e estão sempre presentes. Questão diferente é a de conceder o oportuno tratamento às suas múltiplas implicações, especialmente no esporte profissional”

Salgado (1999) orienta que é necessário ter permanentemente presente que os jovens com quem se trabalha antes de tudo, são pessoas que, por sinal, se encontram numa fase fundamental do seu desenvolvimento físico, social e psicológico. Pode-se ainda estender esse pensamento as categorias superiores, visto que, se torna imprescindível desenvolver indivíduos além de atletas.

Já Guimarães (1999) relaciona o treinador esportivo e a qualidade total, destaca que os investimentos econômicos dirigidos à modernização das máquinas, o que, em linguagem atual, seria considerado o “hard-ware” da produção, objetivo alcançado em pouco tempo pelos produtores, concomitantemente, investiu-se na capacitação técnica do trabalhador o “soft-ware”. Atualmente, procura-se melhorar o rendimento do indivíduo (“human-ware”), pois entre os inúmeros fatores a maioria é de fatores humanos.

Para Guimarães (1999) o trabalho do treinador moderno é consequência de uma quebra de paradigma: o de grande condutor a gerente de um processo, em que, os valores humanos dos seus membros (principalmente, os do treinador) devem ser cultivados para incidirem sobre o grupo em forma de ações positivas.

O fator humano é a parcela mais importante da “qualidade total”, por este motivo, o processo de treinamento esportivo realizado através dos conteúdos do treinador e um preparador físico são coisas do passado, devendo-se basear a partir das relações interpessoais calcadas em valores humanos, que são de grande importância para o alcance dos resultados excelsos (Guimarães,1999).

Assim, deve ser dada uma importância prioritária ao “ser humano” atleta, pois nesta relação de ensino-aprendizagem é que se estará forjando as virtudes morais do futuro homem.

Cardoso (1987) considera que a vitória maior do treinador não deve estar no resultado de uma partida, e que infelizmente em alguns treinadores a filosofia está voltada única e exclusivamente para o fator vitória. Enquanto deveriam adotar os princípios que norteiam a própria filosofia de vida: honestidade, caráter e individualidade física, psíquica e social de um ser humano.

Como refere Bento (2004b) a formação do homem, á luz de bitolas humanistas, é a grande missão da Humanidade; a ela é que se consagra desde sempre a civilização. Em todos os tempos e lugares e pelos mais diversos meios. Ver o Homem em cada homem. Realizar o Homem em cada homem. Registrar o selo da Humanidade em cada indivíduo, para que seja pessoa.

O esporte vive de valores e é com eles que se constrói a sua história, o seu imaginário e o seu legado de princípios e ideais. E pode certamente ajudar a difundi-los, recreando as forças de renovação da vida e do triunfo do Homem. Confirmando afinal que lhe assiste inteira e fundada razão quando afirma ser uma escola de virtudes.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Fixadas as premissas teóricas ao desenvolvimento do estudo, passa-se a descrever os procedimentos metodológicos utilizados. Primeiramente, caracteriza-se o estudo em questão, apresenta-se o contexto da pesquisa, para em seguida, descrever-se os participantes do estudo. Posteriormente, são abordados os instrumentos de investigação e os procedimentos.

3.1 Caracterização do estudo

Analisaram-se a conduta e o estilo de ensino/treino de treinadores das equipes do gênero masculino de esportes de quadra da cidade de Blumenau no Estado de Santa Catarina, refletindo sobre suas ações e interpretando os dados observados. Para consolidação dessa análise optou-se por realizar um estudo multicase (Yin, 1993), de caráter descritivo exploratório.

Inicialmente foi realizada uma entrevista semi-estruturada com questões abertas sobre a biografia e formação, além da aplicação de um questionário para coleta de informação dos treinadores. Na seqüência, foram realizados estudos de casos de observação com um treinador de cada modalidade dos esportes de quadra (Voleibol, Handebol, Basquete e Futsal), neste momento foram utilizadas as técnicas de observação, notas de campo e filmagem para posterior triangulação, conforme a figura 4. (Bogdan e Binklen 1994; Bastos et al, 2004)

Para Yin (1993), o estudo de caso exploratório talvez seja o estudo de caso de maior reputação. Neste tipo de estudo de caso, o trabalho de campo e a coleta de dados são agentes prévios para a definição final no estudo das questões e hipóteses. Investigar pode seguir um caminho intuitivo, percebido por outros como sentimental. Contudo, pode-se genuinamente tentar descobrir a teoria e direcionar

a observação para o fenômeno social nessa forma “crua”. Além disso, quando são selecionadas as questões e objetivos finais do estudo, seu estudo conclusivo pode não necessariamente ser um estudo de caso, mas assumir outras formas.

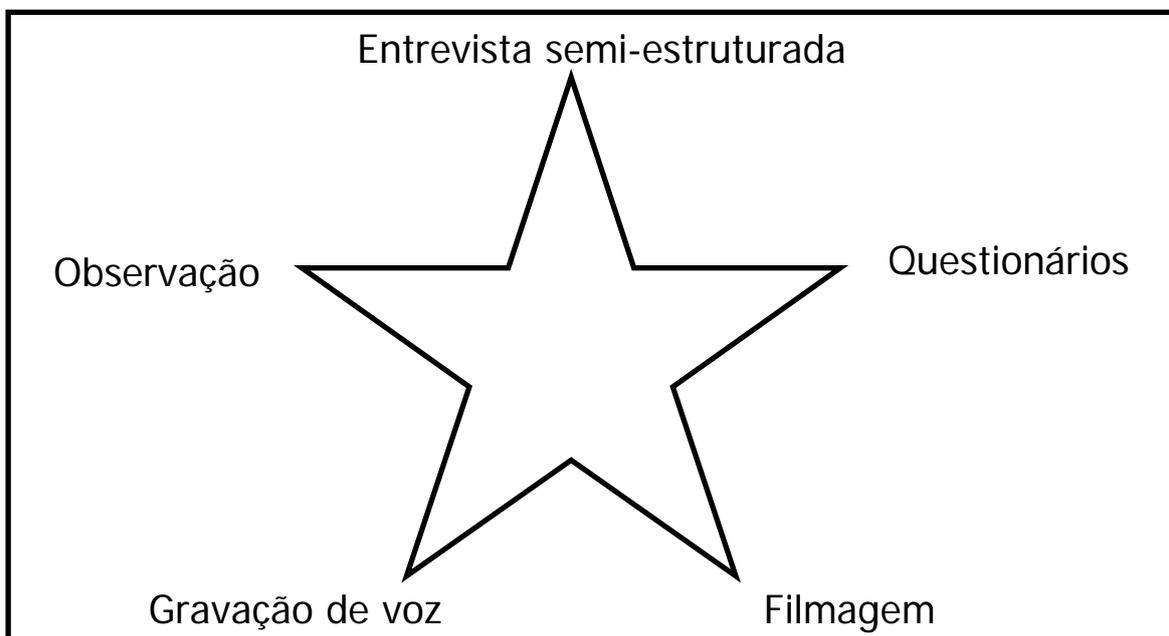


FIGURA 4 - Representação da triangulação de dados

3.2 Amostra

Participaram do estudo, os treinadores de esportes de quadra (handebol, basquetebol, voleibol e futsal) da cidade de Blumenau, Santa Catarina. A escolha da cidade foi pelos seguintes motivos:

- É a cidade que detém o maior número de títulos dos JASC (Jogos Abertos de Santa Catarina);
- É a maior campeã da história dos jogos em esportes de quadra;
- É a cidade que mais cede atletas para as seleções estaduais;
- É a cidade do estado de Santa Catarina que tem o maior número de atletas de renome nacional e internacional.

Verificou-se que a pesquisa relacionada a treinadores não é recente, e que utiliza alguns modelos consolidados há décadas como o Sistema de Avaliação do Comportamento do Treinador (Smoll e Smith, 1984). Este instrumento presente no anexo V, teve diferentes interpretações através da história, sendo que a versão

publicada em português no Brasil, avalia a competência emergente (Becker, 1998), o primeiro estudo original de comportamento do treinador desses pesquisadores data do final da década de 70 (Smith et al, 1977). Após algumas alterações surge em 1984 o instrumento próximo do definitivo, sendo que outros pesquisadores já adaptaram o mesmo. O modelo atual foi aplicado em 13000 treinadores de jovens no Canadá (Smith e Smoll, 2003), onde descreve os itens em uma escala Likert, e serve como instrumento de controle do *Programa de Formação para a Eficácia dos Treinadores*. Mais recentemente o instrumento traduzido e adaptado foi utilizado em estudos do grupo de pesquisa de Cruz e Gomes (2001), estabeleceram-se os resultados em um quadro de orientações gerais sobre a conduta do treinador. Ainda de acordo com o mesmo autor essas condutas e ações que tem um reflexo direto na formação do indivíduo atleta, do ser “humano” atleta.

Após a entrevista e aplicação dos questionários, iniciou-se a fase de observação e filmagem dos mesmos. A amostra é considerada proposital e pequena, (Thomas e Nelson, 2002). Yin (1993) define que a unidade de análise nos estudos de caso será mais claramente determinada pela coleta de dados que possibilita um grande número de perspectivas.

Para proteger a identidade dos treinadores envolvidos no estudo escolheu-se os primeiros nomes de poetas e escritores importantes da Língua Portuguesa, Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo, Fernando Pessoa e Mário Quintana.

Além disso, o *status* da posição de treinador em uma cidade que já foi diversas vezes finalista nos esportes de quadra pode levar a certa “pressão” exercida pela necessidade direta de resultados, aonde os objetivos vão além das fases pré-classificatórias sendo esperado dessas equipes sempre uma performance próxima do topo do ranking, e assim, a exigência maior com a qualidade dos resultados vem à tona.

Afonso (2001) destaca que o estudo de vários casos permite uma análise cruzada procurando temas comuns, nuances e diferenças aplicadas por critérios de semelhanças e contraste. Sendo no caso deste estudo, representado cada caso por um representante de cada modalidade.

3.3 Instrumentos

Segundo Valles (1997) citado por Romanelli e Biassoli-Alves (1998), as pesquisas qualitativas devem obedecer aos critérios da credibilidade, transferibilidade e dependentibilidade. A facilitação no acesso a documentação deve ser uma preocupação do pesquisador qualitativo, pois a maneira como será conduzido o estudo é que vai possibilitar possíveis replicações.

Para melhorar a validade e a confiabilidade do estudo, a coleta de dados foi realizada pelo pesquisador. Inicialmente foram feitas a entrevista semi-estruturada e a aplicação dos questionários, de questões abertas e fechadas, com os treinadores para o levantamento de dados. De acordo com as respostas obtidas pelo instrumento I, foi identificado o auto-conceito dos treinadores-caso para serem investigados a fim de se obter informações mais precisas. Após foram utilizadas, observações sistemáticas dos treinos ministrados por estes profissionais, e filmagem para posterior triangulação dos dados e a fim de alcançar um maior aprofundamento da situação presente.

Primeiramente ocorreu a entrevista semi-estruturada que foi realizado visando caracterizar o sujeito e sua formação como o utilizado por Graça (1997) e adaptado por Afonso (2001), em conjunto com os três questionários adaptados por Becker Jr.(1998), para avaliar a conduta e o estilo de ensino/treino dos treinadores.

A observação sistemática das sessões de treino ministradas no desenvolvimento das práticas esportivas foi auxiliada pela filmadora para posterior transcrição dos dados em fichas de observação criadas especificamente para este estudo, usando a grelha de observação para ver as categorias observáveis de conduta e estilo de ensino/treino. Estas fichas foram baseadas nas de Saad (2002), que tem a intenção de fazer uma análise pormenorizada das tarefas realizadas considerando os pressupostos de presságio-processo-produto de Pierón, adaptados por Rodrigues (1997).

E por fim, foi feita a filmagem de uma sessão típica de treino da equipe para posterior transcrição e análise da linguagem não verbal.

Algumas considerações são necessárias para a rotina de análise por técnica de vídeo, segundo Sanders (2004):

- Permissão (estabelecida neste estudo através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).
- Campo de visão: Checar o campo de visão do equipamento em um reconhecimento do local, antes da observação em si.
- Ângulo de filmagem: Estabelecer um ângulo de filmagem que seja possível observar o treino em toda a sua extensão, além de captar as reações do mesmo.
- Checar a energia: Verificar se existe tomada de energia próxima ao local escolhido para assim evitar o uso da bateria, se utilizada a bateria ter sempre uma de reserva ou ter bateria suficiente para filmagem de todo o treino.
- Avaliar a velocidade de captação da câmera: para uma análise quantitativa dos dados a velocidade de captação deve ser de 1/500s no mínimo.
- Iluminação: Deve-se considerar a iluminação local, se o treino for à noite verificar na checagem do local a iluminação e se esta é suficiente. Se for luz do dia verificar se esta não causa reflexo na filmagem.
- Data e hora da filmagem: Sempre que possível colocar na filmagem data e hora na tela para verificar que o treino filmado coincide com algum dos treinos observados.
- Identificação das fitas: Imediatamente após testar o material, identificar a fita com o máximo de informações como local, treinador, entre outros.

3.4 Procedimentos

3.4.1 Antes da coleta de dados

Solicitados e obtidos a declaração de ciência e parecer do município representadas por seu secretário de esportes e os termos de consentimento livre esclarecido dos treinadores de esportes de quadra das equipes masculinas, estando de acordo com as normas do projeto aprovado pelo do Comitê de Ética

de Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (anexo VIII).

Em momento posterior, depois de efetuadas as correções dos métodos escolhidos para a investigação, contatou-se a entidade representativa e solicitou-se a autorização dos respectivos treinadores participantes, aproveitando para marcar a aplicação do instrumento I (1ª etapa).

3.4.1.1 Estudo Piloto

A realização de um estudo piloto se fez necessária para testar os instrumentos e assegurar uma previsão de como conduzir o estudo. Este serviu de treinamento para a pesquisa observacional, testando os instrumentos do estudo, podendo evitar possíveis imprevistos e assim tendo maior segurança à pesquisa. O estudo foi realizado com um treinador de esportes de quadra da cidade de Florianópolis. Em virtude do prazo exíguo, não foi observada uma semana típica de treino completa, ocorreram a entrevista e aplicação dos questionários; após, a observação dois treinos com a gravação da voz. Ao chegar ao local de coleta de dados final, acompanhou-se um treino aleatório para aferir os instrumentos.

3.4.2 Durante a coleta dos dados

A coleta de dados relativos à pesquisa teve por base a realização da entrevista semi-estruturada e de resposta aberta, a aplicação dos questionários de conduta e estilo de ensino (anexo IV, V, VI) para os treinadores das equipes, onde foram verificadas as intenções existentes com relação à temática do estudo. Após, houve o acompanhamento de uma semana típica de treino, onde foram observadas de 3 a 5 sessões de treino de cada um dos quatro treinadores, a filmagem de uma sessão típica de treino de cada equipe e a gravação de voz das sessões observadas.

No presente estudo, as entrevistas foram realizadas no período pré-competitivo, antes da disputa dos Jogos abertos, tentando, deste modo, evitar que

estas pudessem exercer qualquer tipo de influência sobre o planejamento dos treinos.

Após, foram marcadas as observações e filmagem, que foram realizadas paralelamente a análise das entrevistas, com o objetivo de aumentar o grau de fidedignidade da pesquisa descritiva (Thomas e Nelson, 2002). A transcrição das entrevistas foi feita na íntegra, para assegurar a validade das declarações obtidas pelos treinadores e, posteriormente, foi levada para que eles verificassem e confirmassem o que foi dito.

Refira-se que as entrevistas ocorreram no período de 10 de setembro a 3 de novembro de 2005.

3.4.3 Após a coleta dos dados

Depois de todos os dados coletados na segunda etapa da pesquisa, as informações foram organizadas, e proporcionaram uma profunda análise. Para Yin (1993) cada método favorece uma coleta de dados e a técnica de análise também reflete a orientação do método inicial e as suposições sobre cada uma das regras da consulta científica tradicional.

Nessa fase, os dados foram coletados somente pelo pesquisador e transcritos por ele. A técnica utilizada para transcrever as entrevistas foi a **transcrição**, utilizada por Afonso (2003) e Lettnin (2005). A técnica de se reformular a transcrição literal para tornar a leitura compreensível. Na transcrição há inúmeras fases repetidas, vícios de linguagem e expressões equivocadas. Há na transcrição estrangeirismos, gírias e palavras chulas - termos bastante distintos quando falados ou escritos. Tendo-se, portanto o código oral e escrito com valores diferentes. Esses desvios são corrigidos pela **transcrição**. (Gattaz, 1998)

Para assegurar a validade das declarações obtidas e **transcritas**, houve retorno do pesquisador aos entrevistados para que confirmassem o teor das declarações.

3.4.4 Análise dos dados

No primeiro momento foi realizada análise de conteúdo para detectar as intenções existentes com relação ao auto-conceito sobre a conduta e estilo de ensino/treino dos treinadores, além de detectar a formação e caracterização dos sujeitos de acordo com o questionário de dados pessoais dos treinadores (anexo IV), questionário de conduta do treinador (anexo V) e questionário de estilo de ensino/treino (anexo VI). Identificou-se as condutas, os estilos de ensino nas suas referidas dimensões.

No segundo momento, o instrumento do anexo VII, as observações sistemáticas dos treinos e a filmagem foram categorizadas e analisadas de forma qualitativa, também a partir do método de análise de conteúdo, de acordo com procedimentos definidos por Ramírez e Latorre (2002). Nesse tipo de procedimento, o pesquisador decompõe o fenômeno investigado em partes, de forma que suas partes essenciais se organizem e se relacionem criando mapas conceituais de temas e sub-temas.

A análise de conteúdo realizada nos questionários, bem como a triangulação dos dados obtidos na observação sistemática e a filmagem dos treinos permitiu uma avaliação eficiente na investigação sobre a conduta e os estilos de ensino dos treinadores, apontando suas concepções, auto-conceito, ações, reações e estilos, bem como, seu próprio comportamento, que, possivelmente servirá de modelo no desenvolvimento dos atletas enquanto pessoas.

Segundo Ramirez e Latorre (2002), para análise da documentação escrita ou verbal (necessidade de conceituar o discurso registrado e estabelecer assim o sistema de categorias definitivo), podem haver duas possibilidades:

1. Que tenha sido realizado por algum(ns) investigador(es) em estudos anteriores uma categorização prévia do objeto de estudo e de objetos de estudo similares e estas categorias se ajustem aos fins de investigação;

Neste caso se pautara pela maneira DEDUTIVA, podendo adaptar sistemas de outros autores ou apenas classificar da forma como categorizaram.

2. Que se deva elaborar um sistema próprio de categorias por não existir categorias definidas previamente em investigações anteriores o por não adequar-se ao nosso objetivo de investigação.

Neste segundo caso, deve-se elaborar um sistema de categorias de maneira INDUTIVA, extraíndo dos próprios dados as categorias e depurando o sistema pouco a pouco, questão que exige regra e critério neste processo.

Após a *transcrição*, o material foi analisado, sendo que as categorias foram surgindo nesse processo, após a análise total do material agrupou-se algumas categorias e eliminou-se outras menos importantes. As categorias definidas primariamente obedeciam a grelha de observação, mas após a análise do material coletado existiram alguns itens não enquadrados, assim revelou-se necessária a criação da categoria de linguagem não verbal. Após repassou-se todo o processo de análise para reclassificar algumas variáveis. Este processo apesar de trabalhoso definiu as diferenças e similitudes dos treinadores evidenciando as condutas e o estilo de ensino/treino destes.

CAPÍTULO IV

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta parte do trabalho são apresentados os resultados obtidos, como analisadas as respostas dos treinadores frente as questões que lhe foram apresentadas; a análise proveniente das observações, gravações de voz e filmagens. O texto dividiu-se nas seguintes partes: formação acadêmica, experiência profissional e concepção de ensino; a conduta reativa dos treinadores; aspectos sobre a dimensão da produtividade; aspectos sobre a dimensão humanista, a linguagem não verbal: revelando condutas e atitudes emergentes.

4.1 Formação acadêmica, experiência profissional e concepção de ensino

A formação acadêmica em Educação Física e no Esporte

O esporte foi considerado um dos fenômenos socioculturais mais importantes do final do século XX (Tubino, 1994) e a cada dia evolui tanto tecnologicamente quanto tecnicamente. A evolução técnica do esporte levou os treinadores de modalidades esportivas, especialmente os esportes de quadra, a buscarem conhecimento em cursos de graduação, cursos de extensão, estágios e observação de equipes. A evolução tecnológica serve hoje como um suporte, auxiliando no processo de análise e observação do treinador, seja por filmagens, *scout* (anotações estatísticas), apresentação de vídeos ou outro meio utilizado.

Segundo Afonso (2001), existe a preocupação dos órgãos responsáveis pelo esporte, em nível mundial, em oferecer programas de formação de treinadores. Esse autor salienta ainda que cada área subsidie as necessidades do treinador. Os conteúdos dessas áreas são conjuntamente desenvolvidos por

professores e por treinadores esportivos *experts*, que oferecem uma gama de conhecimentos necessários para a formação e o aperfeiçoamento dos treinadores. Os treinadores, por sua vez, não necessitam de conhecer fatos científicos complexos, mas precisam entender as suas implicações nos seus atletas e no esporte em que estão atuando.

Nesse sentido, a entrevista adaptada de Afonso (2001) encaminha uma melhor contextualização acerca da formação dos treinadores participantes desse estudo. Para o mesmo autor, a formação do treinador é um processo contínuo de ensino e aprendizagem, e, devido a isto, é importante que uma vez mais os treinadores tenham acesso às bases teóricas do ensino, provenientes das áreas da didática e da pedagogia, fundamentalmente os treinadores de crianças e jovens.

Dessa forma, a primeira categoria de análise foi a respeito da formação revelou que Érico, Carlos e Mário são formados, estes concluíram o curso na FURB (Universidade da Região de Blumenau), cabe salientar que esta Universidade fica na mesma cidade onde exercem o cargo de treinador. O treinador Érico é o treinador que está a mais tempo formado, a 26 anos, Mário tem 15 anos de formado e Carlos foi o que se formou mais recentemente a 8 anos. Já o treinador Fernando, é provisionado do CREF, podendo exercer a função de treinador por já trabalhar com o treino antes da legislação atual entrar em vigor.

No quadro III, pode-se visualizar a síntese dos dados pessoais dos treinadores relacionados a formação.

Quadro III

Classificação dos treinadores quanto à experiência e tempo de formação

Treinador	Idade	Experiência Atleta federado	Experiência treinador	Formação Tempo
Érico	48	2	25	26
Carlos	32	10	15	8
Fernando	46	3	15	Não
Mário	39	14	15	15

A respeito da formação dos treinadores, os três treinadores graduados em Educação Física tiveram experiências diferentes durante o curso, em parte pela mudança de paradigmas da área, em outra pela própria maneira pessoal de encarar a formação.

Existe a necessidade de relacionar não apenas quando cursou, mas sim cruzar os dados com a experiência profissional, usando esta estratégia detecta-se que o treinador Carlos, que se formou há menos tempo, demonstra um amadurecimento que o coloca ao lado dos demais treinadores, podendo ser considerados muito experiente e de sólida formação. O treinador Fernando, apesar de não ter formação acadêmica, tem uma larga experiência prática, por não ter formação, revela-se um pouco inseguro em algumas questões, onde sua personalidade calma e tranqüila dificulta o controle do treino e o entendimento de algumas atividades demandando mais tempo de instrução que os demais.

Quando questionados sobre se haveria necessidade de se graduar em Educação Física para exercer a função de treinador, os treinadores com formação, a consideram fundamental, inclusive o treinador provisionado considera que “acrescentaria muito”. Mas, mesmo considerando a formação importante, todos reforçaram a necessidade da prática, seja em acompanhamento de treinadores experientes. Já Érico e Mário destacaram que exclusivamente a graduação ajudou pouco.

Para Carlos a formação superior torna-se necessária para auxiliar o conhecimento prático revelado em sua resposta:

Aparentemente ela parece ser simples, mas ela não é simples, se eu falo que 80% do meu conhecimento vem da prática eu não posso desconsiderar que na prática há muito conhecimento, há muitas informações, mas para que estas informações se tornem conhecimento produtivo e real, com certeza a formação acadêmica é fundamental, porque só assim você vai testar estas hipóteses, apesar de parecer um pouco contraditório, mas acredito que seja fundamental.

A graduação foi apontada como algo que pouco colaborou na formação do treinador (cursos de formação específicos), apesar de todos os treinadores considerarem fundamental ter graduação na área havendo assim certo contra-senso ou paradoxo.

Na categoria sobre os motivos que os levaram a carreira de profissional de Educação Física, todos os treinadores atribuíram como principal motivo a “terem sido atletas”, sendo esta proximidade, e envolvimento precoce com o meio, o caminho certo para a carreira de treinador. Fernando declarou que sua carreira iniciou-se por “*hobbie*” e após seu posterior aprofundamento levou-o a profissionalização, fazendo com que hoje sobreviva deste “*hobbie*”.

Relacionado à categoria de quais as áreas de estudo que mais se dedicou ou se especializou, Érico respondeu que dedicou-se mais a dos esportes, Carlos com tudo que se relaciona ao treino em geral, Mário com o treino específico da modalidade em que exerce a função de treinador e também com o treino de maneira geral. Fernando fez cursos tanto do esporte que treina quanto de áreas mais gerais como psicologia.

As respostas dos treinadores foram diferentes, sendo assim, a formação do treinador não ocorre de uma maneira única, as opções de cada treinador mostraram a busca tanto pelo específico da modalidade quanto pelo conhecimento mais generalizado sobre treinamento.

No quadro IV foram descritos os pontos fortes e fracos do curso de graduação cursado pelos treinadores.

Quadro IV

Pontos fortes e fracos do curso de graduação dos treinadores

Treinador	Pontos Fortes	Pontos Fracos
Érico	Parte teórica com ênfase nas disciplinas da área biológica.	Modalidades práticas
Carlos	Área pedagógica e didática de ensino; valorização do ser humano.	Pouca profundidade dos conhecimentos; a pesquisa e extensão.
Mário	Área de formação em Educação Física Escolar.	A parte de Fisiologia e Cinesiologia voltada para o Condicionamento Físico de uma maneira geral.

Os treinadores não denotaram uma preocupação com a participação periódica em cursos (formação continuada) durante a carreira. Todos os treinadores revelaram a participação em cursos ou atividades de aperfeiçoamento.

Os treinadores graduados estudaram na mesma Universidade, e por este motivo, esperava-se que tivessem pensamentos semelhantes quanto aos pontos fortes e fracos do curso de graduação, algo que não ocorreu. Acredita-se que tenha colaborado para a diferença nas opiniões: a época diferente em que o curso de graduação foi realizado, a realidade pessoal vivida pelos treinadores durante a graduação e terem tido professores diferentes.

Na categoria sobre os trabalhos mais relevantes produzidos pelos treinadores-caso apenas Carlos citou trabalhos de pesquisa e em relação aos projetos esportivos. Érico e Carlos citaram as suas participações em Campeonatos Nacionais, Estaduais, Joguinhos e Jogos Abertos, já Fernando e Mário atribuíram a sua experiência com os atletas formados que chegaram a Seleção Nacional além dos projetos que envolveram as categorias de formação de suas respectivas modalidades. Dos participantes, Érico, Carlos e Mário detêm um currículo como treinadores que pode ser considerado de alto nível, já tendo disputado Campeonatos Nacionais. Desses treinadores, um disputou o campeonato nacional do ano de 2005, e os outros dois estavam com a vaga garantida para a temporada 2005-2006 da Etapa Nacional.

Torna-se importante destacar que a classificação obtida nos Jogos Abertos de 2005, consolida a escolha da cidade de Blumenau como local de coleta de dados. Sendo que, na classificação por cidades, Blumenau sagrou-se campeã, e nos esportes de quadra da categoria masculina, foram obtidos das quatro equipes uma primeira colocação e duas segundas colocações, sendo que apenas uma das quatro equipes não se classificou entre os quatro primeiros da fase final da competição.

Na categoria sobre o motivo que levou os indivíduos a serem treinadores, Érico declarou que a experiência com categorias inferiores a nível escolar antes de formado e o envolvimento com a arbitragem desportiva que motivaram a desenvolver-se na área. O envolvimento e a proximidade com a área de forma mais geral, foram os motivos de Carlos e Mário, e por fim Fernando descreveu que seu envolvimento com a formação acabou sendo o principal motivo além do

prazer em exercer a função. O motivo que claramente levou os treinadores a escolha dessa carreira foi à vida pregressa de atleta. A proximidade com a área, o gosto pela modalidade, às oportunidades de auxiliar e observar treinadores experientes também são motivos que encaminham a escolha da carreira. Pode-se visualizar essas evidências no quadro V.

Quadro V

Área preferencial de atuação e motivo da escolha da profissão

Treinador	Área que mais gosta de atuar	Motivo
Érico	Formação	Ver o desenvolvimento e os objetivos alcançados
Carlos	Treinamento	Ter sido atleta e contato com os professores Mestres
Fernando	Formação	Gostar e preparar os atletas para o ambiente do esporte
Mário	Treinamento	Se considera mais apto

A categoria relacionada à experiência de atletas, todos os treinadores foram atletas e de acordo com o quadro VI, Érico e Fernando tiveram prática federativa por poucos anos sendo atribuída esta resposta também a pouca quantidade de competições das federações na época em que praticavam. Agora, Carlos e Mário participaram como atletas por mais tempo.

O envolvimento com a área, seja como atleta, árbitro ou auxiliar colaborou em grande parte na escolha tanto área quanto da modalidade.

Na categoria sobre a participação de competições em outras Categorias Érico foi o único que não participou de competições em outras categorias, em contrapartida Carlos participou em todas as categorias em que jogou. Fernando participou além da categoria adulta em competições da categoria Juvenil. Já Mário passou por competições em diversos estados.

A experiência profissional é para o treinador indispensável para que este vá construindo um conhecimento prático aplicativo. De acordo com Afonso (2001) é imprescindível que o treinador possua os conhecimentos da teoria e da metodologia do treino para que possa, organizar, conduzir e controlar toda a preparação desportiva da sua equipe e alcançar o sucesso. E deve, também, apropriar-se de conhecimentos provenientes de outras áreas que têm dado o seu

contributo para o treino desportivo, entre as quais se destaca a pedagogia do esporte, que tem contribuído bastante para o esclarecimento das situações de aprendizagem.

O quadro VI descreve a idade com que iniciaram a prática enquanto atletas, quantos anos praticou como atleta federado, as categorias e o nível mais elevado que participou.

Quadro VI

Respostas sobre a experiência enquanto atleta federado

Treinador	Idade de iniciação atlética	Anos como Atleta Federado	Categorias em que participou	Nível mais elevado de competição
Érico	10	2	Mirim, Infantil e juvenil	Estadual juvenil de futsal
Carlos	12	10	Pré-mirim, mirim, Infantil, Juvenil e Adulto	Campeonato Nacional
Fernando	15	3	Juvenil e Adulto.	Jogos Abertos
Mário	13	14	Infantil, Juvenil e Adulto	Campeonato de clubes no exterior

Mesquita (1997) define que o produto final do treino desportivo é o resultado da combinação de vários fatores, sendo que a sua explicação e entendimento se fundamentam não apenas no domínio do conhecimento do conteúdo de treino, mas também na perícia e na intuição do treinador. Assim reforçando a importância da experiência prática na formação do treinador.

Ainda Mesquita (2000), se refere às capacidades que o treinador deve manifestar em sua atividade, que sintetizada em domínios, onde um deles, o conceitual diz respeito ao domínio e conhecimento das questões das ciências do esporte e da modalidade em que trabalha. Haja vista a necessidade desse domínio para desempenhar com qualidade o papel de treinador. Outro domínio citado é capacidade técnica que diz respeito à organização e condução do

processo de treino, reforça a importância em estudar a conduta e estilo de ensino/treino de treinadores.

Nesse sentido, Campbell citado por Afonso (2001), caracteriza o conhecimento para a formação do treinador desportivo em torno de três áreas principais:

1. Conhecimento específico do desporto: técnicas, táticas e estratégias do desporto;
2. Conhecimento relacionado com a essência da *performance*: ciências do esporte, ética/filosofia, pedagogia e habilidades de gestão/vocação;
3. Experiência prática: considerável ênfase atribuída ao aperfeiçoamento da experiência prática.

No caso dos treinadores analisados pode-se afirmar que todos têm em seu conhecimento características dessas três áreas.

Quando questionados sobre a categoria - formação federativa - apenas Carlos apresentou formação federativa, os demais declararam que a Confederação que representa a modalidade do qual são treinadores não possui nenhum tipo de classificação federativa.

Na categoria relacionada ao significado do papel de ser treinador Érico, Carlos e Fernando atribuíram o significado a formação de indivíduos, cidadãos, pessoas de caráter, demonstrando a preocupação com o *ser - humano* atleta e os aspectos que envolvem a sua humanização. Já Mário, relatou o significado pessoal, disse que ser treinador é tudo em sua vida, faz parte da identidade, as pessoas o identificam como o “fulano do esporte”.

A preocupação com a formação de indivíduos foi considerada o verdadeiro papel do treinador, e exercer esse papel é grande significado pessoal para os treinadores.

A preocupação com a formação integral do atleta esteve presente na fala de Fernando transcrita abaixo:

Eu diria que principalmente nas categorias de base a formação do caráter do atleta, e com o caminho que este atleta pode levar. Você cria horizontes, sonhos, despertam interesses (...) o treinador ali é um pai, é um psicólogo, é um companheiro, ele é tudo menos o cara que só vai cobrar, que só vai passar a instrução tática. Já na categoria adulta, você tem a responsabilidade de administrar um orçamento, de mostrar cobranças, traçar objetivos, fazer

com que o grupo se assemelhe contigo (...) E sempre o objetivo traçado é maior que o orçamento planejado, e esse desafio de você conquistar mais que é possível com aquilo eu acho interessante pra um treinador, então ele tem sempre um trabalho diferente técnico, tático pra que aquela equipe se supere, um tipo de trabalho físico que estimule os atletas a se desenvolver mais fisicamente, psicologicamente estar sempre motivado a conquistar mais, é que é o interessante nas categorias profissionais.

A respeito da categoria dos pontos fracos e fortes do conhecimento específico de cada modalidade, todos têm suas habilidades específicas como descritas no quadro abaixo. Os treinadores apresentaram pontos fortes e fracos distintos, revelando habilidades específicas de cada um.

Quadro VII

Pontos fortes e fracos do conhecimento sobre o esporte

Treinador	Pontos Fortes	Pontos Fracos
Érico	Defesa	Finalização
Carlos	Tático	Especificidades de uma posição
Fernando	Psicológico	Tática
Mário	Formação	Defensiva

A experiência prática foi atribuída como a fonte maior de conhecimento em detrimento a formação acadêmica que foi citada como de pouca participação na formação. (Quadro VIII)

Para obter uma formação específica os treinadores: participam de cursos, técnicos, assistem a outros treinadores e aprendem com o trabalho em outras categorias ou áreas.

Todos os treinadores tiveram experiência como atletas diferindo apenas na duração e idade de início. Cabe explicitar que nenhum treinador iniciou precocemente a vida de atleta e que as competições estavam presentes nas diversas categorias pelo qual passaram.

Na categoria relacionada à formação específica do esporte em que trabalham cada treinador concentrou seus estudos de uma maneira diferente. Érico assistiu cursos técnicos de seu esporte com treinadores de alto nível e

desenvolveu a parte Pedagógica ao trabalhar com a Educação Física Escolar. Carlos concentrou seus estudos em áreas mais consolidadas como psicologia, treino e aprendizagem. Fernando optou por focar no trabalho de formação e preparação psicológica. E Mário, que fez especialização em Treinamento, assistiu curso e clínicas, acompanhou treinos no Brasil e exterior.

Quando argüidos sobre a categoria das fontes de conhecimento, os treinadores foram unânimes em afirmar que a experiência prática é uma das fontes de seu conhecimento. Érico e Fernando consideram que os cursos técnicos são a segunda fonte de seu conhecimento. E Carlos, considerou ainda o conhecimento teórico (graduação) com pouca participação em sua formação.

Para Mário não existe como atribuir um peso a cada fonte, e seu conhecimento passa pela observação de treinos, cursos e outras fontes. Mas considera como principais as seguintes:

Observação e acompanhamento de outros treinadores, treinadores que passaram por mim como atleta também foram importantes, as clínicas que eu fiz, hoje em dia especificamente tenho tentado me espelhar no trabalho das pessoas que trabalham na comissão da seleção brasileira, por que eu tenho tido oportunidade de trabalhar com elas, então eu tenho tido o Fulano (Treinador da seleção principal) como um espelho, Beltrano e Ciclano (auxiliares da seleção principal) que eu considero um treinador excelente. Então por observação... lógico que não copiando, mas procurando adaptar a nossa realidade ao que a gente pode fazer dentro do que a gente tem material- a minha parte de formação acadêmica da universidade teve muito pouca influência no meu trabalho como treinador , se eu for botar um peso pra este vou colocar zero ou um pois o curso era muito voltado para a formação do professor de Educação Física e não do treinador.

Quadro VIII

Fonte de conhecimento e o peso relativo de cada fonte

Treinador	Fonte de conhecimento	Peso
Érico	Experiência prática e cursos técnicos	Maior na experiência.
Carlos	Experiência prática e conhecimento teórico	Experiência- 80% Conhecimento – 20%
Fernando	Experiência prática e cursos técnicos	Experiência- 70% Cursos- 30%
Mário	Experiência prática e acompanhamento de outros treinadores	Não atribuiu

Na categoria da produção científica apenas um treinador, Carlos, já produziu algum ensaio científico. Mário, que não produziu nenhum artigo, explicou que se deve ter cuidado na interpretação e reprodutibilidade de estudos estrangeiros, graças à realidade do esporte praticado no Brasil e suas diferenças significativas se comparado a países de primeiro mundo.

Ainda sobre os trabalhos mais relevantes detectou-se que há importância dada aos títulos conseguidos, as competições de nível maior que participaram e aos atletas que chegaram ao nível de seleção nacional.

Já a categoria dos conhecimentos que deverá possuir um treinador para ser um especialista na modalidade específica, Érico acredita que o estudo seria o conhecimento principal, mas também faz uma ressalva ponderando que a realidade prática sobre a dificuldade de sobreviver apenas com o treinamento específico de uma modalidade. Para Carlos, o treinador deve conhecer a modalidade e também outros esportes coletivos, e considera importante o desenvolvimento humano, a área social e psicológica de forma abrangente. Segundo Fernando, ser um líder, saber agregar valores na equipe, ser um disciplinador, exemplo de caráter, saber se comunicar, e ter um conhecimento técnico e tático profundo do esporte. Já Mário, considera que para ser treinador é necessário possuir um dom, observar, criar a sua própria filosofia e ter os conhecimentos específicos da modalidade. Assim, um treinador especialista foi considerado por contrastes. Por exemplo, ter conhecimento específico do esporte em geral do desenvolvimento humano.

A questão sobre a categoria dos objetivos de ensino nas diferentes categorias mostrou que esses foram colocados de forma diferente pelos treinadores. Érico trabalha inicialmente com a técnica individual, depois introduz alguns aspectos táticos que são enfatizados na fase posterior, e nas fases mais avançadas é que relaciona os objetivos com as competições que disputa. Carlos aposta na avaliação diagnóstica inicialmente e após saber o nível de seus atletas é que estabelece objetivos que são dependentes da vontade do jogador. A vontade e o gosto pelo jogar também são objetivos prioritários para Fernando, deixando a competição em segundo plano. Mário estabelece objetivos de cada semana e de cada treino, iniciando desde o aquecimento o envolvimento com o plano diário.

Saber as competências alvo, diagnosticar as especificidades do grupo, envolver o objetivo desde o primeiro momento do treinamento foram colocados como objetivos de ensino.

Relacionado à categoria do ensino na fase de formação, todos os treinadores-caso participam concomitantemente do treino de equipes adultas de atividades com equipes de formação, escolar ou de clube, e para tanto cada um revelou uma estratégia diferente quando questionado sobre o fundamento do qual deveriam trabalhar primeiro nessa fase. O treinador Érico colocou que a ênfase deve ser dada na correção do movimento, pois é na fase inicial que se desenvolve a técnica. Desenvolver a criatividade na criança e variar o tipo de experiências com a bola foi às considerações feitas por Fernando. Mário acredita que não exista um fundamento segregado de outro, ele normalmente aposta em um trabalho com mais de um fundamento e também certa preocupação com os aspectos físicos necessários para a devida evolução na modalidade.

Já Carlos descreveu que os fundamentos devem ser revelados aos poucos durante a fase de formação, como relata a seguir:

Já iniciei trabalhando o fundamento A, já iniciei trabalhando o fundamento B, já iniciei trabalhando o fundamento C, já iniciei trabalhando o fundamento D, e acredito que não há uma grande fórmula. Acredito que se deva dar uma visão geral do que é JEOC, e que a criança perceba o que é JEOC e que ela tenha prazer em jogar JEOC, e hoje de forma geral que a criança aprenda a jogar JEOC no início dentro da quadra de JEOC jogando pra depois se houver necessidade você separar por fundamentos e desenvolver uma técnica mais apurada.

Para o ensino na fase de formação não ficou explícita uma fórmula do que se deva trabalhar primeiro (fundamentos, técnica, tática, entre outros), e assim, cada treinador encara a prática na iniciação de maneira distinta.

Os treinadores presentes nesse estudo revelaram um envolvimento e um interesse pela área de formação, mas torna-se importante salientar que mesmo trabalhando com categorias menores podem considerar suas equipes como de ponta, disputando títulos estaduais e nacionais. A habilidade e experiência dos treinadores vem de certa forma sendo recompensada, levando a participação de comissões técnicas do Estado ou da Seleção Nacional.

Para Érico o destaque na elaboração do planejamento é a inter-relação com a parte física, como relata a seguir:

Eu trabalho, dependendo da parte física, eu planejo a semana e depois o mês, dependendo do que foi preparado na parte física da semana, por exemplo se foi trabalhado velocidade antes do treinamento com bola, eu procuro dar mais ênfase as finalizações, a um trabalho mais moderado quanto a parte de deslocamento, se é dado um treinamento de musculação eu faço o trabalho de contra-ataque, depende muito do que foi planejado na parte física, então o trabalho com bola, há a conciliação do trabalho físico com o trabalho com bola.

Na categoria sobre os fatores considerados na elaboração do Planejamento do treino da categoria, Mário e Fernando concordam com o aspecto tempo de trabalho, uma preparação antecipada foi o destaque de Fernando em suas considerações. Carlos considera os problemas individuais do grupo, pensamento do que Mário também partilha.

Relacionado à categoria sobre concretização do planejamento, Mário destaca que tem ocorrido o alcance dos objetivos pré-estabelecidos, algo que tem ocorrido na maioria das vezes. Carlos estabelece a solução de problemas individuais que tem como grande prova o jogo. Érico estabelece critérios de eficiência para determinar o quanto do planejado se concretizou, até porque considera que o que foi errado no treino foi da mesma maneira durante o jogo. Fernando estabelece objetivos relacionados a resultados, assim conseguindo o resultado planejado, o plano se concretiza.

Para planejar considerou-se a preocupação com o tempo disponível, limitações de grupo e vínculo com os objetivos da preparação física.

Para determinar a concretização do planejamento até a competição parece ser o grande instrumento de avaliação utilizado pelos treinadores.

Sobre a categoria como são projetadas as atividades a serem trabalhadas, três treinadores: Érico, Fernando e Mário consideram a relação com o que terão para fazer durante a semana, principalmente se existirem partidas a serem disputadas, aí as atividades culminam na aplicação em quadra. E Carlos trabalha enfatizando as especificidades das posições por blocos onde o nível de eficácia é dependente da resposta dos jogadores.

Para projetar atividades deve-se levar em consideração o calendário competitivo e a resposta dos atletas ao treino, já que não adianta estabelecer objetivos sem a devida progressão dos atletas durante o treino.

Quando questionados sobre a categoria de que explicitam no plano da semana e do dia, novamente o destaque de Érico, Fernando e Mário foram para a relação entre planejamento e competição disputada no momento e se haverá partida naquela semana. Érico ainda estabelece no plano da semana em que em alguma partida há uma preparação da equipe especificamente para o confronto, modificando sua forma de jogar.

No plano do dia e da semana fica aparente a fase do treino em si, sendo modificada gradativamente com o desenrolar da temporada.

A categoria sobre como é feito o controle do trabalho, Érico aponta que através de uma planilha de anotações com o número de ações são classificadas em certas ou erradas, sendo auxiliado pelos próprios atletas para esse controle. Carlos usa estratégias variadas que vão desde o controle qualitativo até o controle mais quantitativo, sendo que utiliza mais métodos perceptivo, qualitativo e de análise. Fernando realiza anotações ao final do treino para ter uma continuidade no próximo treino.

O treinador Mário utiliza formas diferentes de controlar o treino, como o relatado abaixo:

É mais um feeling pessoal de analisar se aquilo saiu a contento, ou também o feedback dos atletas você conversar ver o que ta achando do trabalho, o que acharam da defesa, eu este ano to trabalhando sozinho mas eu sempre procuro trabalhar com mais pessoas junto por que isto é importante, você terminar um treinamento e sentar e preparar o treinamento do dia seguinte em conjunto, sempre são várias opiniões que vão formar a opinião correta.

O Controle do trabalho realizado é feito de formas diferentes pelos treinadores e alternam entre o controle numérico e o controle subjetivo do “feeling” pessoal. Este “feeling” é adquirido com a prática como orientam Santos e Shigunov (2001).

A categoria relativa à forma de como cada treinador ensina a sua modalidade e as adaptações necessárias para o aprendizado dos fundamentos foram destacadas distintamente por cada treinador. A ênfase de Carlos é na

progressão dos exercícios da forma mais simples até a forma mais complexa. Érico ensina na prática, não utiliza visualização ou *feedback* por vídeo. Mário apresenta a progressão, assim como Carlos, destacando aspectos motores no início da aprendizagem. Enquanto isso Fernando usa a progressão em forma de situações de jogo e com visualização na prancheta para facilitar aprendizagem.

Para Fernando não apenas qualidades e virtudes deve ter o treinador, mas também o aspecto de cobrança dos atletas como descrito a seguir:

(...) nós trabalhamos como técnicos com atletas que trabalham o dia inteiro, você tem que ter bastante paciência e ser persistente, cobrar dos atletas porque eles realmente gostam de ser cobrados, eles gostam de que realmente você cobre deles o que tem que fazer, principalmente frequência em treinamento, a responsabilidade com os companheiros, eles tem que respeitar porque se ele vem treinar o colega precisa dele pra treina(...). Tem que ser o que eu não sou, compreensivo. Com conhecimento de causa.

Quadro IX

Qualidades e virtudes do treinador

Treinador	Qualidades e virtudes do treinador
Érico	Persistência, paciência, compreensivo e conhecimento.
Carlos	Competência técnica, conhecimento, experiência, integridade, conhecer as relações humanas.
Fernando	Político, personalidade forte, equilíbrio, vigilante.
Mário	Perseverante, organizado, metódico, estudioso, observador, gostar do que faz.

Becker Jr.(2000) observa que o conhecimento, a comunicação verbal e não verbal, a escuta ativa, aptidão comunicativa do atleta, disciplina e seu estilo de liderança como qualidades do treinador.

Os aspectos sobre a formação que foram abordados nesse estudo estiveram em concordância com parte dos aspectos descritos no quadro X.

Assim, o ambiente pedagógico e psicológico estão de acordo em quase todos os itens, apenas o comportamento em competição não fez parte de nosso estudo.

As qualidades do treinador vão desde o conhecimento técnico até variáveis de ética e aspectos psicológicos, mostrando assim, o perfil multifacetado do treinador.

Quadro X

Âmbitos de formação e componentes (Fuentes-Guerra et al 2001) (adaptado)

ÂMBITOS DE FORMAÇÃO	COMPONENTES
AMBIENTE PEDAGÓGICO	<ul style="list-style-type: none"> - Programação; - Montagem das sessões e atividades; - Organização dos conteúdos; - Metodologia; - Avaliação e controle.
AMBIENTE PSICOLÓGICO	<ul style="list-style-type: none"> - A motivação dos jogadores; - Controle e direção de grupos; - Capacidade de comunicação; - Trabalho em equipe; - Habilidade Interpessoal; - O Psico-evolução de conhecimento dos jogadores; - Ambiente positivo de trabalho; - O comportamento do treinador durante os treinamentos; - O comportamento do treinador durante a competição.

Sobre a concepção de ensino nas diferentes categorias que trabalha Fernando faz um relato sobre as diferenças entre a fase de formação e a fase adulta.

Eu acho que em treinamento de categoria de base até os 12 anos eu tenho que juntamente com o trabalho técnico, despertar no garoto o interesse pelo esporte desenvolvendo o gosto por aquele esporte que ele quer praticar, e até então a competição fica em segundo plano, e a partir dos 12 anos já começa a trabalhar mais específico o treino tático, de individualizar posições, situações de jogos (...) no adulto em cima da cobrança do resultado, são profissionais pagos e eles tem que ter essa postura(...) aqui o treinador tem que ter essa concepção que a atitude fora da quadra vai refletir ai dentro, se ele não teve um dia de descanso se ele foi pra festa, se ele está com problemas em casa, mesmo ele recebendo um salário e cobrando sobre isso por mais que ele vá se esforçar, ele vai fazer besteira, vai se irritar e vai ser expulso, não tem um ambiente adequado pra aquela cobrança daquele resultado.

A concepção de ensino para a fase de formação foi a última categoria da segunda entrevista, onde Érico aponta que se deve aprender com os atletas, e que aprendeu muito sobre relacionamento treinador-atleta sendo aberto a opiniões. Carlos explica que não adota uma metodologia única por respeitar a

individualidade de seus atletas, esta estratégia ainda se mostra eficaz no sentido de aplicar um determinado tipo de metodologia para um determinado problema, entendendo sempre que por trás do atleta está o ser humano com suas limitações. Para Mário, deve-se ter amor pela modalidade acima de tudo, ter ainda pensamento amador em uma estrutura profissional, a emoção não deve ser abandonada, devendo emocionar-se a cada partida, a cada lance ou a novos empreendimentos.

Segundo Filin e Volkov (1998) é importante o treinador esportivo ter uma boa formação para garantir organização e conteúdo no processo de treino, e ainda estimular no atleta o desenvolvimento motor e intelectual. Ainda o mesmo autor considera também suas capacidades intelectuais e volitivas, através de desafios constantes.

Os treinadores apresentam diferentes concepções de ensino, e isto se deve possivelmente pela maneira como encaram as tarefas do ambiente de treino, a moda; idade específica, entra algumas evidenciadas no Quadro IX.

Assim, a formação do treinador envolve suas condutas e estilo de ensino/treino no desenvolvimento do atleta em suas diversas capacidades inclusive a intelectual e volitiva, ensinado valores em toda a sua ação.

4.2 A conduta reativa dos treinadores

Anfilo (2003) descreve que o treinador deve utilizar principalmente estímulos positivos (elogios, intervenções e correções do treinador) junto aos atletas, evitando os negativos, que devem ser utilizados somente para provocar a inibição de determinados tipos de comportamentos. É, através destes estímulos positivos que o treinador pode desenvolver uma metodologia específica para suas intervenções junto a seus atletas, pois os mesmos favorecem e reforçam a motivação dos jogadores, dando como resultado uma identificação e uma aceleração do aperfeiçoamento e da eficiência de cada jogador.

O quadro XI mostra as categorias de observação e as respectivas condutas mais utilizadas pelos treinadores.

Quadro XI

Condutas do treinador em situação de treino

Treinador		Érico	Carlos	Fernando	Mário
Conduta					
Frente ao rendimento desejado	Reforço	X	X	X	X
	Ausência Reforço				
Erros e Fracassos	Apoio				
	Orientação Técnica	X	X	X	X
	Reprovação				
	Orientação Punitiva				
	Ausência de reação				
Condutas inadequadas	Manutenção do controle	X	X	X	X
	Ausência de Reação				
Conduta Espontânea Associada a competição (no ambiente de treino)	Orientação técnica geral		X		X
	Apoio	X		X	
	Organização				

Conforme o quadro XI, as condutas mais utilizadas pelos treinadores foram em sua grande maioria às mesmas entre os treinadores, sendo apenas a conduta associada à competição revelou dois treinadores com um tipo de conduta e os outros dois com outro.

Analisar as condutas e estilo de ensino/treino durante o treino e não na competição revelou-se como um importante fato para analisar a relação do treinador enquanto modelo para o atleta. Durante o treino as ações ficam mais próximas entre o treinador e atleta, já que a qualquer momento o treino pode ser paralisado e o treinador pode assim ter uma conversa mais próxima, seja para instruir, orientar ou até punir, se este for o caso. A riqueza de detalhes durante uma sessão de treino é imensa, já que ali estão todos despreocupados, sem a presença de público, pais e jornalistas.

Nesse ambiente, quando um atleta realizava um rendimento desejado, a execução correta revelava na maioria das vezes um reforço, seja com palavras de incentivo ou elogio, ou com palmas ou outra manifestação corporal (linguagem não verbal) positiva. A conduta ficou explícita não apenas com palavras, mas com gestos e expressões.

A reação mais comum aos erros e fracassos demonstrou ser o *feedback* de orientação técnica geral, seja com ou sem paralisar o exercício. Quando o treino é paralisado pode ser aproveitado para todos os atletas, ainda ocorreu algumas vezes o mesmo *feedback* de forma individual, onde comumente a demonstração ocorria. Essa nuance entre orientação verbal e demonstração revelou que primeiro o treinador tenta corrigir de forma verbal, e se este não surte efeito realiza a demonstração. O *feedback* de forma verbal foi o mais usado em um estudo de Leça Veiga et al (1999).

Um exemplo de como ocorre o *feedback* é como Fernando passa as correções após erro a seus atletas.

(...)Ainda dá, vamos, entra, isso garoto, boa. Fulano, se fechar assim o espaço, ele não vai ter por onde atacar. Vai, chega, recupera a bola vamos.(...)

A manutenção do controle foi a ação de todos os treinadores frente condutas inadequadas. Os treinadores Mário e Fernando mantiveram o tom de voz positivo e durante uma breve pausa no treino comentavam a conduta com o jogador, já Érico e Carlos demandaram um tempo maior de conversa e com um tom de voz mais elevado.

Durante as sessões de treino, os treinadores utilizavam jogos com parte da estrutura formal de competição com as regras, pontos, e até com a arbitragem como no caso do treinador Fernando. Esses jogos mostraram que as condutas espontâneas dos treinadores analisados variaram, sendo que Carlos e Mário realizam mais orientações técnicas de forma geral Fernando e Érico realizavam mais o apoio geral incentivando os atletas em suas decisões. Um aspecto importante a ser destacado é que em nenhum dos treinadores uma conduta espontânea foi extremamente predominante, havendo utilização das diversas formas de conduta.

As condutas de forma geral podem ser consideradas corretas, onde não ocorrem com frequência as punições ou a ausência de reação, mostrando assim que os treinadores não utilizam condutas extremas, estabelecendo um clima de treino positivo.

Assim, os resultados do presente estudo estão de acordo com os estudos anteriores sobre a conduta do treinador. (Monteiro et al, 2004; Smith, Smoll e Hunt, 1977; Smoll e Smith, 1984; Cruz e Gomes, 2001)

4.3 Aspectos sobre a dimensão da produtividade

Na dimensão da produtividade todos os treinadores apresentaram fortes indícios relacionados a esta. A habilidade de organizador foi marcante nos treinadores Érico, Carlos e Mário, todos utilizavam palavras-chave para explicar os exercícios e eram sucintos na organização das atividades. Apenas Fernando estendia-se mais nesse item, supondo-se em parte, por não ter formação universitária e talvez por desconhecer estratégias de organização do treino.

Mário utilizava as palavras-chave de forma a simplificar o enunciado de um exercício ou para pedir mais atenção em determinado fundamento.

Faz duas trincas lá, vamos deixar uma bola só, fica na fila de lá, Fulano e o Beltrano, aqui no meio (...). Agora 7 minutos 3 contra 2 recuperando. Usa o passe e o que a gente fez até agora. Segura pra correr. (...)

As palavras-chave são frases concisas, freqüentemente constituídas por apenas uma ou duas palavras, com a finalidade de focar a atenção do atleta sobre os pontos pertinentes da tarefa ou, ainda, sugerir elementos essenciais do padrão de movimento da habilidade motoras citado por Afonso (2001).

Quanto à utilização do material, acredita-se que as condições oferecidas para a realização do treino (local, material, tempo, espaço, interferência externa, entre outras) tenham direcionado este item. Todos os treinadores foram de certa forma muito eficientes, utilizaram o material disponível e o espaço destinado a seu treino, independente de este ser adequado ou não. O treinador Érico tinha espaço inadequado e pouco material, e para realizar seu treino utilizava todo o espaço das laterais, além das linhas demarcatórias por não treinar em quadra oficial de sua modalidade. Fernando também treinava em quadra não oficial, mas usava as linhas como limite. Os outros dois treinadores, Carlos e Mário, tinham quadras de treino de dimensões oficiais, mas com situações materiais opostas. Mário tinha pouco material, mas oferecia uma grande variação de exercícios, tornando o

treino mais atrativo. Já a situação de Carlos era a melhor entre os treinadores, apesar de precisar por vezes trocar de quadra ou ceder um espaço na área de escape para outras atividades. Esse treinador contava com uma vasta quantidade de material, e utilizava os mais diversos recursos disponíveis em seus treinos.

Treinos em quadra e com bola foram os que mais ocorreram com todos os treinadores, e o material auxiliar mais utilizado foram os cones. A forma com que os treinadores utilizaram o material pode revelar alguns indícios de sua competência que de acordo com Shigunov, Pereira e Manzotti (1994) alguns comportamentos relacionam-se com a competência didática, seja o uso do material, organização, entre outros.

O estilo dos treinadores mostrou-se adequado à idade dos atletas, inclusive com algumas adaptações por parte de Mário, que esperava os atletas mais experientes realizarem algumas passagens pelo exercício para que os atletas menos experientes pudessem visualizar e posteriormente participar do exercício. O treino de Carlos adequava-se etariamente, mesmo em treinos de alta complexidade os atletas mais novos pareciam já conhecer a estrutura do exercício de outras categorias. Os treinadores, Fernando e Érico, não realizavam adaptações em seus exercícios.

Todos os treinadores mostraram pela experiência, seja como atleta, seja como treinadores, habilidade específica para o esporte. Três deles, Érico, Carlos e Mário, com experiência em disputa de Campeonatos Nacionais, e inclusive, com classificação assegurada nesses Campeonatos para a temporada 2005-2006. Apenas Fernando estava treinando a equipe adulta pela primeira vez, e este viveu uma situação contrária a dos demais, participa apenas do campeonato estadual e sem chances de ficar nos três primeiros postos da modalidade.

Sobre o volume de voz, Érico, Carlos e Mário, apresentaram um alto volume de voz em algumas situações do treino, normalmente o tom de voz era adequado (positivo). Fernando apresentava um tom de voz mais baixo e calmo, e algumas vezes o tom de voz se tornava adequado, talvez porque sua maior experiência foi com a formação.

A explicação de um exercício não tomava muito tempo e tinha uma forma simples de ser passada aos atletas como Érico demonstrou durante os treinos.

Ei, duas colunas, formem duas colunas uma na direita e uma na esquerda desloca lateral até o meio ai sai desloca lateral sai e volta e passa lá no Fulano, depois volta e repete.

A verbalização clara e sucinta foi característica marcante de três treinadores; Érico, Carlos e Mário. Fernando demorava mais tempo nas explicações que os demais por utilizar uma menor quantidade de palavras-chave.

As demonstrações de todos os treinadores foram corretas e normalmente eram utilizadas após um *feedback* verbal de orientação técnica não ter efeito. Todos os treinadores utilizaram-se desse recurso após um erro, executando uma pausa para que todos os atletas pudessem visualizar a demonstração para captar através da observação. As demonstrações foram tanto de forma parcial quanto de forma global (Xavier, 1986), não havendo uma só estratégia ou forma específica em algum dos treinadores. O *feedback* de orientação técnica punitiva foi utilizado por Carlos e Érico, de forma a servir de exemplo aos demais, sendo realizado com tom de voz alto e linguagem não verbal explícita, mostrando a indignação com o ocorrido.

Os exemplos verbais e a linguagem específica da modalidade foram claramente usados por todos os treinadores, a economia de tempo nas explicações de atividades, o *feedback* e as palavras-chave transformaram os exemplos em algo de fácil visualização e interpretação. A única ressalva seria ao treinador Fernando que utilizava exemplos ricos, mas muito repetidos, as explanações foram na sua maioria extensas em demasia, diminuindo o aproveitamento do tempo do treino. A utilização de prancheta para mostrar a posição inicial e os deslocamentos foi o recurso utilizado na parte principal dos treinos por Mário e em todos os treinos por Fernando, onde ele parava um exercício em andamento e demonstrava na prancheta o deslocamento correto.

Troca o atleta da posição x, volta pra formação inicial, puxa, puxa. Paciência, levanta a cabeça, pressiona (...). Tem que deslocar rápido, não deixa pensar, não deixa achar. Água. (...) Treinador pega a prancheta e mostra os jogadores e seus deslocamentos. (...) Quando tiver quatro contra três vai até sair o gol. Esse exercício é pra você. Colete pra lá. (...)*

O uso considerável de *feedback* foi um indicador presente em dois treinadores, Carlos e Fernando, diferindo apenas na forma de como este era dado. Mário também dava uma boa quantidade de *feedback*, sendo um pouco

mais específico. Já Érico utilizava pouco o *feedback*, mas quando utilizava fazia o que se pode chamar de *feedback* “por atacado”, depois de repetidos erros do mesmo ponto, este usava um *feedback* geral de orientação técnica ou demonstração.

O entusiasmo no treino chamou a atenção em dois treinadores, Carlos e Mário, que passam dessa forma aos atletas um clima motivacional apropriado para o desenvolvimento do treino. Fernando se mostrou mais introspectivo, apesar de realizar brincadeiras e preocupar-se com o clima no ambiente de treino. Érico foi o mais calado dos treinadores analisados, sendo muito mais observador e pensativo do que entusiasmado.

A motivação para cumprir as tarefas ocorreu por parte de três treinadores, Carlos, Mário e Fernando. Érico parecia extremamente centrado nas suas ações, mas a motivação para cumprir tarefas não era aparente.

Os atletas mantiveram na sua maioria a empolgação durante os treinos, e em todas as modalidades estudadas.

Quanto aos atletas ficarem pouco tempo passivos, todos os treinadores utilizaram um controle através do “feeling” para determinar o momento correto de realizar intervalos e pausas, sejam para mudanças de exercício, para tomar água ou para conversar sobre o treino. De forma geral, todos os treinadores fizeram pausas no momento correto seja para descanso ou para dar instruções e correções ao grupo. Apenas o tempo utilizado nessas pausas é que determinou um treinador com ação diferente dos demais. Fernando ficava mais tempo nos intervalos explicando aos jogadores as ações realizadas ou a realizar.

Os treinadores utilizaram palavras diferentes para determinar o tipo de ação dos jogadores. Todos utilizaram palavras-chave para início, pausa e para pedir atenção individual ou de todos. A atenção individual era requerida pelo nome ou apelido e a coletiva através de uma palavra-chave. Além dessa comunicação verbal, poderia em conjunto usar algum sinal de reunir ou de parar o treino.

Entretanto, deve-se pensar nas questões relacionadas a produtividade no treino sem esquecer os aspectos humanos, tendo um equilíbrio em relação aos aspectos humanos.

Assim, deve-se abandonar a ideologia da “vitória a qualquer custo”, e denunciar o uso dos produtos químicos, dopagem, hormônios, entre outros, como sugere Araújo (1994).

4.4 Aspectos sobre a Dimensão Humanista

Considerando a grelha de observação a respeito da dimensão humanista todos os treinadores apresentaram traços fortes relacionados a esta.

O estilo de ensino/treino dos treinadores foi democrático, evidenciado ao ceder a palavra aos atletas, ao auxiliar ou supervisor. Carlos expunha sua opinião e seus argumentos, após pedia os argumentos dos jogadores. Fernando e Mário utilizaram exemplos com atletas do seu grupo, cedendo a palavra para que estes pudessem expor sua opinião e experiência. No entanto, Érico foi o treinador que menos falou e também o que menos deu a palavra, apenas respondia prontamente as dúvidas de seus atletas, mas ainda assim permitia que os atletas mais experientes auxiliassem na correção do movimento. Estudos de Serpa e Batista (2000) revelaram que ser democrático é uma das principais características de liderança.

Em se tratando de treinos de categorias adultas a linguagem utilizada nos treinos mostrou-se codificada com termos específicos de cada modalidade. A forma educada de tratar os atletas esteve presente em todos os treinadores. O respeito as limitações dos atletas foi aparente em todos os casos. Verificou-se que quando os atletas não conseguiam realizar determinada movimentação os treinadores não pouparam esforços para que não houvessem dúvidas.

Sobre o tom de voz positivo, três treinadores, Érico, Carlos e Mário, utilizavam o tom de voz positivo na maior parte do treino, o tom de voz aumentava com o barulho das bolas no solo ou quando existia interferência externa (carros passando, pessoas assistindo, entre outras).

A utilização de gestos positivos foi variada e muito utilizada por todos os treinadores, onde a ação mais comum foi bater palmas. Além das palmas também foram utilizados os punhos cerrados, o sinal de positivo com a mão e cabeça, o

tapinha nas costas e o cumprimento específico da modalidade (apontar o dedo, bater com a mão aberta e depois com a mão fechada).

Os gestos e a linguagem não verbal são largamente citados na literatura cabendo referenciar os estudos de Mesquita (1997), Weinberg e Gould (2001) e Prata e Rezende (2003), que caracterizam a linguagem corporal, do movimento e os gestos como elementos dessa linguagem.

O *feedback* verbal de orientação, utilizado repetidas vezes, foi usado mais vezes por Fernando, sua estreita relação com categorias de formação provavelmente tenha influenciado nessa característica marcante.

De novo, ainda dá, vai, vai, vamos, quatro contra três (...). Ta no meio faz com três. Hei, falta, vai lá, vamos. Vem tomar a bola (...), abre bem, isso. Sem espaço vamos embora. Parou, se a defesa não estiver encostada, ou sai na bola (...), ou ele na bola longa da dois. Vai, vamos acelera.

Já os outros treinadores forneciam um número menor de *feedback*, sendo que Érico forneceu o menor número, mas com muita eficiência em suas intervenções. A qualidade e necessidade podem ser descritas de acordo com a sua execução.

A integração entre os atletas era aparente em todas as modalidades, assim como a formação de pequenos grupos. Todos os treinadores realizavam as atividades buscando inteirar todo o grupo, distribuindo os atletas à sua vontade. Em todas as modalidades aconteciam esporadicamente reuniões festivas entre os atletas e a comissão técnica.

Apenas o treinador Érico se mostrou mais fechado em relação a integrar-se com os atletas conversando poucas vezes assuntos que não fossem relacionados ao treino. Os outros três treinadores mantinham um clima de brincadeiras antes e após o treino e em algumas oportunidades durante também. O treinador Carlos participava ocasionalmente dos jogos de aquecimento com os atletas.

Todos os treinadores aprovam iniciativas adequadas, seja de integração entre os atletas, de auxílio em deslocamentos (carona), de material, entre outras.

A atenção esteve sempre focada no treino e nas iniciativas dos atletas, até mesmo aconselhando em uma atitude errada. Essa atenção e valorização das

atitudes tanto dentro de quadra quanto fora dela se dá pela constante observação dos treinadores.

Todos os treinadores deixavam que os atletas ajudassem um ao outro. O treinador Érico observava isso acontecer sem interromper. Os demais requisitavam que durante os exercícios houvesse essa correção mútua.

As sessões de treino foram atraentes em todo o processo e com todos os treinadores, a diversidade de exercícios, encadeamento e as instruções sobre a execução.

Ramírez (2002) identificou em seu texto as estratégias mais efetivas que deveriam ser utilizadas pelo treinador no processo de instrução. Entre as variáveis se incluem:

- a) Proporcionar, frequentemente, "*feedback*" e incorporar numerosas sugestões e atividades;
- b) Estimular com numerosas perguntas e esclarecimentos;
- c) Comprometer-se, antes de tudo, com a instrução;
- d) Interferir no ambiente para conseguir uma ordem considerável.

Essas estratégias estiveram presentes, mostrando que as condutas e o estilo de ensino/treino dos treinadores fossem reforçados pela literatura presente.

Os treinadores mostraram-se preocupados com resultados, com o cumprimento de objetivos, o uso de exemplos corretos, o tipo e freqüência de *feedback*, constante motivação dos atletas e o uso de palavras-chave. Assim, revelam uma forte ligação com os aspectos da produtividade, algo inerente ao esporte de alto nível.

No trabalho de Liukkonen et al (1993) citado por Rodrigues (1997) foi realizada a análise do comportamento do treinador segundo duas dimensões, a humanista e a da produtividade, gerando quatro tipos de treinadores: "ideal", "autoritário", "novato", "incompetente". Esse estudo obteve como resultado uma forte correlação entre variáveis humanismo e produtividade, explicada pelos seguintes fatores: adequação à idade dos atletas; *feedback* positivo; entusiasmo; participação dos atletas. O equilíbrio dessas duas dimensões leva ao perfil "ideal", como foi detectado nesse estudo.

Existe ainda importância de reforçar que o treinador deve, mesmo necessitando de resultados, ter uma mentalidade humanista. Neste sentido, Bañuelos (1996) entende que a relação treinador-atleta de uma perspectiva

psicopedagógica. Também critica os treinadores desportivos que perdem esta mentalidade de humanista e que são centrados exclusivamente em aspectos meramente técnicos ou esportivos que procuram resultados em curto prazo. Para poder concluir o seu trabalho de um modo responsável, esses treinadores deveriam ter, em primeiro lugar, uma formação apropriada e, em segundo lugar, um apropriado assessoramento.

Sanmartín (2003) considera a definição de valores humanos pertencente ao campo da experiência subjetiva, pois as entidades não objetivas e relativas reforçam essa afirmativa, indicando que seu conceito se dirige a critérios mediante os quais as pessoas selecionam e conferem valor a uma conduta. O autor relata que no esporte a conduta desejável e as atitudes morais têm sido consideradas habitualmente representativas de bom caráter, a esportividade e o jogo limpo, o *fair play*, o que é significativo, pois crianças e adolescentes tendem a imitar seus ídolos, além de imitar suas habilidades.

Ainda o mesmo autor, em suas observações sobre a questão dos valores humanos no esporte, analisa que o esporte, a respeito desse ponto de vista, separa-se por pólos distantes, um em que pessoas crêem que ele educa e não há nada que ser modificado, e outro, que aponta para os que querem vencer a qualquer custo. Nessa ótica, reflete que para muitos autores, o esporte não é bom nem mau, é o contexto que determina seu caráter, que pode desenvolver tanto o espírito coletivo, quanto o espírito individualista. Aí consiste a necessidade de determinar as condições pedagógicas, para que se converta o esporte em uma atividade educativa autêntica. O esporte bem utilizado pode promover valores como disciplina, respeito aos adversários e companheiros, a persistência e ensinar o sentimento de jogo limpo, o respeito pelas normas, em esforço coordenado de subordinação dos interesses pessoais aos do grupo.

Balbino (2005) afirma o que vem a confirmar os resultados deste estudo, que deve-se estimular nos atletas o estabelecimento de sistema de crenças e de valores humanos formadores do auto-conceito do atleta, tendo em si um modelo construtivo de auto-realização e ter como base os valores humanos ao relacionar-se com os atletas.

No presente estudo, ficou evidenciado a preocupação com as duas dimensões (produtividade e humanista) por parte de todos os treinadores demonstrando que a formação, o aprendizado como atleta e com outros

treinadores foi de certa forma importante na concepção das suas filosofias de treino.

4.5 A linguagem não verbal: revelando condutas.

Um aspecto importante analisado durante a observação e filmagem foi à linguagem não verbal. Conforme o estudo desenvolvido por Smoll, Smith & Curtis (1983) onde se detectou que no trabalho os treinadores deveriam enfatizar uma abordagem mais positiva (reforçadora) verbal ou não verbal e de forma clara e objetiva, fortalecendo os comportamentos adequados dos atletas, apoiando-o frente a seus fracassos e utilizando ou não a correção; também deveriam recompensar seus atletas.

Segundo Afonso (2001) a instrução faz-se por meio do uso da linguagem verbal e não verbal (explicação, exemplos, demonstração, *feedback*) entre tantas outras formas de comunicação acerca do conteúdo.

Mesquita (2000) descrevendo os domínios que o técnico deve apresentar, destaca um, o comunicativo, que se refere à verbalização adequada de idéias, ao saber escutar e às capacidades de comunicação não verbal. Essas capacidades foram evidenciando-se no decorrer das análises dos treinos. Para melhor entender deve-se atentar para uma classificação que segundo Mesquita (1997) a não verbal pode ser dividida em dois grupos:

1. Aquilo que se refere ao corpo e ao movimento e representa unidades expressivas: a face, o olhar, os gestos, as ações, as posturas e a paralinguagem.
2. Aquilo que é relativo ao produto das ações humanas e formas de expressão: a moda, os objetos do cotidiano e da arte, a própria organização dos espaços.

Os treinadores participantes desse estudo mostraram-se como utilizadores do corpo e movimento em conjunto da fala, estabelecendo assim uma melhor visualização da mensagem. Os aspectos relativos ao produto das ações não foram observados nesse estudo.

Quadro XII

Ações não verbais durante o treino

Treinador	Linguagem não verbal
Érico	Mão no bolso e outro braço gesticulando; as duas mãos nos bolsos; mãos para trás; aponta o local da quadra mãos a cintura; executa movimento de demonstração; abre os braços com as palmas das mãos voltadas para frente; bate palmas.
Carlos	Positivo com a cabeça; palmas; punho cerrado e mão aberta; morder os lábios; batuca na bola que tem na mão; faz cara de brabo; apontar o lado que a bola deve ir; usa demonstrações exagerando o movimento; dedo em riste; pensativo (olhos cerrados); sinal de acelerar o movimento; bate palmas; coloca as mãos a cintura; usa as mãos na cintura; segura a bola; cruza os braços.
Fernando	Apontar o local onde o atleta deve ficar; ar pensativo; mãos atrás; gestos de pouca amplitude; chama os atletas com um gesto; faz sinal de velocidade; aponta para diagonal; palmas; faz sinal de acelerar com as duas mãos (como se empurrasse); balança a cabeça negativamente e gesticula sinalizando um não; bate palmas; abre os braços, bate nas pernas com as mãos.
Mário	Mãos na cintura; bate palmas; (segura a bola) mão aberta; abre os braços e gesticula; apontar onde o atleta deveria estar; balança a cabeça negativamente; sinaliza positivo para uma ação correta; caminha indo e voltando e falando sobre os erros ocorridos; usa gestos amplos.

A utilização de gestos longos e mais lentos foi a estratégia utilizada pelo treinador Mário, que assim, possibilitava a fácil leitura de sua linguagem não verbal.

O treinador Carlos mostrou-se um treinador de muitas expressões e gestos, sendo até imitado por seus atletas como forma de descontração, algo que aceitou tranquilamente.

Já Érico, com sua introspecção, de certa forma dificultava a troca de experiências entre ele e os atletas. Quando surgisse alguma dúvida os atletas preferiam perguntar aos companheiros, temendo um *feedback* de orientação punitiva.

Brandão (2000) afirma que dentro de uma perspectiva ecológica, o comportamento do treinador, seu grau de relacionamento com os atletas e os papéis por ele executados terão influências sobre todos os processos dos atletas:

cognitivos, emocionais e comportamentais. Isso significa que as críticas dos treinadores têm, muitas vezes, um efeito deletério sobre o atleta e que este precisa ter habilidade para separar as instruções relevantes do treinador daquelas sem sentido.

Assim, deve-se ter cuidado quanto a maneira como executar um *feedback* verbal ou orientação negativa, pois esta pode levar o atleta a perder rendimento e sentir-se sem clima para treinar.

As manifestações mais comuns nos treinos foram os sinais de positivo e negativo, seja com as mãos ou com a cabeça. Alguns sinais, tornam-se de grande importância por servirem de comunicação treinador-atleta no ambiente de jogo, sem a necessidade da fala, da instrução que acabam gerando códigos específicos da modalidade. Esses códigos também foram detectados no estudo de Messmer (2000).

A atitude de incentivo não verbal mais utilizada foi bater palmas, o estímulo sonoro e compassado das palmas foi usado simultaneamente com a repetição dos elogios e incentivos como: vai, isso, entre outras. Nesse ponto a *transcrição* serve para aproveitar as palavras que normalmente seriam cortadas, mas que tem um fundo importante na valorização da ação e da constante motivação ao atleta. Os elogios são considerados comportamentos afetivos positivos como o relatado por Shigunov et al (1993) em seu estudo sobre a percepção de atletas quanto à influência do comportamento de treinadores nos seus sentimentos.

Os sentimentos têm relação com a afetividade, que segundo Santos e Shigunov (2001) podem ser divididas em pólo positivo e pólo negativo. As ações do pólo positivo podem ser o elogiar, o aplaudir, usar o primeiro nome do atleta, o demonstrar afeto, o incentivar, a polidez entre outras e do pólo negativo, a censura, xingamento, punição, uso de apelidos, ausência da polidez entre outros. A forma dessas manifestações podem ser verbal ou não, dependendo da situação da distância. Porém ambas as manifestações têm sua força no contexto do treino.

Ainda os mesmos autores ressaltam que a direção das manifestações é uma importante maneira de causar impacto, chamar atenção e até mudar o rumo da atuação dos atletas. A direção das manifestações pode ser para o indivíduo, a um determinado grupo ou à equipe toda. Deve-se destacar que cada uma destas direções de uma manifestação de afetividade positiva ou negativa possui diversas conotações para a pessoa-atleta. O técnico deve conhecer muito bem seus

atletas para poder apresentar a sua contribuição no processo do treino e na competição. Além disto, as manifestações podem ocorrer em vários momentos tanto do treino como da competição, e assim o técnico deve possuir a sensibilidade em utilizar as manifestações adequadas para momentos adequados para fazer sobressair as qualidades e potencialidades dos seus atletas, tanto nos treinos como em competições. Sabe-se da necessidade de se treinar e fazer com que as manifestações sejam uma contribuição e não uma barreira para o melhor desempenho dos seus atletas.

A linguagem não verbal mais utilizada durante os treinos foi a expressão da face, que durante as observações se alterava constantemente. Mesmo sem notar, os treinadores expressam através de gestos ou caretas o que estão sentindo ou pensando. Algumas dessas ações foram feitas para que os atletas realmente soubessem o nível de satisfação do treinador, e em algumas vezes vieram associadas à linguagem verbal.

A forma de utilização da ação não verbal da linguagem foi tanto instintivamente quanto de forma pensada. A presença dessa forma de expressar e reforçar a instrução verbal mostrou-se uma eficaz alternativa para possibilitar a comunicação do treinador ao atleta.

A expressão ou gesto pode de certa forma, reprovar ou aprovar as atitudes dos atletas, podendo ou não ser detectadas por esses. Faz-se assim necessário que o treinador não só utilize a linguagem não verbal, mas também estabeleça um uso correto e adequado dessa.

4.6 Atitudes emergentes

Durante o processo de observação e filmagem, evidenciaram-se outras atitudes, ações e comportamentos que merecem um destaque nessa parte do trabalho, pois constam como práticas de muitos treinadores.

Dessa forma, pode-se destacar as que se julgam mais relevantes: a observação foi a atitude que mais ocorreu por parte dos treinadores durante o treino. Destaca-se o treinador Érico que observou mais tempo do que os demais, interrompendo o treino poucas vezes. Os demais treinadores observavam o treino e passavam informações mais seguidamente. O treinador Fernando se utilizava

das pausas para pequenas orientações e instruções, além de dar um *feedback* geral de cada exercício.

O posicionamento dos treinadores para ministrar o treino alternou-se entre a lateral do centro da quadra e o fundo da quadra. Apenas Érico observava os exercícios na maioria das vezes do fundo da quadra, enquanto os demais apenas em algumas situações específicas; já da posição lateral próximo ao centro da quadra Fernando, Mário e Carlos permaneciam a maior parte do tempo enquanto Érico apenas poucas vezes. Os quatro treinadores só permaneciam na área de jogo quando estavam explicando um exercício, corrigindo algum movimento ou dando orientações em trabalhos de espaço reduzido. Cabe salientar que nas modalidades observadas nesse estudo a regra permite que o treinador permaneça apenas na lateral da quadra, próximo à região central. Portanto, três treinadores estariam visualizando o treino da mesma posição onde permanecem durante a competição.

As instruções fornecidas pelos treinadores foram de uma forma geral rápidas e precisas, revelando um pré-conhecimento por parte dos atletas relacionado à estrutura do exercício, além disso, as palavras-chave e termos específicos da modalidade auxiliam na diminuição da quantidade de informações. (Afonso, 2001)

De forma geral o reforço, o incentivo e o elogio estão presentes em todas as modalidades, tendo cada uma a sua linguagem específica. Reforçar as atitudes dos atletas seja com *feedback* ou com outro tipo de ação faz parte do processo de um bom treino. (Cunha et al, 2000)

Os atletas já têm um pré-conhecimento da modalidade e autonomia para realizarem o alongamento e aquecimento sozinhos, atividade que ocorreu com todos os treinadores. Apenas não ocorria dessa forma se um auxiliar estivesse presente, e vale o registro que apenas duas modalidades contavam com auxiliar técnico. A passagem pelas categorias inferiores executando exercícios com estrutura similar a que vão encontrar na categoria adulta passa a ser uma aliada na economia de tempo.

Sobre ter um rito de início de treino ou de término, Érico não apresentou nenhum tipo. Carlos, Fernando e Mário utilizam as conversas em grupo no início, no meio do treino, para mudar de estrutura de exercício e ao final para conversar sobre o que foi trabalhado na sessão. Fernando conversa em pé com os

jogadores lado a lado em um banco de reservas, enquanto Mário e Carlos utilizam as conversas em círculo, que representa de certa forma uma família. Cabe ainda destacar que Fernando estendia as conversas por mais tempo que os demais.

O tema das conversas durante o treino variava de acordo com o momento em que este ocorria, e com as informações extras a serem passadas que geralmente envolviam amistosos, treinamentos, viagens, lesões, entre outros. Carlos por exemplo, usava estes momentos para também chamar à atenção de algum jogador.

Gostei do treino, da regularidade do que a gente trabalhou, o Fulano teve que andar menos, apesar de sentir você cansado, eu fiz a primeira parte do treino mais lenta pra reforçar, eu sei que amanhã nós vamos treinar um pouco mais pesado, eu gostei dos dois treinos, eu sei disso, amanhã a gente treina as 10 horas, eu não vou dar como opção hoje, não treinou tudo, hoje é recuperação, hoje um belo de um sono faz uma grande recuperação, é no descanso que vocês conseguem melhorar, se você não descansa o treino não serviu pra nada, só pra piorar e pra lesionar. Então hoje não quero ninguém lá (...) e se tiver, conversa comigo amanhã, nos estamos a alguns dias dos jogos abertos e não podemos jogar fora por um dia dois de férias. Pensem nisso. Segunda feira vai ser duplo período, e terça é recuperação. (...)

As atitudes de observação, instrução, a posição de observação, as pequenas explanações ao grupo, o reforço ou elogio, o pré-conhecimento da atividade foram as atitudes emergentes do treino para além das condutas e estilo de ensino/treino.

Em síntese, o treinador esportivo reflete uma vasta combinação de conhecimentos, atitudes, condutas e estilo de ensino/treino; necessita demonstrar sua habilidade em identificar como intervir no ambiente e assim resolver os problemas que se apresentam concordando com diversos autores (Smoll e Smith, 1984; Mesquita, 2000; Bota e Colibaba-Evulet, 2001; Afonso, 2001; Balbino, 2005).

CAPÍTULO V

... se eu fosse treinador...seria um teórico-prático. Preocupado em construir uma prática culminante e responsabilizada pela teoria, uma prática iluminada e inundada por princípios e valores teóricos, espiritual, éticos e morais.

Sem deixar de atribuir algumas culpas à teoria pelo seu afastamento em relação à prática, não deixaria de reconhecer que o afastamento da prática em relação a teoria é desculpável como expressão da irracionalidade humana , mas é inaceitável, como expressão da animosidade e do oportunismo imoral que movem muitos treinadores contra a formação, contra o conhecimento.

Não precisamos de treinadores formados, nem como teóricos ou “generalistas complexados”, nem como “idiotas especializados” ou “primatas da prática”. Precisamos sim de treinadores capazes de enraizarem a sua especialidade e profissionalidade em horizontes amplos, capazes de se entenderem como formadores fiéis ao sentido de “formar”: aperfeiçoar o homem, melhorá-lo, aumentá-lo em humanidade.

Bento in Araújo (1994)

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O presente estudo revelou os aspectos da conduta e o estilo de ensino/treino dos treinadores de Esportes de Quadra da cidade de Blumenau/SC. Para tanto, recorreu a uma abordagem de pesquisa qualitativa, aprofundando o estudo dos casos através de diversas fontes.

Para a pesquisa alcançar seus objetivos inicialmente descritos fez-se necessário aprofundar a revisão com diversos autores para conseguir cumprir o que se propôs e enriquecer a área de estudos em esporte e especificamente, os assuntos relacionados ao treinador.

Procurou-se estabelecer aqui algumas reflexões advindas do processo de investigação que se tornaram relevantes após a devida confecção da análise de dados e discussão dos dados.

Os treinadores foram estudados por uma metodologia que visa observar o mesmo objeto de diversos pontos, tendo na entrevista, questionários, observação, gravação de voz (discurso) e filmagem os seus delimitadores.

Agora, com o estudo já realizado torna-se possível materializar algumas premissas relacionadas à conduta e suas variadas formas, o estilo de ensino/treino em toda sua extensão e complexidade.

Através da revisão acreditava-se que as respostas seriam similares a alguns estudos que serviram de base teórico-conceitual para o estudo. Com o decorrer da interpretação dos dados constatou-se que além de nova busca de informações existe a necessidade de aprofundamento nas discussões sobre cada ponto e suas relações com os treinadores.

Dessa forma, conseguiu-se estruturar o texto de forma seqüencial e de leitura facilitada, dividida pelas ações e não pelos casos. Uma abordagem de forma geral tornou-se necessária para a contextualização dos casos enquanto treinadores.

Cada uma das categorias revelou a densidade da figura do treinador, cada ação observada e cada peculiaridade poderiam por si só gerar um novo estudo. O cuidado para não ocorresse apenas uma descrição das informações e a constante relação entre o fato e os elementos pré-determinados do estudo foram as dificuldades maiores. A cada treino transcrito ocorria criação de categorias menores onde por fim conseguiu-se estruturar de uma maneira mais estruturada e um pouco menos repetitiva.

Quanto à justificativa do local do estudo, a escolha da cidade como local de coleta de dados foi excelente, já que o resultado posterior nos JASC (um campeão e dois vices entre as quatro modalidades masculinas) demonstrou que a cidade realmente investe no esporte de alto nível e obtém bons resultados na maioria dos esportes de quadra. A única ressalva fica para a modalidade que Fernando treina, e isso provavelmente se deve aos pólos de formação e investimento em outras cidades do Estado, além de necessitar um alto investimento para almejar as primeiras posições dentro do estado. Assim, pode-se considerar Blumenau uma das cidades melhores preparadas para a disputa de esportes de quadra, e merecendo assim não apenas a vaga para disputar Campeonatos Nacionais, mas também condições para que isso se concretize e justificando, por si só um estudo.

5.1 Evidencias do estudo

Procurou-se apresentar as considerações finais do estudo de maneira mais aprofundada e esclarecedora, detectando os fatos relevantes e a possível contribuição do estudo no que se refere ao treinador e suas condutas e estilo de ensino/treino.

Dessa maneira, estruturaram-se as informações da seguinte forma: Formação acadêmica, experiência profissional e concepção de ensino; a conduta reativa dos treinadores; aspectos sobre a dimensão humanista; aspectos sobre a dimensão da produtividade; a linguagem não verbal: revelando condutas; e por fim as atitudes emergentes.

a) Da formação acadêmica, experiência profissional e concepção de ensino: A respeito da formação os treinadores participantes do estudo foram três graduados em Educação Física e um provisionado; o curso de graduação foi apontado pelos treinadores como necessário, mas também como de pouca contribuição na formação das suas carreiras como treinadores; os motivos que os levaram a serem treinadores foi terem sido atletas e o envolvimento com a área, ocorrendo a o envolvimento precoce de todos os treinadores com a carreira; todos os treinadores exerceram a função antes de estarem formados; quanto a área de estudos que mais se especializaram não houve um consenso, revelando que como se acredita, a formação do treinador não ocorre de maneira única e é encaminhada pelas convicções e filosofia pessoal dos treinadores; os pontos fortes e fracos do curso de graduação, forma outro ponto não consensual. Acredita-se que tenha colaborado para a diferença nas opiniões: a época diferente em que o curso de graduação foi realizado, a realidade pessoal vivida pelos treinadores durante a graduação e terem tido professores diferentes; ao citar os trabalhos mais relevantes os treinadores citaram títulos alcançados e atletas revelados para seleções estadual e nacional; sobre a sua experiência enquanto atletas apenas um treinador não participou de competições em mais de uma categoria, evidenciando a experiência enquanto atletas; apenas uma modalidade oferece formação federativa; relacionada ao papel do treinador foi considerada por todos a formação de indivíduos como o verdadeiro papel; a formação específica da modalidade tem sido solidificada em cursos técnicos,

observação de outros treinadores e busca de auxílio em outras áreas (psicologia, aprendizagem, didática); a respeito dos pontos fortes e fracos do conhecimento específico da modalidade os treinadores apresentaram pontos fortes e fracos distintos; apenas um treinador já teve algum tipo de publicação científica, este fato demonstra a distância entre a prática do treinador e a pesquisa; segundo os participantes do estudo, para exercer a função de treinador especialista, o candidato deve ter conhecimento específico do esporte e em contraste, um conhecimento geral das relações humanas; sobre o ensino na fase de formação não existe uma regra do que deva ser trabalhado primeiro, sendo que cada treinador usa metodologias específicas; todos os participantes do estudo evidenciaram o gosto pela fase de formação, principalmente por verem os objetivos traçados tornando-se realidade; o planejamento segundo os treinadores depende principalmente do tempo disponível (calendário, horários de quadra, antecedência às competições) e dos atletas (limitações, vontade, técnica, entre outras); para esses treinadores a competição é instrumento de avaliação dos objetivos concretizados; para controle do treino são utilizados o controle numérico (estatísticas, avaliações técnicas e físicas) e o “feeling” pessoal; foram referidas como qualidades do treinador diversos aspectos mostrando o perfil multifacetado dessa profissão.

b) Da conduta reativa dos treinadores: quando o atleta realiza uma ação desejada (rendimento desejado) ocorre na maioria das vezes o reforço; frente aos erros e fracassos a reação mais utilizada foi o *feedback* de orientação técnica, por ser mais didático; mas também, quando ocorreram condutas inadequadas os treinadores mantiveram o controle, usando o diálogo para mostrar ao atleta a incorreção de sua atitude; os treinadores usaram o apoio e a instrução técnica geral quando realizavam no treino jogos com estrutura formal.

c) Dos aspectos sobre a dimensão da produtividade e os aspectos da dimensão humanista: os participantes do estudo demonstraram características fortes da dimensão da produtividade (bom uso do material, treino adequado à idade, possuem habilidade de organizadores; usam bem o material; verbalização clara, tom de voz positivo, entre outras características); também apresentaram fortes características da dimensão humanista (tom de voz e gestos positivos, integração com os atletas, sessões de treino atraentes); ficou evidente que as dimensões humanista e da produtividade estão fortemente associadas aos treinadores dessa

investigação, mostrando que essas duas dimensões não são concorrentes. Pode-se ousar e afirmar que são dimensões complementares, pois, mesmo no treino de alto nível deve-se formar pessoas e não apenas atletas e esta afirmação foi reforçada pelas atitudes dos treinadores durante os treinos observados.

d) Da linguagem não verbal: todos os treinadores usaram gestos de apoio, reforço e elogio (palmas, sinal de positivo com mão e cabeça, entre outras); a forma de utilização dessa linguagem foi instintiva na maioria das vezes; existe uma série de códigos específicos do esporte e ainda, alguns específicos de cada modalidade e interpretar esses códigos torna-se necessário para o melhor rendimento esportivo; faz-se necessário uma maior atenção dos treinadores frente a sua linguagem não verbal, tendo o cuidado para não reprovar ou tolher o atleta apenas com uma expressão ou gesto.

e) Das atitudes emergentes: evidenciaram-se algumas ações, pela complexidade do treino, não pertencentes às categorias de observação e análise pré-determinadas, revelando a necessidade de descrevê-las aqui; a observação silenciosa é a ação que o treinador executa na maior parte do tempo; os treinadores posicionam-se para ministrar o treino próximos ao local regulamentado de competição partidas, muda de local algumas vezes buscando uma melhor visão do movimento; as instruções fornecidas são rápidas e precisas, principalmente pelo pré-conhecimento do atleta em relação ao exercício e pelo uso de palavras-chave ou termos específicos; alguns treinadores têm “ritos” de treino, fazem reuniões em início e final, cumprimentam os jogadores em círculo ao final do treino, entre outros; está fortemente presente o incentivo, o elogio e o reforço, usado normalmente e repetido várias vezes uma mesma palavra (isso, vai, entre outras); os atletas têm autonomia para aquecer, alongar e tomar água, revelando os treinadores como de estilo democrático; os treinadores mostraram-se bons utilizadores da linguagem verbal e não verbal.

5.2 Conclusões

Deve-se lembrar, que o ponto fulcral do trabalho foi detectar a conduta e estilo de ensino/treino de treinadores dos esportes de quadra participantes dos Jogos Abertos de Santa Catarina.

O estudo demonstrou que a conduta dos treinadores baseia-se principalmente: no reforço positivo ao rendimento desejável, no *feedback* de orientação técnica frente aos erros e fracassos, na manutenção do controle para as condutas inadequadas e na conduta espontânea, a orientação técnica geral e apoio geral. Essas condutas são consideradas ideais para treinadores das diversas modalidades.

Verificou-se, além disso, que o estilo de ensino/treino é equilibrado, sendo considerado tanto humanista, quanto da produtividade. As atitudes presentes contemplam a duas dimensões não ocorrendo uma escolha por uma ou por outra. Os treinadores preocupavam-se com o resultado, mas também com os princípios relacionados à formação do ser humano, como valores éticos e respeito.

Sendo assim, independentemente da forma como serão organizadas as próximas investigações, devem ser evidenciados o aprofundamento da análise das condutas e estilos de ensino/treino, buscando auxiliar no esclarecimento das relações do treinador e o esporte em si.

5.3 Recomendações

Aos treinadores

Cabe nesse momento fazer algumas breves sugestões aos treinadores a respeito do que foi evidenciado nesse estudo:

- a) Torna-se imprescindível aos treinadores buscar conhecimento de diversas fontes para suprir as deficiências formativas e de aperfeiçoamento;
- b) Faz-se necessário repensar a prática de treino através do uso de condutas adequadas por parte do treinador, para que assim esse possa exigir o mesmo de seus atletas;
- c) Deve-se ter em mente que para atingir seus objetivos são necessários constante aperfeiçoamento e troca de experiências, seja com outros treinadores ou com profissionais de outras áreas.

Ao governo e as confederações

De acordo com alguns aspectos salientados nesse estudo, surge a necessidade de recomendar os seguintes itens:

- a) É primordial que se façam cursos de formação de treinadores, de vários níveis seguindo o exemplo do Voleibol;
- b) Capacitar os treinadores que já atuam e os novos, possibilitando através de iniciativas conjuntas à disseminação do conhecimento;
- c) Deve-se valorizar os treinadores da sua modalidade e que desenvolvem ótimos trabalhos em nosso país, não apenas trazendo estrangeiros para ministrar cursos ou dirigir seleções, esses especialistas externos seriam mais bem aproveitados em cargos de supervisão;
- d) Investir na formação de atletas e na popularização do esporte enquanto elemento de desenvolvimento das relações humanas, éticas e da cidadania.

Sugere-se, a realização de estudos sobre a conduta e o estilo de ensino/treino baseada em outras teorias, com novos instrumentos e novas metodologias. Também, utilizarem-se amostras maiores ou de maior especificidade (técnicos de seleção), a ampliação desse estudo poderia também passar por um estudo do planejamento teórico, conhecimento, e também com a inclusão de uma entrevista com os responsáveis pelo projeto esportivo da cidade analisada. Ainda, realizar estudos de caso com acompanhamento durante um período maior, podendo assim relacionar as diferentes condutas e estilos de ensino/treino nas diferentes fases do treinamento, inclusive acompanhar treino e competição detectando as diferenças entre treino e jogo.

Nas entrelinhas desse estudo detectou-se a necessidade de maiores estudos sobre a formação de treinadores, pois de nada adiantará detectar talentos esportivos, se não houver pessoal capacitado para o seu treino. Torna-se imperativa a análise de projetos de formação existentes no Brasil e no mundo, assim como o desenvolvimento de um sistema de formação padronizado. Por tudo isso, é esse o horizonte de pesquisa que se apresenta.

CAPÍTULO VI

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, C. (2001) *O conhecimento do treinador a respeito das metodologias de ensino do treino de voleibol na formação*. Tese de Doutorado. Universidade do Porto.
- Afonso, M. (2003) *Pós-graduação/graduação: a mediação do conhecimento em Educação Física*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Alarcão, I. (1996) Reflexão Crítica Sobre O Pensamento de D. Schön e os Programas de Formação de Professores. In Alarcão. (Org.) *Formação Reflexiva de Professores Estratégias de Supervisão*: 9-39. I.. Porto: Porto Editora.
- Anfilo, M. A. (2003) *A prática pedagógica do treinador da Seleção Brasileira masculina de voleibol: processo de evolução tática e técnica na categoria infanto-juvenil*. Dissertação de Mestrado, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Araújo, J. (1997) A atitude profissional do treinador. Porto. *Treino Desportivo*, nº1. 3ª série, nov, 3-9.
- _____ (1994) *Ser treinador*. Porto: Caminho.
- Balbino, H. (2005) *Pedagogia do treinamento: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos*. Tese de Doutorado. Unicamp: Campinas.
- Bandeira, C. (2002) Levantador, o cérebro de uma equipe. *Zero Hora*, Porto Alegre, 3.11.2002. Caderno de Esportes, 60.
- Bañuelos, F. (1996) Organización y gestión de recursos humanos en el deporte. In *Apuntes del Master Universitario en Psicología del Deporte*. C.O.E. y Universidad Autónoma de Madrid.

- _____ (1992) *Bases para una Didáctica de la Educación física y el deporte*. Madrid: Gymnos.
- Barata, J. (1997) O exemplo do treinador. Porto. *Treino Desportivo* nº1. 3ª série, nov. nd.
- Barbanti, V. (1996) *Treinamento Físico - Bases Científicas*. São Paulo: CLR Baliero.
- Bastos, L. R.; Paixão, L.; Fernandes, L. M.; Deluiz, N. (2003) *Manual para elaboração de projetos e relatórios de pesquisas, teses, dissertações e monografias* (Ed.Rev.) Rio de Janeiro: LTC.
- Becker Jr., B. (2000) *Manual de Psicologia do Esporte e Exercício*. Porto Alegre: Novaprova.
- _____ (1998) *Manual do Treinamento Psicológico para o Esporte e Exercício*. Porto Alegre: Novaprova.
- Bento, J. (2004a) *Desporto discurso e substância*. Porto: Campo das Letras..
- _____ (2004b) Desporto para crianças e jovens: das causas e dos fins. In Gaya, A; Marques, A; Tani, G. *Desporto para crianças e jovens - razões e finalidades*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- _____ (1994) *Se eu fosse treinador....* In Araújo, J. *Ser treinador..*Porto: Caminho.
- Bizzochi, C (2000) *O voleibol de Alto Nível, da iniciação à competição*. São Paulo: fazendo arte
- Bogdan, R.; Biklen, S. (1994) *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução às Teorias e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bota, I; Colibaba-Evulet (2001) *Jogos desportivos coletivos teoria e metodologia*. Lisboa: Stória.
- Brandão, M. (2000) *Fatores de Stress em Jogadores de Futebol Profissional*. Tese de Doutorado, Unicamp,SP.
- Brown, D. (1999) O técnico: aspectos importantes. *Texto da disciplina de Basquetebol III* - Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas.
- Cardoso, M. (1987) Seleção Brasileira Feminina. *VIII Estágio Sul-americano de técnicos em basquetebol*. Brasteba: São Paulo.
- Carraveta, E. (2002) *O jogador de futebol. Técnicas, Treinamento e Rendimento*. Porto Alegre: Mercado Aberto.

- Castro, C. (2001) *Pedagogia e Treinamento: Uma análise da atuação Metodológica dos técnicos de Voleibol na resolução de problemas extra-jogo*. Monografia de especialização: no prelo.
- Chelladurai, P. (1990) Leadership in sports: a review. *International Journal of Sports Psychology*, 21, p. 328-354.
- Cooke, G. (2003) Desculpe treinador: - Desisto!. Porto. *Treino Desportivo*. nº 23. abril, 4-7.
- Cratty, (1984) *Psicologia do Esporte*. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil.
- Cruz, J; Gomes, J: (2001) Um programa de formação para treinadores da iniciação e formação desportiva. *Análise Psicológica*. V1.XIX, 171-182.
- Cunha, A; Gaspar, A; Costa, C; Carvalho, e; Fonseca, J. (2000) O “bom” treinador – representações das características dos treinadores segundo atletas da modalidade desportiva coletiva – futebol. Lisboa. *Horizonte*. Vol.XVI. nº 91, 27-33.
- Cunha, F. (2003) *Prática pedagógica de professores de educação física: um estudo de casos na rede pública estadual de Florianópolis- SC*. Dissertação de Mestrado. CDS/UFSC;
- Damásio, L; Serpa, S. (2000) O treinador no desporto infanto-juvenil. Porto. *Treino Desportivo Especial*. nº 3, 41-44.
- Dantas, E.(1996) *A prática da preparação física*. Rio de Janeiro: Shape.
- Debove, C, (2001) Le competenze degli allenatori. Roma. *Scuola dello Sport - Revista di cultura sportiva*. Nº53, 2-5.
- Fernandez, L; Prado, C; Souza, J. (2003)¿Soy realmente un buen profesor de educación física o entrenador deportivo? Disponível em <<http://www.efdeportes.com/>> *Revista Digital* - Buenos Aires - Año 9 - Nº 66 - Noviembre
- Filin, V. e Volkov, V. (1998) *Seleção de Talentos nos Desportos*. Londrina: Midiograf.
- Fotia, J.(2003) La comunicación en el voleibol. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/>> *Revista Digital* - Buenos Aires - Año 9 - Nº 62 – Julio.
- Frester, R.(2002) Les qualités d’un bom coach vues par les sportifs et les entraîneurs. *Mobile*. França. nº5.

- Fuentes-Guerra, F; López, J e Viera, E (2001) Necesidad de formación psicopedagógica de los entrenadores deportivos. *Artículo de Estúdio. Universidade de Huelva*. no prelo
- Garganta, J. (2004) A formação estratégico-tática nos jogos desportivos de oposição e cooperação. In Gaya, A; Marques, A; Tani, G. *Desporto para crianças e jovens - razões e finalidades*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- _____ (1998) Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: Graça, A; Oliveira, J. *O ensino dos jogos desportivos.. FCDEF, Universidade do Porto*.
- _____. (1992) Como conceber o ensino dos jogos desportivos coletivos. *Iniciação Desportiva, 2*
- Gattaz, R. (1998) Lapidando a fala bruta: a textualização em história oral. / *encontro regional de história oral/Sudeste-Sul*. São Paulo, 26 a 28 de abril, 135-140.
- Giménez, A. (1998) La observación in vivo del rendimiento deportivo.un instrumento de análisis en iniciación al baloncesto. Disponível em <www.efdeportes.com> *Revista Digital*.- Buenos Aires. Año 3. Nº 12. Diciembre.
- Gomelski, A (1990) *Baloncesto: la dirección del equipo*. Barcelona: Hispano Européia.
- Gomes, A. C. (1999) *Treinamento Desportivo. Estruturação e Periodização*. Porto Alegre: Artmed.
- Graça, A. (1997) *O Conhecimento Pedagógico do Conteúdo no Ensino do Basquetebol*. Tese de doutorado. Porto: FCDEF.
- Graça, A; Oliveira, J. (1995) *O ensino dos jogos desportivos*. Faculdade de ciências do desporto e de educação física, 2 ed. Porto: FCDEF.
- Greco, J. P.(1995) *O ensino do comportamento tático nos jogos esportivos coletivos: aplicação no handebol*. Tese de doutorado. Faculdade de Educação, EUC, Campinas.
- Guimarães, G. (1999) O treinador desportivo e a qualidade total. *Motus Corporis*. Rio de Janeiro, vol.7, nº2. nov, 75-89.
- Hotz, A. (2002) Coaching - un défi fascinant - qui dé passe les frontières du sport. *Mobile* nº5. France.

- Leça Veiga, A; Lousteau-Mateus, L; Marques, I; Bentes, G.(1999) O que os alunos pensam do “feedback” pedagógico em Educação Física. *Ludens*. Vol 16. nº1, jan-mar.
- Lee, M. (1993) *Coaching children in sport*. London: E &F Spon.
- Lettnin, C. (2005) *Esporte Escolar: Razão e Significados*.. Dissertação de Mestrado. CDS/UFSC. Florianópolis: no prelo.
- _____ (2001) *Educação em 18x9m: A Relação entre a prática do voleibol e o cotidiano dos alunos*. Monografia de pós-graduação. Pelotas: no prelo.
- Lima, T. (2000) Ser treinador de jovens. Porto. *Treino Desportivo Especial*. nº 3, 45-47.
- Luis, F. (1988) A relação treinador-atleta. *Treino Desportivo*. Portugal. II série. Nº 9. set, 50-57.
- Maia, A; Fonseca, A. (2004) A comunicação do treinador de basquetebol em competição: do desporto escolar à alta competição. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. Porto. Volume 4 nº2. set.
- Malavasi, L. (2003) *Vídeo instrucional para treinadores*. Monografia de graduação. Centro de Desportos. Universidade Estadual de Londrina.
- Marques, A. (2001) As profissões do desporto: O treinador. Porto. *Treino Desportivo*. nº13, mar, 4-8.
- Medalha, J. (2000) O técnico e sua filosofia. Disponível em <<http://www.josemedalha.com.br>>. acesso em primeiro de outubro de 2001.
- Meinberg, E. (2002) Training: a special form of teching. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. Porto. Volume 4 nº2. set.
- Mesquita, I (2005) *Valorização da aprendizagem autónoma no treino de crianças e jovens do*. Lisboa: Livros Horizonte.
- _____ (2004) Refundar a cooperação escola-clubes no desporto de crianças e jovens. In Gaya, A; Marques, A; Tani, G. *Desporto para crianças e jovens - razões e finalidades*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- _____ (2000) *A pedagogia do treino: a formação em jogos desportivos coletivos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- _____ (1997) *Pedagogia do treino: A formação em jogos desportivos coletivos*. Lisboa, Livros Horizonte, 1 ed.
- Messmer, R. (2000) Expliquer lê pourquoi du comment. *Mobile*. nº5. France, 18-21.

- Monteiro, A; Buceta, J; Ezquerro, M. (2004) As condutas do treinador de basquetebol infantil. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. Porto. Volume 4 Nº2. Set.
- Montiel, A. (1997) Treinador: técnico e formador. Porto. *Treino Desportivo*. Jul, 11-12.
- Mosston, M; Ashworth, S. (1996) *Teaching Physical Education*. Merrill Publishing Company, Third Edition, Columbus, Ohio.
- Oliveira, J; Voser, R; Hernandez, J. (2004) A comparação da preferência do estilo de liderança do treinador ideal entre jogadores de futebol e futsal. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/>> *Revista Digital* - Buenos Aires - Año 10 - Nº 76 - Septiembre
- Ostermann, R. (2002) *Felipão- A alma do Penta*. Porto Alegre: Zero Hora Editora Jornalística s.a.
- Pereira, F. (1988) *Dialética da cultura física: introdução à crítica da educação física, do esporte e da recreação*. São Paulo, Ícone.
- Pereira, F.; Bruno, G. (2002) Características sócio-culturais de práticas ginásticas e futebolísticas no sul do Brasil ao final do século XX. *Kinesis*. Santa Maria. V.nº. 26, p.84-100.
- Pinto, D. (2000) A intervenção pedagógica do treinador sobre conteúdo específico no treino e no jogo de basquetebol. Porto. *Treino Desportivo Especial*. Nº3. out, 12-19.
- Prata, C. (1997) Treinador de jovens- ideais, formação e problemas. Porto. *Treino Desportivo Nº1*. 3ª Série, Nov, nd.
- Prata, C.; Resende, R. (2003) Um treinador jovem...e experiente. Porto. *Treino Desportivo Especial Nº3*. out, 4-11.
- Ramirez, J.; Latorre, D. (2002) Procedimiento de inducción y aportación de sistema múltiple de categorías para el análisis del discurso de entrenadores de deportes colectivos. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/>> *Revista Digital* - Buenos Aires - Año 8 - Nº 53 – Octubre de 2002
- Ramírez, M..(2002) Caracterización del entrenador de alto rendimiento deportivo. *Cadernos del Psicología del Deporte*. Vol 2, 9-33.
- Ravé, J. (2002) Análisis de las conductas docentes del entrenador de baloncesto: estudio de caso. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/>> *Revista Digital* - Buenos Aires - Año 8 - Nº 55 - Diciembre de 2002

- Richkeimer, P; Rodrigues, J. (2003) O feedback pedagógico nos treinadores de jovens em Andebol. Porto. *Treino Desportivo*. nº 23. abril, 36-46.
- Rodrigues, J. (1997) *Os treinadores de sucesso*. Lisboa: Edições FMH.
- Romanelli, G.; Biassoli-Alves, Z. (1998) *Diálogos metodológicos sobre a prática de pesquisa*. PPG em Psicologia da FFCLRP USP/ CAPES. Ribeirão Preto: Legis summa.
- Rosado, A. (1998) *Nas margens da Educação Física e do Desporto*. Lisboa: Edições FMH.
- Rubio, K.; Simões, A. C. (1998). Uma análise das relações interpessoais em uma equipe esportiva. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, 19 (3), 60-70.
- Rushall, B. S. (1983) Coaching styles: a preliminary investigation. In: MARTIN, Garry. L. *Behavioral Modification and Coaching*. Illinois: Charles C. Thomas Publisher, cap.22, p. 229-304.
- Saad, M. A. (2002) *Estruturação das sessões de treinamento técnico-tático nos escalões de formação do futsal*. Dissertação de Mestrado. UFSC, Florianópolis.
- Saad, M.; Rezer, R. (2005) *Futebol e Futsal: possibilidades e limitações da prática pedagógica em escolinhas*. Chapecó: Argos.
- Salgado, M. (1999) Para nós, jovens treinadores. Porto. *Treino Desportivo Especial*. nº2. out, 67-71.
- Samulski, D. (1992) *Psicologia do esporte*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária-UFMG.
- Sanders, R. (2004) Vídeo Techniques for Simple Routine Analyses. Disponível em <www.education.ed.ac.uk> acesso em 22 de abril.
- Sanmartín, M.(2003) *Manual sobre valores en la educación física y el deporte*. Barcelona: Paidós Ibérica.
- Santos, M.(1997) Voleibol: Professor (Técnico) x Conhecimento. Rio de Janeiro: *Sprint Magazine*, número 91, julho-agosto.
- Santos, S; Shigunov, V.(2001) Técnico esportivo: aspectos importantes para sua atuação. *Anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*. Ijuí: Ed. Unijuí.
- Sarmiento, P. (2005) A função pedagógica do treinador - uma abordagem comportamental. Porto. *Treino Desportivo Especial*. nº6. nov., 46-51.

- Schön, D. (1987). *Educating the Reflexive Practitioner*. San Francisco. Jossey-Bass.
- Serpa, S.(2002) Psicologia do treino desportivo: a lição de Greg Louganis. In Serpa e Araújo. *Psicologia do Desporto e do exercício- compreensão e aplicações*. Lisboa: Edições FMH.
- Serpa, S. (1995) *A relação interpessoal na díade treinador- atleta: desenvolvimento e aplicação de um inventário de comportamentos ansiogénicos do treinador*. Lisboa : Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa. Tese (Doutorado)
- Serpa, S; Batista, L. (2000) Étude longitudinale de la cohésion et du leadership d'un groupe sportif. *Congrès International de la SFPS - Paris INSEP 2000 - Symposia*
- Shigunov, V. (1998) O perfil de atuação dos técnicos esportivo percepção da importância das ações pedagógicas. *Revista Treinamento Esportivo*, vol 3 nº1. Londrina: Midiograf.
- Shigunov, V.; Pereira, V. R. (1994) *Pedagogia da Educação Física: o desporto coletivo na escola, os componentes afetivos*. São Paulo: IBRASA.
- Shigunov, V. Pereira, V. e Manzotti Jr.(1994) Percepção de treinadores quanto a importância de atitudes de competência pedagógica. *Revista da Unimar*. Maringá: Ed. Unimar. P. 197-207;
- Shigunov, V. Pereira, V. e Manzotti Jr.(1993) Percepção de atletas quanto à influência treinadores quanto à influência do comportamento de treinadores nos seus sentimentos. *Anais 8º Congresso Mundial of Sport psychology*, 890-893.
- Simões, A; Villaça, A; Gagliardi, J. (1989) Características pessoais atribuídas por atletas a técnico de equipe de alto-rendimento. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo: EDUSP.Vol 3. nº 5, 35-43.
- Singer, R. (1986) *Psicologia dos esportes-mitos e verdades*. São Paulo: Harbra.
- Smith, R.; Smoll, F.; Curtis, B. (1983) Coach effectiveness training: a cognitive-behavioral approach to enhancing relationship skills in youth sport coaches. In: Martin, Garry. L. *Behavioral Modification and Coaching*. Illinois: Charles C. Thomas Publisher.

- Smith, R.; Smoll, F.; Hunt, E.(1977) A system for the behavioral assessment of athletic coaches. *Research Quaterly*, n.48, p.401-407
- Smoll, F.; Smith, R.. (1984) Leadership research in youth sports: A theoretical model and Research. In Silva, J. e Weinberg . (Eds.), *Youth Sports*.
- Smoll, F.; Smith, R.; Curtis, B. (1983) Behavioral guidelines for youth sport coaches. In: Martin, G. *Behavioral Modification and Coaching*. Illions: Charles C. Thomas Publisher, cap.4, p. 61-66.
- Smoll, F; Smith, R.(2003) *Success and Effort: A Winning Combination in Sports and in Life*. Disponível em . <www.pelinks4u.org> acesso em 6 de agosto de 2004.
- Teodorescu, L. (1984). *Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Thomas, J. R.; Nelson, J. K. (2002). *Métodos de pesquisa em Atividade Física*. Porto Alegre, Artmed, 3ª ed.
- Tubino, M.J.(1994) *O que é esporte?* São Paulo: Brasiliense.
- Vázquez, A; Gayo, A. (2000) Dimensiones de la figura del entrenador profesional em los deportes de equipo. *Apunts Educacion Física e Deportes*. Madrid.
- Vidal, A.(1991) *Basquetebol para vencedores: Teoria, técnica e tática*. Porto Alegre: Rigel.
- Weinberg, R.; S Gould, D.(2001) *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício*. Porto Alegre: Artmed.
- Winterstein, P. e Venditti Jr., R.(2005) Aspectos da liderança na Pedagogia do Movimento. Um fator psicológico no ambiente dos esportes, jogos e atividades físicas. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/>> *Revista Digital* - Buenos Aires. Ano 10, n.83..
- Xavier, T. (1986) *Métodos de Ensino em Educação Física*. São Paulo: Ed. Manole.
- Yin, R. (1993) *Applications of case study research*. London: Sage.

ANEXOS

ANEXOS I - Modelo da carta de apresentação encaminhada ao Secretário de Esportes do município envolvido e documento de ciência e parecer da instituição.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
Coordenadoria de Pós-Graduação em Educação Física
Campus Universitário - Trindade - Florianópolis/SC - CEP 88040-900
Fone (048) 331-9926 Fax (048) 331-9792 - E-MAIL mestrado@cds.ufsc.br



Florianópolis, 31 de março de 2005.

Prezado(a) Secretário(a)

O professor Giancarlo Bazarele Machado Bruno encontra-se regularmente matriculado no curso de mestrado em Educação Física da UFSC. Para implementação da dissertação de mestrado, sob a orientação do Prof. Dr. Viktor Shigunov, tornou-se necessária à realização da investigação “Conduta e o estilo de ensino/treino dos treinadores: a quadra como um estudo de casos”, que objetiva verificar qual a conduta e estilo de ensino/treino de treinadores de esportes de quadra.

A realização dessa pesquisa justifica-se devido à necessidade de entender como são desenvolvidas as atividades do treinador, tendo como intenção detectar sua conduta reativa e espontânea durante o processo de treino. Há também a necessidade de diagnosticar o estilo de ensino/treino relacionado a duas dimensões: a da produtividade e a humanista. A relação entre estas duas dimensões pode denotar a preocupação do treinador enquanto formador, ou ainda a sua preocupação apenas com o resultado.

A implementação dessa investigação prevê a coleta de dados em dois momentos. O primeiro, na forma de entrevista semi-estruturada e questionário com os treinadores de esportes de quadra dos municípios envolvidos, e o segundo com observação sistemática das sessões de treino e filmagem para análise posterior.

Para tanto, solicitamos de Vossa Senhoria a colaboração no sentido de permitir o Prof. Giancarlo Bazarele Machado Bruno realizar a coleta de dados da referida pesquisa nas equipes representantes de seu município nos Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC), das modalidades de handebol, voleibol, basquetebol e futsal, todas do naipe masculino.

Aproveitamos a oportunidade para informar que os procedimentos de investigação não afetarão o desenvolvimento das atividades planejadas. A coleta de dados será realizada de acordo com os contatos mantidos previamente com senhor secretário e o treinador da equipe. Além disso, os dados obtidos serão repassados aos membros envolvidos na pesquisa para ser assegurada a confidencialidade dos dados.

Certos de contarmos com a colaboração necessária para a concretização dessa investigação, agradecemos antecipadamente a atenção dispensada e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos (e-mail: adair@cds.ufsc.br).

Prof. Dr. Adair da Silva Lopes
Coordenador do curso de Pós Graduação

Para
Secretaria de Esportes
Município de _____.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS

Coordenadoria de Pós-Graduação em Educação Física

Campus Universitário - Trindade - Florianópolis/SC - CEP 88040-900
Fone (048) 331-9926 Fax (048) 331-9792 - E-MAIL mestrado@cds.ufsc.br



**DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E PARECER
DA INSTITUIÇÃO ENVOLVIDA NA PESQUISA.**

Declaro para os devidos fins e efeitos, que como Secretário(a) de Esportes do município de Blumenau, estou ciente que os profissionais solicitados dessa instituição poderão vir a fazer parte da pesquisa: "Conduta e o estilo de ensino/treino dos treinadores: a quadra como um estudo de casos". Após análise do resumo, e tendo a clara compreensão de seus objetivos, sou de parecer favorável a sua realização.

Florianópolis, 15 de Abril de 2005.

Secretário (a) de Esportes
Carimbo e Assinatura

ANEXOS II - Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido encaminhado aos participantes do estudo e declaração de cumprimento do termo pelos pesquisadores



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
Coordenadoria de Pós-Graduação em Educação Física
Campus Universitário - Trindade - Florianópolis/SC - CEP 88040-900
Fone (048) 331-9926 Fax (048) 331-9792 - E-MAIL mestrado@cds.ufsc.br



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Informações Gerais

O professor Giancarlo Bazarele Machado Bruno encontra-se regularmente matriculado no curso de mestrado em Educação Física da UFSC. Para implementação da dissertação de mestrado, sob a orientação do Prof. Dr. Viktor Shigunov, tornou-se necessária à realização da investigação "Conduta e o estilo de ensino dos treinadores: a quadra como um estudo de caso", A realização dessa pesquisa justifica-se devido à necessidade de entender como são desenvolvidas as atividades do treinador, tendo como intenção detectar sua conduta e estilos de ensino. Aproveitamos a oportunidade para informar que os procedimentos de investigação não afetarão o desenvolvimento das atividades planejadas. A coleta de dados será realizada de acordo com os contatos mantidos previamente com senhor secretário e o treinador da equipe. Além disso, fica assegurado que os participantes desse estudo não sofrerão nenhum risco e desconforto. Os dados obtidos serão mantidos em absoluto sigilo e utilizados somente para fins de pesquisa. Sua participação NÃO É OBRIGATÓRIA. O Sr.(a) tem total liberdade de, a qualquer momento, desistir do projeto. Certos de contarmos com a colaboração necessária para a concretização dessa investigação, agradecemos antecipadamente a atenção dispensada e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Giancarlo Bruno

E-mail: mr.basket@pop.com.br Telefone: (48) 9133-5066 ou 269-18-12

Viktor Shigunov

E-MAIL: viktor@cds.ufsc.br Telefone: (48) 334-45-67 ou 331-99-26

Assinaturas: _____

Prof. Dr. Viktor Shigunov
Pesquisador responsável

Prof. Giancarlo B. M. Bruno
Pesquisador principal

CONSENTIMENTO (escreva o nome completo e legível)

Eu, _____,
declaro que fui esclarecido sobre o estudo "Conduta e o estilo de ensino dos treinadores: a quadra como um estudo de caso", e concordo, de modo voluntário a fazer parte da pesquisa e que os meus dados sejam utilizados no estudo.

Atesto também, o recebimento de informações, necessárias a minha compreensão do estudo.

_____ de _____ de 2005.

Assinatura: _____ RG: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
Coordenadoria de Pós-Graduação em Educação Física
Campus Universitário - Trindade - Florianópolis/SC - CEP 88040-900
Fone (048) 331-9926 Fax (048) 331-9792 - E-MAIL
mestrado@cds.ufsc.br



DECLARAÇÃO

Declaro que no desenvolvimento do projeto de pesquisa “Conduta e o estilo de ensino/treino dos treinadores: a quadra como um estudo de casos”, cumprirei os termos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Declaro, ainda, que não há conflitos de interesses entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto em questão.

Florianópolis, 31 de março de 2005.

Viktor Shigunov
Pesquisador Responsável/Orientador

Giancarlo B. M. Bruno
Pesquisador Principal/ Mestrando

ANEXO III - Modelo do roteiro da entrevista que será realizada com os treinadores responsáveis pelas equipes dos esportes de quadra

Roteiro de Entrevista Semi-estruturada

Biografia

Dados pessoais de identificação

Formação acadêmica em Educação Física e Esporte

Experiência como atleta

Experiência profissional e Concepção de ensino

Concepção didático-metodológica e planejamento dos JEOC

Estabelecida pelo instrumento em Anexo

Conduta

Estabelecida pelo instrumento em anexo

Estilo de ensino/treino

Estabelecida pelo instrumento em anexo

Outras questões que são importantes no julgamento dos treinadores

ANEXO IV - Roteiro de entrevista sobre formação, experiência como jogador,
experiência profissional e concepção de ensino.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
Coordenadoria de Pós-Graduação em Educação Física -
MESTRADO



Campus Universitário - Trindade - Florianópolis/SC - CEP 88040-900
Fone (048) 331-9926 Fax (048) 331-9792
Home page – www.cds.ufsc.br

ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE FORMAÇÃO, EXPERIÊNCIA COMO JOGADOR, EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL E CONCEPÇÃO DE ENSINO.

(Adaptado de Afonso, 2001)

Nome:

Data de Nascimento:

Local e data:

1ª ENTREVISTA

Na primeira parte gostaria de saber da sua formação acadêmica em Educação Física e no Esporte como áreas de estudo.

1- Sobre sua formação profissional.

Você é formado em Educação Física?

Há quanto tempo?

O que o motivou a ser Professor de Educação Física?

Em que áreas de estudos você mais se dedicou ou se especializou?

Quais os pontos fortes do curso?

Quais os pontos fracos do curso?

Quais os trabalhos mais relevantes que você produziu?

Em que área você gosta mais de atuar e por quê?

As questões seguintes referem-se aos aspectos da experiência como jogador de (MODALIDADE).

2- Sobre sua experiência como jogador.

Você foi jogador de (MODALIDADE)?

Quanto tempo, teve de prática federativa?

Com quantos anos iniciou a sua prática no (MODALIDADE)?

Quais os categorias que você participou como jogador?

Qual o nível mais elevado de competição que você participou?

Participou de competições em outras categorias? Se sim diga quais?

2ª ENTREVISTA

Nesta parte serão abordadas as questões referentes ao (MODALIDADE), da experiência profissional e a concepção de ensino.

3- Sobre a sua experiência profissional e a concepção de ensino

Qual é o seu nível de formação federativa em (MODALIDADE)?

O que levou você a ser treinador de (MODALIDADE)?

E qual o significado e o papel de ser treinador?

Quantos anos de prática você possui como treinador de (MODALIDADE)?

Em que categorias?

Se tem formação acadêmica em (MODALIDADE), em que área concentrou seus estudos?

Quais os seus pontos fortes no conhecimento do (MODALIDADE)?

E quais os pontos fracos?

O conhecimento que você possui do (MODALIDADE) provém de que fontes? É capaz de atribuir pesos relativos as diversas fontes?

Você possui produção científica em (MODALIDADE)? Quais ?

Em seu entender, que conhecimentos deverá possuir o treinador, para ser um especialista em (MODALIDADE)?

Nesta parte as questões são pertinentes a concepção didático metodológica e do planejamento do (MODALIDADE).

Na sua concepção do treino do (MODALIDADE), que objetivos você estabelece para o ensino nas diferentes categorias que você trabalha?

Quais os fundamentos que devem ser trabalhados primeiro, e o que se deve enfatizar no ensino do (MODALIDADE) na fase de formação?

Que fatores leva em consideração na elaboração do planejamento do treino do (MODALIDADE) na categoria que você trabalha?

Quando planifica os objetivos em que concretiza o seu plano?

E como projeta as atividades a serem trabalhadas?

O que você explicita no plano da semana e do dia?

E como faz o controle do trabalho?

Como você ensina o (MODALIDADE) e quais as adaptações são necessárias para que os atletas possam aprender os fundamentos e o jogo?

Quais devem ser as qualidades e as virtudes essenciais do treinador do mesmo nível em que você trabalha?

Quer fazer algum depoimento que possa esclarecer melhor a sua concepção sobre o ensino do (MODALIDADE) na categoria em que você trabalha?

ANEXO V- Questionário de avaliação da conduta

AVALIAÇÃO DA CONDUTA DO TREINADOR

Condutas reativas

Reações ao rendimento desejável

1. Reforço Reação positiva (reforçadora) verbal ou não verbal, a uma boa ação ou bom rendimento.
2. Ausência de reforço Ausência de reação frente à uma boa ação ou rendimento.

Reações aos erros e fracassos

- | | |
|---|--|
| 1. Apoio após um erro ou fracasso. | Apoio dado ao atleta após um erro |
| 2. Orientação técnica após erro como corrigir o erro. | Ensinar ou demonstrar ao atleta |
| 3. Reprovação após um erro ou fracasso. | Reação negativa, verbal ou não verbal, |
| 4. Orientação técnica punitiva após erro ou fracasso. | Orientação técnica dada de modo hostil |
| 5. Ausência de reação fracasso. | Ausência de reação frente a erro ou |

Reações a condutas inadequadas

- | | |
|---|--|
| 1. Manutenção do controle emocional dos atletas | Reação para restaurar ou manter o equilíbrio |
| 2. Ausência de reação | Não reage frente a condutas inadequadas de atleta/equipe |

Conduta espontânea- Associados à competição (durante o treino)

Orientação técnica geral

Apoio geral

Organização

Treinador: Clube:

Categoria: Local: Data da Obs.:/...../..

Horário de inícioHorário de término:

Nome do Observador:

.....

(Becker Jr. ,2000. Adaptado de Smoll e Smith, 1984)

ANEXOS VI - Questionário de avaliação do estilo de ensino/treino nas dimensões da produtividade e humanista.

INVENTÁRIO DO ESTILO DE ENSINO/TREINO DO TREINADOR

Para a observação do estilo de ensino/treino do treinador que estás investigando, circunde o número que te pareça mais adequado em cada um dos itens, de acordo com o seguinte critério:

1= Nada 2= Um pouco 3= Bastante 4= Muito

Dimensão humanista

Estilo de ensino/treino democrático.	1	2	3	4
Estilo de ensino/treino adequado à idade do atleta.	1	2	3	4
Usa tom de voz positivo.	1	2	3	4
Utiliza gestos positivos.	1	2	3	4
Dá abundante <i>feedback</i> .	1	2	3	4
Promove abundante integração dos atletas.	1	2	3	4
Procura integrar-se com todos os atletas.	1	2	3	4
Aprova as iniciativas adequadas.	1	2	3	4
Conduta de entusiasmo no treinamento.	1	2	3	4
Põe atenção nas iniciativas dos atletas.	1	2	3	4
Atletas ficam motivados no treino.	1	2	3	4
Favorece que os atletas ajudem um ao outro.	1	2	3	4
As sessões de treinamento são atraentes.	1	2	3	4

TOTAL

Observações:

.....
.....
.....

(Becker Jr. ,2000. Adaptado de Liukkonen, Salminen e Telama, 1989)

INVENTÁRIO DO ESTILO DE ENSINO/TREINO DO TREINADOR

Para a observação do estilo de ensino/treino do treinador que estás investigando, circunde o número que te pareça mais adequado em cada um dos itens, de acordo com o seguinte critério:

1= Nada 2= Um pouco 3= Bastante 4= Muito

Dimensão de produtividade

Tem habilidade de organizador.	1	2	3	4
Utiliza instalações e materiais com eficiência.	1	2	3	4
Estilo de ensino/treino adequado à idade dos atletas.	1	2	3	4
Possui habilidade específica para o esporte.	1	2	3	4
Usa um alto volume de voz.	1	2	3	4
Apresenta uma clara verbalização.	1	2	3	4
Usa demonstrações corretas.	1	2	3	4
Os exemplos são muito claros.	1	2	3	4
Usa abundante <i>feedback</i> .	1	2	3	4
Conduta de entusiasmo no treinamento.	1	2	3	4
Motivação de cumprir as tarefas.	1	2	3	4
Atletas ficam empolgados para o treino.	1	2	3	4
Atletas ficam pouco tempo passivos.	1	2	3	4
Usa poucos intervalos.	1	2	3	4
Atletas estão sempre atentos.	1	2	3	4

TOTAL

Observações:

.....

(Becker Jr. ,2000. Adaptado de Liukkonen, Salminen e Telama, 1989)

ANEXO VII - Grelha de Observação da conduta e estilo de ensino/treino durante os treinos

GRELHA DE OBSERVAÇÃO

DATA DA OBSERVAÇÃO:

CÓD.ID.:

LOCAL DO TREINO:

HORÁRIO DE INÍCIO:HORÁRIO DE TÉRMINO:

DIMENSÃO DAS CONDUTAS:

Condutas reativas

Reações ao rendimento desejável

A) reforço B) Ausência de reforço

Reações aos erros e fracassos

C) Apoio após um erro

D) Orientação técnica após erro

E) Reprovação

F) Orientação técnica punitiva

G) Ausência de reação

Reações a condutas inadequadas

H) Manutenção do controle

I) Ausência de reação

DIMENSÃO DOS ESTILOS DE ENSINO

(classificar 1= Nada ; 2= Um pouco; 3= Bastante; 4= Muito)

1) HUMANISTA:

Estilo de ensino/treino democrático.	1	2	3	4
Estilo de ensino/treino adequado à idade do atleta.	1	2	3	4
Usa tom de voz positivo.	1	2	3	4
Utiliza gestos positivos.	1	2	3	4
Dá abundante <i>feedback</i> .	1	2	3	4
Promove abundante integração dos atletas.	1	2	3	4
Procura integrar-se com todos os atletas.	1	2	3	4
Aprova as iniciativas adequadas.	1	2	3	4
Conduta de entusiasmo no treinamento.	1	2	3	4
Põe atenção nas iniciativas dos atletas.	1	2	3	4
Atletas ficam motivados no treino.	1	2	3	4
Favorece que os atletas ajudem um ao outro.	1	2	3	4
As sessões de treinamento são atraentes.	1	2	3	4

2) PRODUTIVIDADE:

Tem habilidade de organizador.	1	2	3	4
Utiliza instalações e materiais com eficiência.	1	2	3	4
Estilo de ensino/treino adequado à idade dos atletas.	1	2	3	4
Possui habilidade específica para o esporte.	1	2	3	4
Usa um alto volume de voz.	1	2	3	4
Apresenta uma clara verbalização.	1	2	3	4
Usa demonstrações corretas.	1	2	3	4
Os exemplos são muito claros.	1	2	3	4
Usa abundante <i>feedback</i> .	1	2	3	4
Conduta de entusiasmo no treinamento.	1	2	3	4
Motivação de cumprir as tarefas.	1	2	3	4
Atletas ficam empolgados para o treino.	1	2	3	4
Atletas ficam pouco tempo passivos.	1	2	3	4
Usa poucos intervalos.	1	2	3	4
Atletas estão sempre atentos.	1	2	3	4

Conduta (Becker Jr. ,2000. Adaptado de Smoll e Smith, 1984)

Estilo de ensino/treino (Becker Jr. ,2000. Adaptado de Liukkonen, Salminen e Telama, 1989)

ANEXOS VIII - Parecer do comitê de ética da UFSC



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS
PARECER CONSUBSTANCIADO - PROJETO N° 098/05

I – Identificação

Título do Projeto: A conduta e o estilo dos treinadores: a quadra como um estudo de caso

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Viktor Shiginov

Pesquisador Principal: Giancarlo Bazarela Machado Bruno

Data Coleta dados: maio /2005 a fev/2006

Local onde a pesquisa será conduzida: dependências dos locais de treinamento das equipes representantes das cidades de Florianópolis, Joinville e Blumenau nos jogos abertos de Santa Catarina das modalidades de handebol, basquetebol, voleibol e futsal, do naipe masculino.

II - Objetivos:

a) **geral:** investigar as diferentes condutas dos treinadores de esportes de quadra participantes do JASC

b) **específicos:**
. relacionar a conduta e o estilo de ensino com o tipo de modalidade
. comparar a conduta e o estilo de ensino entre as modalidades de esportes de quadra

III - Sumário do Projeto : O estudo consiste na coleta de dados a partir de entrevistas, numa primeira etapa, filmagens e observações, numa segunda etapa

descrição e caracterização da amostra: a amostra será formada por 12 treinadores, numa primeira etapa. Na segunda etapa, serão escolhidos 4 treinadores

Adequação da metodologia e das condições: a abordagem utilizada é adequada

IV – Comentários frente à Resolução 196/96 CNS e complementares: O protocolo da pesquisa contém documentos necessários para a sua análise e exigidos pela legislação. Não há estimativas de risco para os sujeitos. Quanto aos benefícios, espera-se que os resultados da pesquisa possam contribuir para fornecer subsídios para os treinadores de esportes em relação a sua própria conduta e estilo de ensino.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): consta do protocolo e está devidamente redigido. Contudo, no TCLE, faltam os telefones para contato dos pesquisadores.

PARECER DO CEP

- aprovado
 reprovado
 com pendência(detalhes da pendência abaixo citados)
 retirado
 aprovado e encaminhado ao CONEP

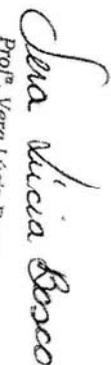
Informamos que o parecer dos relatores foi aprovado por unanimidade em reunião deste Comitê na data de 25 de abril de 2005.

PARECER FINAL DO CEP

- aprovado
 reprovado
 com pendência(detalhes da pendência abaixo citados)
 retirado
 aprovado e encaminhado ao CONEP

Justificativa: Tendo em vista o cumprimento as pendências, somos de parecer favorável a aprovação do projeto.

Informamos que o parecer dos relatores foi aprovado por unanimidade, em reunião deste Comitê na data de 29/08/2005.


Profa. Vera Lúcia Bosco
Coordenadora do CEP/SH/UFSC

Fonte: CONEP/ANVS - Resoluções 196/96 e 251/97 do CNS.